

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

JOÃO MARCOS ALVES MARQUES

**O EXÉRCITO ROMANO E AS REPRESENTAÇÕES DO DEUS MITRA:
POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS**

FORTALEZA-CEARÁ

2017

JOÃO MARCOS ALVES MARQUES

O EXÉRCITO ROMANO E AS REPRESENTAÇÕES DO DEUS MITRA:
POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Culturas.

Orientadora: Prof^a. Pós Dr^a. Silvia Márcia Alves Siqueira.

73F2-BDD6-6887-5CDD-7AA1

FORTALEZA-CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Marques, João Marcos Alves .

O exército romano e as representações do deus Mitra: possibilidades interpretativas [recurso eletrônico] / João Marcos Alves Marques. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 114 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: História e Culturas.

Orientação: Prof.^a Ph.D. Silvia Márcia Alves Siqueira.

1. Império Romano. 2. Mitraísmo. 3. Exército Romano. I. Título.

JOÃO MARCOS ALVES MARQUES

O EXÉRCITO ROMANO E AS REPRESENTAÇÕES DO DEUS MITRA:
POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS

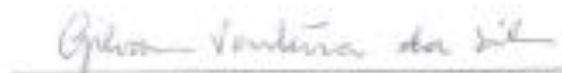
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Culturas.

Aprovado em: 15 de agosto de 2017

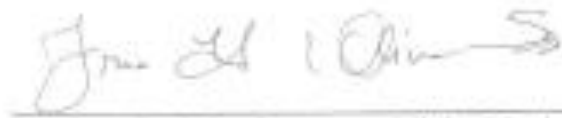
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Silvia Márcia Alves Siqueira
Universidade Estadual do Ceará-UECE
Orientadora



Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Membro



Prof. Dr. Francisco Edi de Oliveira Sousa
Universidade Federal do Ceará – UFC
Membro

AGRADECIMENTOS

Durante os mais de dois anos de mestrado pude aprender bastante e das mais variadas formas, seja em disciplinas, pesquisas, leituras, conversas com amigos, viagens e etc. E em cada um desses momentos pude crescer não apenas como pesquisador, mas também como um ser humano que busca sempre conhecer mais do mundo e também a si mesmo, nesse sentido o único sentimento que posso expressar no momento é o de mais profunda gratidão por tudo que se passou.

Agradeço a Deus que em sua infinita misericórdia me concedeu o dom da vida, sem ele eu não seria nada.

Aos meus pais e minha irmã pela compreensão, amor incondicional e pelo apoio constante em tudo o que me proponho a fazer, saber que vocês sempre torcem por mim me dá forças para continuar. Amo vocês sempre.

A minha tia Glaucione e aos meus avós que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e me ajudando em tudo o que faço. Vocês são imprescindíveis em minha vida.

A minha querida orientadora Prof^ª. pós Dr^ª. Silvia Márcia Alves Siqueira que desde a graduação me acompanha e sempre esteve presente, me ajudando, me ouvindo, me incentivando e sendo bastante paciente em minhas limitações, não existem palavras para expressar minha gratidão por tudo que ela fez por mim, um exemplo de profissional e de pessoa.

A minha querida amiga Bruna Aparecida Barros, minha eterna rainha, que acompanhou todos os momentos dessa dissertação e que contribuiu de formas variadas para que essa pesquisa fosse possível, seja nas angústias (que não foram poucas) ou nos sorrisos (que também foram muitos). Ela é uma pessoa muito especial e a amo muito.

A Gabriela Bandeira, minha irmã gêmea (rsrsrs), que desde o início me incentivou a tentar a seleção do mestrado e que desde então tem sempre se mostrado interessada em trilhar esse caminho junto comigo. Te amo.

Ao meu grande amigo Mário Neto, que me incentivou sempre a dar o melhor de mim para que essa pesquisa fosse feita com empenho e afinco.

A Brayan Correia, que em diversos momentos importantes durante minha trajetória acadêmica sempre esteve presente pronto a me ajudar.

As minhas queridas, Marília Marques e Márcia Rodrigues que assim como eu nutrem uma paixão por história antiga e desde a graduação estiveram ao meu lado, me ouvindo, me

impulsionando e também tornando diversos momentos mais leves e memoráveis. Elas são incríveis.

A turma do de 2015.1 do mestrado acadêmico em História (MAHIS), cada um a sua maneira está presente nesse trabalho e sem dúvida alguma a jornada durante esses dois anos de mestrado foi mais fácil de ser trilhada pois eles estiveram presentes.

Aos professores Francisco José Gomes Damasceno, Gerson Júnior e Zilda Lima pelas contribuições durante as disciplinas de pesquisa e metodologia.

Aos professores Gleudson Passos e Francisco Edi pelos diversos apontamentos e sugestões feitos durante a qualificação e que foram extremamente válidas para que a pesquisa ganhasse um novo direcionamento.

A Banca de Defesa que aceitou o convite composta pelos professores doutores: Franciso Edi, Gilvan Ventura da Silva e minha orientadora Silvia Márcia Alves Siqueira. Obrigada!

A dona Silvia, que sempre com um sorriso recebia nossa turma e sempre estava disposta a ajudar.

Ao Neto por sempre me auxiliar nas questões burocráticas relativas ao mestrado.

A CAPES por ter me concedido a oportunidade de me dedicar durante dois anos a minha pesquisa de forma integral

“Lembre-se romano, e você que é responsável
por conquistar os povos”

(VIRGILIO)

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo buscar compreender em que medida os preceitos apresentados pela religião mitraica e as representações do deus Mitra podem ter atuado de forma determinante para que os membros do exército romano se fizessem tão presentes nesse culto a ponto de tornarem-se um dos maiores grupos de propagandistas dessa divindade ao longo do vasto Império Romano. O mitraismo trata-se de um culto de mistérios secreto oriundo da Ásia Menor e que foi bastante popular no Império Romano durante os séculos II a IV d.C. Dentre a composição social de fieis desse culto encontra-se de forma expressiva a participação do exército romano, sendo assim será a pesquisa pensada, tendo como base as fontes literárias, imagéticas e epigráficas relativas a esse deus, os possíveis atrativos específicos que esse culto apresentava a esse grupo, visto que além de apresentar uma possível dimensão pós vida aos seu fieis, o deus Mitra é representado como um deus *Invictus*, que nunca é vencido, e sempre está pronto para as adversidades que surgem em seu caminho. Além disso, será pensado durante a pesquisa no importante papel que o exército romano teve para que o mitraismo fosse difundido por entre as diversas regiões que compunham o Império.

Palavras-chave: Império Romano. Mitraismo. Exército Romano.

ABSTRACT

This research aims to understand to what extent the precepts presented by the Mithraic religion and the representations of the god Mitra may have acted in a determinant way so that the members of the Roman army became so present in this cult to the point of becoming one of the greatest Groups of propagandists of this divinity throughout the vast Roman Empire. Mithraism is a secret mystery cult originating in Asia Minor and was very popular in the Roman Empire during the second to fourth centuries AD. Among the social composition of worshipers of this cult is expressively the participation of the Roman army, Being thus the research considered, based on the literary, imagery and epigraphic sources related to this god, the possible specific attractions that this cult presented to this group, since besides presenting a possible post-life dimension to its faithful, God Mitra is depicted as an Invictus god, who is never defeated, and is always ready for the adversities that come his way. In addition, it will be thought during the research on the important role that the Roman army had in order that the Mithraism was spread among the diverse regions that comprised the Empire.

Keywords: Roman Empire. Mithraism. Roman Army.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Distribuição das Legiões nas Províncias Imperiais romanas.....	25
Figura 2 – Cena da Coluna de Trajano.....	28
Figura 3 – Cena sacrificial da Coluna de Trajano	36
Figura 4 – Cerimônia Isíaca.....	45
Figura 5 – Mitra nasce de uma pedra.....	54
Figura 6 – Mitra caça o touro antes do sacrifício.....	56
Figura 7 – Mitra sacrifica o touro na gruta.....	57
Figura 8 – Mapa com a localização de Mitreus no mundo.....	61
Figura 9 – Mitreu de São Clemente em Roma.....	62
Figura 10 – Planta do Mitreu de Aquincum em Budapeste.....	63
Figura 11 – Mapa dos Mitreu na cidade de Roma.....	65
Figura 12 – Mosaico encontrado no Mitreu de Felicíssimo em Óstia.....	69
Figura 13 – Sarcófago “Grande Ludovisi”	73
Figura 14 – Mitra sacrificando o touro.....	89
Figura 15 – Mitra como um caçador no Mitreu de Dura-Europos.....	93
Figura 16 – Afresco do Mitreu de Besigheim.....	94
Figura 17 – Mitra cavalgando um cavalo galopante.....	96
Figura 18 – Altar em homenagem a Mitra encontrado em Ptuj.....	97
Figura 19 – Mapa do Império Romano no século II d.C.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIL	Corpus Inscriptionum Latinarum
CIMRM	Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religiones Mithrae
RIB	Roman Inscriptions of Britain

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O EXÉRCITO E VIDA RELIGIOSA: UM ESTUDO.....	22
2.1	A ESTRUTURA DO EXÉRCITO ROMANO IMPERIAL.....	22
2.2	RELIGIÃO ROMANA E O EXÉRCITO ROMANO.....	30
2.3	CULTOS ORIENTAIS EM ROMA.....	40
3	MITRAISMO ENTRE O OCULTO E O REVELADO.....	49
3.1	UMA BREVE DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA ACERCA DO MITRAISMO.....	49
3.2	.O MITO DE MITRA ENTRE SUPOSIÇÕES E VARIAÇÕES.....	52
3.3	GRUTA DE MITRA: LOCAL DE MISTÉRIOS.....	60
3.4	“SETE GRAUS A SE TRILHAR”: A JORNADA DO MITRAISTA.....	68
4	O EXÉRCITO E O MITRAISMO: ENTRE O DIVINO E O SECRETO.....	79
4.1	EXÉRCITO ROMANO E MITRA: UMA BUSCA POR UMA DIMENSÃO EXTRA MUNDO.....	80
4.2	REPRESENTAÇÕES DE MITRA E O MUNDO BÉLICO: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS.....	87
4.3	O EXÉRCITO ROMANO COMO DISSEMINADOR DO CULTO MITRAICO NO IMPÉRIO ROMANO.....	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o campo de estudos relativos aos temas de antiguidade vem crescendo cada vez mais, e isso pode ser observado tanto através de diversas publicações de pesquisadores brasileiros, como coletâneas de artigos e livros de autoria própria, como também pelo grande número de produções de monografias, dissertações e teses que são desenvolvidas nos programas de graduação e pós-graduação, e nesse sentido é válido frisar que:

A História Antiga ocupa, assim, uma parte importante em nossa identidade como pessoas e nação. Pensar sobre a História Antiga é uma maneira de pensarmos e repensarmos nosso lugar em um mundo em rápida transformação. Não se trata de uma questão ociosa. A identidade de uma pessoa, um grupo ou uma coletividade é que lhe permite pensar sobre si mesmo, repensar seu passado e reconhecer seus limites e suas potencialidades para construir seu próprio futuro. (GUARINELLO, 2013, p.8).

Ou seja, mesmo sociedades tão distantes da nossa, com culturas, sistemas religiosos e configurações tão distintas ainda sim se fazem presentes em nosso cotidiano, seja nos aspectos jurídicos, na construção linguística, na literatura, na filosofia, bem como através de diversos outros meios. E é essa relevância constante que faz com que pesquisadores se debrucem cada vez mais sobre as diversas temáticas relativas ao mundo antigo. Não se trata de uma tarefa fácil, entretanto, como exposto no início mais acima, é notório o crescimento apresentado pelos estudos das sociedades antigas no Brasil.

E relativa à produção nacional de conhecimento sobre História Antiga pode ser citado como exemplo o grupo de trabalho em história antiga da ANPUH (Associação dos Pesquisadores Universitários de História), que reúne pesquisadores da área do Brasil e busca discutir em suas várias produções os diversos temas e problemas próprios do estudo das sociedades antigas; As múltiplas formas de preservação, transmissão e recepção da tradição antiga na modernidade e no Brasil, em particular; As diversas possibilidades metodológicas para se estudar o Mundo Antigo, com especial referência às semelhanças e diferenças com o mundo contemporâneo.

No Ceará, nota-se um aumento gradativo das pesquisas relativas a antiguidade, mesmo que de forma tímida é possível perceber o interesse de alunos de graduação e pós-graduação por essa temática, como é o caso da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que mantém o grupo de pesquisa em Cultura Escrita na Antiguidade e na Medievalidade (ARCHEA), sobre a coordenação da prof^a Dr^a Silvia Siqueira e o prof. Dr. Gleudson Passos, e que ao longo dos

anos vem desenvolvendo estudos relevantes relativos aos temas tanto de antiguidade como de medievalidade.

No caso a escolha do tema da atual pesquisa é reflexo de um interesse pessoal por estudar mais a fundo elementos relativos à história antiga, essa escolha se deu desde o período de graduação, quando na disciplina de pré-projeto da monografia, conversei com a professora pós Dra. Silvia Siqueira, professora da disciplina de História Antiga II, sobre alguma temática que poderia ser abordada para a construção de um trabalho monográfico e ela me indicou que lesse a obra *Metamorfoses* ou o *Asno de Ouro* de Apuleio, durante o período de leitura da obra me deparei com um grupo considerável de informações e representações relativas tanto à religião romana como também à utilização de práticas mágicas, e esse aspecto me chamou bastante atenção; a diferenciação feita entre essas duas práticas, e nesse sentido conversei com a prof^a Silvia, apresentei a minha proposta embrionária de pesquisa e ela prontamente me auxiliou, indicando obras e trabalhos que pudessem me ajudar na construção da pesquisa.

No período restante até o fim do curso de graduação me dediquei a dar continuidade à pesquisa sobre a obra *Metamorfoses*, e aos poucos a mesma foi ganhando forma, capítulos, divisões, cortes, recortes, aprofundamentos até culminar na escrita final da monografia, que continuou com a temática que propus inicialmente, a de discutir sobre religião e magia no Império Romano tendo como fonte de pesquisa a obra *Metamorfoses* e outras obras secundárias, porém ao me aprofundar na temática relativa a religião romana me deparei com outra forma de contato com o âmbito do sagrado praticado em Roma, que no caso, eram os cultos orientais, cultos oriundos do Egito, Pérsia e Ásia Menor, que possuíam uma série de especificidades que os diferenciavam das práticas religiosas romanas oficiais.

A temática dos cultos orientais apareceu em minha pesquisa graças à obra *Metamorfoses* pelo fato de que grande parte da narração feita por Apuleio, autor da obra, ser relativa aos cultos orientais, no caso os cultos para deusa Siria e para a deusa Isis, e especialmente a deusa Isis, já que nessa obra encontra-se um vasto relato sobre o processo de iniciação de Apuleio no culto à ela, tanto sua dimensão pública quanto a dimensão mistérica são retratadas nessa obra. Estudando a fundo sobre o tema dos cultos orientais fui me deparando com um novo grupo de divindades como Átis, Isis, Osiris, Cibele e Mitra, e ao me aprofundar nesses estudos fui cada vez mais me interessando por esses cultos, que além de proporcionar um contato maior do fiel com sua divindade, aponta ainda que de forma inconclusiva para uma dimensão pós vida, e as vezes até mostrando uma espécie de salvação.

Enfim ao estudar os cultos orientais, me interessei por uma divindade bastante específica e fascinante, o deus Mitra, cujo culto a ele oferecido foi cada vez mais me atraindo por suas características, de ser um culto de cunho secreto, sem dimensão pública, excludente com relação a mulher e que possuía uma intrínseca relação com a astrologia. Ao me aprofundar mais em meus estudos e pesquisas, percebi que existia a recorrência em afirmar da importância do papel do soldado romano como um dos grupos mais importantes para a difusão do culto mitraico, porém sempre que lia essa informação nunca encontrei trabalhos que realmente problematizassem a fundo esse papel do exército romano, apenas encontrava breves citações e comentários, nesse sentido decidi por estudar mais a fundo o mitraísmo e procurar fontes que pudessem me ajudar a pensar melhor este aspecto, e aos poucos fui encontrando textos literários, imagens, e livros compilados de fontes epigráficas que me auxiliaram a pensar em uma problemática para minha pesquisa.

Nesse sentido a presente pesquisa tem por objetivo tentar compreender em que medida os preceitos religiosos apresentados pela religião mitraica e as representações do deus Mitra podem ter atuado de forma determinante para que os membros do exército romano imperial se fizessem tão presentes nesse culto a ponto de tornarem-se um dos maiores grupos de propagandistas dessa divindade ao longo do vasto Império Romano.

Inicialmente é importante compreender que o mitraísmo trata-se de um culto de mistérios¹ que foi bastante proeminente durante o final do século II d. C até o IV d.C ao longo do território romano imperial, e esse será o recorte cronológico de nossa pesquisa, visto que as fontes sobre essa temática são bastante espaçadas, necessitando assim alargar a temporalidade da pesquisa para que possa ser apreendido o maior número de fontes possíveis afim de que seja construída uma discussão mais ampla sobre o mitraísmo. O provável local de origem desse culto foi a Ásia menor, mais especificamente no antigo Irã, e nesse contexto específico o deus Mitra era venerado, sobretudo como uma divindade solar responsável pelos pactos e por ser o deus guerreiros. Entretanto nota-se que no mundo imperial romano esse deus é caracterizado por uma dimensão esotérica e iniciática bastante distinta de seu contexto de origem (SANZI, 2006, p.45).

As configurações desse culto em solo romano são únicas e isso pode ser constatado desde a própria configuração de seu culto que, como dito anteriormente, não apresentava uma

¹ Cultos de mistérios referem-se a uma estrutura ritual bem dividida e constituem-se como uma forma de religião pessoal, que depende de uma decisão privada e aspira alguma forma de salvação através da proximidade com a divindade (BURKET, 1992, p. 25).

dimensão pública. As cerimônias religiosas eram realizadas em templos denominados de mitreus, os mesmos possuíam dimensões reduzidas e eram feitos em locais subterrâneos, afim de que assim fossem mantidos os segredos desse culto. Por se tratar de um culto de mistérios o mitraísmo dispunha de um complexo sistema de iniciação, que era dividido em sete graus, nomeados de forma ascendente de *corax*, o *nymphus*, o *miles*, o *leo*, o *perses*, o *heliodromus*, e o *pater*², e cada um desses graus aparentemente estavam sob a tutela de um planeta (CLAUSS, 2001, p.63).

Por não dispor de um grupo fontes literárias expressivas é bastante delicado definir uma narrativa única para o mito do deus Mitra, já que são pouquíssimas obras que narram passagens referentes a história desse deus. Entretanto, em contrapartida a esse fato há um abundante número de fontes imagéticas que lançam luz sobre a mitologia mitraica e dentre um grupo rico de imagens feitas em homenagens a esse deus a cena tauroctonia é a mais emblemática sem dúvida, visto que a mesma encontra-se presente em todos os monumentos dedicados a Mitra. Trata-se de uma cena extremamente simbólica na qual o deus aparece trajando uma roupa tipicamente persa e oficiando o sacrifício de um touro com o auxílio de uma adaga. Além de representar a morte do animal, a cena é constituída de outros elementos simbólicos, como um cachorro, uma cobra que aparece ingerindo o sangue do boi morto, um escorpião picando a parte genital do boi, também é recorrente a presença do sol, da lua e de outros elementos astrológicos e símbolos zodiacais, e como veremos ao longo da dissertação esse grupo de símbolos e representações desempenhavam um importante papel nas iniciações mitraicas (ULANSEY, 1991, p.55).

Como já foi dito anteriormente, uma figura marcante para a difusão dos cultos mitraicos foi o soldado romano, já que ao mesmo tempo em que Roma usava o seu exército como uma forma de introduzir a religião do estado aos novos cidadãos das províncias conquistadas, existia também o processo contrário em que diversos soldados, por estarem servindo e instalados temporariamente nas fronteiras orientais, eram introduzidos a um novo grupo de divindades e muitas vezes acabavam por se tornar praticantes e difusores de elementos culturais e religiosos de outros povos por entre o vasto território romano (MACMULLEN, 1981, p.65).

Sendo assim, é válido destacar que:

² Os seguintes graus de iniciação eram nomeados de o corvo, o noivo, o soldado, o leão, o persa, o corredor do sol e o pai, o último e mais importante grau da doutrina mitraica.

O grande número de soldados e dependentes associados ao exército significava que eles tinham um impacto social, econômico, e cultural significativo nos assentamentos que cresceram em torno dos campos de batalha em algumas das comunidades onde se estabeleceram após suas dispensas. Os privilégios dos soldados os separaram de outros homens de sua classe, e a posição melhorada de veteranos os estabeleceu como um grupo muito importante por direito próprio, parte integrante de todo o fenômeno do “governo romano”. O estudo do exército romano, portanto, abraça não só a história militar, mas também política, social e econômica (tradução livre. CAMPBELL, 1994, p.1).

Nota-se, com base no trecho acima, o impacto social e cultural que o exército romano teve durante o período imperial, que pela sua mobilidade social e pela própria composição interna do exército que agregava dentro si diversos grupos étnicos provenientes das regiões sobre dominação romana, já que desde a época de Augusto o recrutamento provincial se fazia presente no Império, e essa prática consistia na admissão de cidadãos provenientes de outras regiões conquistadas nas legiões imperiais (WEBSTER, 1985, p.102), ocorrendo que:

O exército, unindo assim cidadãos e emigrantes de todas as partes do mundo, mantinha um incessante intercâmbio de oficiais e centuriões e até mesmo de guarnições inteiras, de uma província a outra, de acordo com as variadas necessidades do dia, criando, nas remotas fronteiras do mundo romano, uma rede de comunicação ímpar (CUMONT, 2004, p.49).

E é nesse contexto específico de irmandade e de lealdade a Roma que será possível observar o florescimento e disseminação do mitraísmo por entre as regiões nas quais o exército se fazia presente. Já que nota-se um grupo considerável de fontes epigráficas e imagéticas encontradas por entre os campos de batalhas e nos fortes, bem como também é possível observar a presença de diversos mitreus erguidos ao longo de todo o Império Romano.

Dito isto o presente estudo se pautará em buscar compreender quais os atrativos apresentados pelo mitraísmo para com exército romano e para que isso seja possível é essencial conhecer como o exército estava estruturado, suas particularidades e também qual era o papel da religião para esse grupo social, sendo assim as obras de CAMPBELL (1994), DAVIES (1989), HENING (1970), LE BOHEC (1994, 2003) e WATSON (1969) foram essenciais para a compreensão do mundo militar romano.

E com relação ao mitraísmo os trabalhos de ALVAR (2008), BECK (2006), BURKET (1992), CAMPOS (2006), CLAUSS (2001), SANZI (2006), TURCAN (2001) e ULANSEY

(1991) foram primordiais para que o estudo desse culto se tornasse mais claro, visto que por se tratar de uma expressão religiosa bastante específica e permeada por incongruências e questionamentos, as análises e visões desses autores contribuíram para alargar a visão sobre o que poderia ter sido a experiência mitraica no Império Romano.

Aprofundando nosso referencial teórico nos aproximamos da Nova História Cultural e nos estudos e considerações feitas por Roger Chartier em relação às *representações*, que podem ser enxergadas no sentido do modo como, em diferentes lugares e momentos certa realidade social é construída, pensada e lida por meio de classificações e recortes que criam significados variados graças aos qual o mundo em que vivemos adquire sentido (CHARTIER, 1987 p.17 apud. NETO, 2011, p. 22).

O historiador Roger Chartier nos explica:

[...] O porquê da importância da noção de representação que permite articular três registros: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ser reconhecida; enfim a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002, p, 11.).

Dessa forma utiliza-se o conceito de representação a fim de buscar compreender qual era a percepção tida pelos mitraistas para com a natureza divina de Mitra, qual era sua caracterização, seus atributos, e suas particularidades, e nesse ponto será questionado em que medida as representações feitas acerca desse deus podem ter sido determinantes para que os soldados se sentissem inclinados a se identificar com a natureza deus. Visto que de uma forma geral as representações do deus Mitra aludem a uma divindade advinda de um contexto bélico, no qual o mesmo é representado sempre em pose heroica, trajando roupas vermelhas em estilo oriental, um manto esvoaçante da cor escarlata, uma espécie de chapéu tipicamente persa e portando uma adaga ou arcos e flechas, remetendo sempre a um ambiente permeado por perigos e combates. Sendo assim, o peso das representações feitas acerca do deus Mitra será pensado ao longo da pesquisa visando perceber sua importância para a adesão do mitraísmo por parte do exército romano.

Outro conceito relevante para a pesquisa será o de identidade que também encontra-se no campo da história cultural, e trata-se enquanto representação social, de uma construção simbólica de sentido, na qual a ideia de pertencimento a um grupo, ou a uma sociedade, por

exemplo, torna-se um sistema compreensivo e uma construção imaginária que consequentemente produz uma coesão social. Visto que permite a identificação de um indivíduo com uma coletividade, ou seja, de uma parte com um todo. Entretanto, por outro lado esta identificação também estabelecerá a diferença, pois a identidade é relacional, constituindo-se assim de uma alteridade, ou seja, a partir do momento em que o indivíduo se reconhece em um grupo de pertencimento ele também se distinguir frente a estranheiridade do outro (PESAVENTO, 2005, p.89).

É importante lembrar que:

A identidade dos grupos é construída a partir das interações culturais historicamente verificáveis, permitindo a percepção dos homens na sua diversidade, como essencialmente culturais. Evidencia-se uma pluralidade de situações de inclusão, assimilação, segregação e exclusão social, que instigam o estudo das diversas estratégias. Analisar os mecanismos de abordagem da diferença em sociedade pressupõe o estudo das formas de reconhecimento em que o grupo se compreende e se fabrica como unidade (BUSTAMANTE, 2006, p.111).

Esse conceito será válido para a pesquisa visto que a noção de identidade auxilia em perceber como foi construída a representação do deus Mitra em solo romano, pois mesmo havendo divergências acadêmicas acerca do possível local de origem do culto mitraico, é possível observar que há indícios substanciais que apontam para uma construção identitária feita sobre o deus Mitra que reforça algumas de suas atribuições advindas do oriente, mais especificamente na região da Pérsia. E é nesse sentido que será pensado na construção da imagem em de Mitra em solo romano, como um deus com atribuições únicas, mas que também talvez preserve elementos extremamente relevantes e simbólicos de seu possível local de origem.

Com relação às fontes, optou-se por um leque variado, a fim de dar conta da problemática proposta. De uma forma geral nota-se uma escassez relativa a fontes relativas ao mitraísmo, pois trata-se de um culto de mistério que não possuía um livro litúrgico específico e muitos de seus aspectos foram mantidos em segredo. Entretanto esse fato não se caracterizou como uma inviabilidade da pesquisa, visto que existe um número substancial de fontes de variados tipos que permitem uma reflexão acerca do mitraísmo. Nesse sentido para a pesquisa foram utilizadas três tipos de fontes diferentes, que no caso são: as de cunho literário, epigráfico, imagéticos. E cada uma dessas fontes contribuiu de forma bastante específica e singular para com a reflexão proposta.

As fontes imagéticas são extremamente importantes para a pesquisa, visto que, enquanto nota-se um número reduzido de fontes escritas que auxiliem na compreensão do culto mitraico, abundam imagens relativas a esse culto de mistérios, e dentre elas podem ser citadas as pinturas, os afrescos e esculturas que compõem a decoração dos mitreus e que são significativos meios de conhecer os preceitos e doutrinas mitraicas, bem como a história mítica dessa divindade.

Sendo assim, ao se trabalhar com imagem como fonte histórica é importante ter cautela, já que ao se analisar uma imagem é imprescindível levar em conta o período histórico de autoria de cada imagem, e isso implica em limitações, pois a mesma se encontrava em uma realidade única e possuía uma estrutura diferente da nossa. Sendo assim a imagem para ser lida possui códigos especiais, como se fossem uma espécie de ícones e significados que foram produzidas em determinada época, cabendo ao historiador cuidados com relação à especificidade da linguagem imagética, como também seus limites e possibilidades (PESAVENTO, 2005, p.86 e 88).

Outro tipo de fonte utilizada foram as de cunho literário, dentre elas, *Epistola CVII* de Jeronimo, *Contra Celsus*, de Orígenes *De Corona Militis*, de Tertuliano *De antro nympharum* e *De Abstinencia* de Porfírio e *Tebaidas* de Estácio dentre outras. Essas obras apontam para um grupo bastante distinto de escritores, que de um lado nota-se um grupo de autores cristãos, que através de suas cartas e obras literárias tecem uma série de críticas e repreensões às religiões ditas pagãs, e de outro lado é possível perceber também autores que defendem aspectos da doutrina e da mitologia mitraica, essa distinção de discursos e posturas sobre o mitraísmo se dá principalmente pelo período a qual está sendo estudado, em que nota-se a larga difusão dos cultos de mistério orientais, mas que também é o período do nascimento e busca de consolidação da religião cristã.

Ao se utilizar de textos literários é válido lembrar que os mesmos se caracterizam como uma ficção e a mesma “está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (FERREIRA, 2009, p. 67).

Dessa forma é importante perceber que essas obras necessitam serem pensadas tendo em vista como criações pessoais de seus escritores, que muitas vezes não possuem um compromisso com a realidade, mas que podem conter traços e dados que auxiliem na

compreensão de aspectos da doutrina mitraica. Sendo assim, é importante pensar no lugar social nos quais os autores das obras estavam inseridos, quais seus posicionamentos acerca do mitraísmo, bem como é importante levar em consideração tanto o conteúdo dessas obras como também o contexto em que as mesmas se inserem, e assim buscar problematizar e estudá-las a luz de outras fontes disponíveis, para um maior enriquecimento da pesquisa.

Por fim serão utilizadas as fontes epigráficas, e foram retiradas principalmente de três Corpora, no caso o CIL - *Corpus Inscriptionum Latinarum*, o CIMRM- *Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religiones Mithrae* e o RIB - *The Inscriptions of Britain*, que tratam-se de compilações, transcrições e traduções feitas tendo como base diversos registros escritos antigos feitos em pedra, cerâmicas, grafites, ânforas, bem como outros materiais, e dentro desse variado grupo de escritos é destacado para análise as placas votivas e altares feitos por soldados romanos em homenagem a Mitra, ao longo do extenso território do Império Romano.

Os ex-votos feitos pelos soldados romanos proporcionam ao historiador conhecer uma série de elementos relevantes acerca desses grupos sociais, visto que esses são objetos significativos que dão, de forma maior ou menor, um testemunho da história pessoal de cada indivíduo, que reflete as ansiedades, esperanças, preces e atendimentos pedidos, evidenciando um gesto religioso pessoal (BURKET, 1992, p.26). E é através dessas fontes que é possível refletir, por exemplo, acerca da composição social desse culto dentro do exército, visto que nelas eram gravadas tanto as funções desempenhadas por cada indivíduo, bem como a própria legião a qual cada um pertencia.

Partindo para a organização dos capítulos, para contemplar a problemática proposta, o trabalho foi dividido em três capítulos, O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar as principais características do exército romano, sua estruturação e divisão interna, afim de que se conheça de forma mais aprofundada acerca desse grupo social tão importante para a pesquisa. Ao longo dessa discussão será trabalhada também a figura da religião dentro do exército romano, como a mesma se configurava e qual a sua importância, bem como suas especificidades e diferenciações para com a religião romana civil.

O segundo capítulo buscará apresentar o que foi o mitraísmo, desde sua origem persa, passando pelas novas atribuições e modificações sofridas em solo romano, serão expostos os principais elementos tanto da liturgia mitraica como também os aspectos míticos e místicos desse culto, bem como sua dimensão cosmogônica e cosmológica. Será enfocado tanto o

papel dos cultos quanto os das iniciações secretas a esse deus, que ocorriam em mitreus, templos de adoração ao deus mitra, nas quais comportavam no máximo 50 pessoas e que eram ricamente ornamentadas com pinturas, esculturas e *ex-votos*, e que auxiliam a refletir sobre o processo de iniciação a esse deus, que continha 7 graus que o mitraista teria que trilhar.

No último capítulo será pensado principalmente sobre a relação que se estabelecerá entre o mitraísmo e o exército romano, nesse sentido serão elencados três aspectos para que se reflita sobre essa relação, primeiro será problematizada sobre quais aspectos da religião mitraica poderiam influenciar na sua vasta adesão por parte do exército, posteriormente será problematizada a representação do deus mitra como uma divindade ligada de forma intrínseca ao ambiente militar e por fim será pensado no papel que o soldado teve no processo de difusão do culto mitraico.

2 O EXÉRCITO ROMANO E A VIDA RELIGIOSA

2.1 A ESTRUTURA DO EXÉRCITO ROMANO IMPERIAL

Ao dar-nos conta do vasto território romano na época imperial, vemos o quão importante eram as unidades do exército imperial, tanto para dar proteção às cidades sobre domínio da capital, como também para a conquista e solidificação dos territórios já conquistados. A própria configuração do exército, como será vista a seguir, era extremamente organizada e plural, na qual convergiam indivíduos de diversas etnias e regiões, formando um amálgama de várias crenças, costumes e vivências.

De acordo com Yann Le Bohec (1994, p.20-23), o exército romano era uma espécie de máquina bastante efetiva com numerosas divisões, um detalhado sistema organizacional, e possuía uma estrutura extremamente hierarquizada. As forças militares eram divididas entre as Províncias e a capital Roma, sendo assim, a divisão da guarnição da cidade era dividida ao menos em três unidades básicas: as coortes³ Pretorianas, ou também conhecidas como *cohortes praetoriae*, os coortes urbanos, ou *urbanicani*, e os *Vigiles*⁴.

As Coortes Pretorianas desempenhavam o papel de servir como guarda imperial e proteger Roma, tanto em tempos de paz ou de guerra, esse grupo em específico possuía sua origem na época da República, nesse período o termo servia para designar um reduzido grupo de homens que acompanhavam e guardavam os magistrados republicanos, conhecidos também pelo nome de Pretores. Augusto criou então a Guarda Imperial, e ao que tudo indica sua função era garantir o bem-estar e segurança do soberano, nesse sentido é válido salientar que esse grupo era composto pelos melhores soldados em atividade, sendo assim alguns estudiosos os identificaram como a elite do exército que também desempenhavam um papel político que seria o de garantir a paz em Roma (LE BOHEC, 2004, p.28).

Já as Coortes Urbanas, possuíam uma função semelhante à desempenhada pelas Coortes Pretorianas, porém enquanto essas obtinham o prestígio de viver intimamente com o soberano, a outra se configurava como um grupo mais humilde e reduzido, porém não menos importante que segundo Suetônio, em *Vida de doze Césares*, definirá a missão desse grupo como de assegurar a paz da cidade assim como a Guarda Pretoriana protege o Imperador e sua família, nesse sentido é importante pensar que as Coortes Urbanas desempenhavam um papel

³ Uma coorte romana, por conseguinte, era uma unidade do exército que, em geral, era composta por um só tipo de soldados. Uma legião era formada por dez coortes, as quais eram numeradas de I a X.

⁴ Além dessas três unidades supracitadas, ainda existiam unidades militares responsáveis pelos papéis de polícia secreta, espiões, guarda-costas e correio (LE BOHEC. 1994. p.20).

policial, e se submetiam às ordens dos Prefeitos dos Pretórios⁵, que consequentemente respondiam diretamente às ordens do Imperador em exercício (WATSON, 1969, p.87).

Outro grupo de extrema importância para a segurança da capital romana era o grupo de vigilantes, ou *vigiles*, que eram considerados um grupo mais humilde do que os anteriormente citados. Ele foi criado por Augusto no ano 6 d.C., com as funções de assegurar a vigilância noturna de Roma e também servir como um grupo de bombeiros permanente, já que naquela época os incêndios eram bastante recorrentes. Cada uma das unidades dos vigilantes era confiada a responsabilidade de guardar os quatorze distritos que se dividiam pela cidade, e patrulhavam a noite portando sifões, cubos e vassouras para tentar apagar algum possível incêndio. É curioso notar que em sua origem esse grupo não foi considerado como sendo parte do universo militar, porém a partir do III século houve a militarização do mesmo. Inicialmente os *vigiles* eram recrutados entre as camadas mais baixas da sociedade, só apenas no ano 24 d.C. a mando de Tibério, houve a concessão de cidadania à alguns membros desse grupo após o cumprimento de seis anos de serviço (LE BOHEC, 2004, p.30-31).

Dada à vasta extensão do Império romano e o comprimento de suas fronteiras, um grande número de soldados e tropas se fazia sempre necessário, seja para alguma possível disputa territorial, como também para salvaguardar os territórios já conquistados por Roma. Para cada fronteira provincial romana era designada uma unidade militar, que incluía pelo menos um exército auxiliar, mas geralmente era também utilizada uma Legião e Tropas Auxiliares. É importante levar em consideração que a ameaça de invasão ao território romano era bastante real, sendo assim a necessidade dessas unidades militares provinciais era constante e o número de militares em exercício nas províncias sempre era bastante expressivo, estudiosos afirmam que a presença majoritária do exército romano ficava espalhada ao longo das fronteiras provinciais e que apenas cinco por cento ficava a postos na guarnição na capital romana, nesse sentido é importante que dado o vasto número de indivíduos que compunham as tropas militares provinciais era necessário haver uma organização de funções e hierarquias dentro do exército, para que assim pudesse ser pensado nas táticas e técnicas tanto de conquista como de administração territorial (CAMPBELL, 1994, p.8; LE BOHEC, p.33).

As unidades que compunham o exército provincial eram divididas basicamente em duas, as Legiões e os Auxiliares, é importante destacar que as primeiras desfrutavam de maior prestígio, possuíam como emblema a águia, consequentemente representavam uma elite. Essas unidades eram formadas por uma média de quatro a cinco mil homens e como grande

⁵ Prefeito Pretoriano ou Prefeito do Pretório (em latim: *Praefectus praetorio*) era o título oficial do funcionário da ordem equestre que, no regime imperial romano, acumulava uma grande variedade de funções civis e militares.

parte do exército romano era deslocada para as províncias se fazia necessário um constante envio de indivíduos para suprir as necessidades das tropas, já que muitos homens morriam em campanha, seja por assassinatos ou doenças. Durante as campanhas de Júlio César as tropas para as legiões eram recrutadas a cada ano e esse recrutamento se restringia basicamente aos cidadãos romanos, porém sob o comando de Augusto houve mudanças nas medidas de recrutamento, já que ele passou a ser provincial, ou seja, houve a utilização de indivíduos de localidades fora da capital romana (LE BOHEC, 1994, p.33).

As legiões na época do Principado eram formadas basicamente por tropas de infantaria, organizada em dez coortes, de três Manípulos⁶, ou de seis Centúrias⁷ cada uma, e posteriormente a essa divisão foi adicionado um grupo de veteranos (*uexillum*) que recebiam ordens de um Curador ou Prefeito, ou de algum Centurião com o título de *triarius ordo*. Também foi adicionado um grupo de Cavaleiros às Legiões, sendo assim, a Cavalaria contava com cento e vinte homens, e é válido ressaltar que os Cavaleiros Legionários obedecem aos Centuriões⁸ e não aos Decuriões⁹ (LE BOHEC, 1994, p.43).

O número de Legiões variava entre vinte e quatro e trinta e três dependendo se o imperador criava ou dissolvia alguma em particular, ou também quando alguma se perdia ou eram massacradas em batalha, essas unidades estavam dispersas pelas províncias e dependiam das necessidades específicas de alguma região por defesa de território (GRIMAL, 1992, p.56), como podemos ver na tabela abaixo a distribuição das legiões nas províncias:

⁶ O manípulo (latim: *manipulus* - plural: *manipuli* - de *manus*, significa "mão") era uma subunidade tática da legião romana adotada por influência samnita durante as Guerras Samnitas (343 a.C.- 290 a.C.). Por extensão, o termo designava também a insígnia militar de cada manípulo.

⁷ Centúria era uma unidade de infantaria do Exército Romano que constituía as coortes romanas, que continha oitenta legionários, correspondendo a dez contubérnios (a unidade mínima do exército romano, constando de oito soldados a dez). Cada contubérnio alojava-se numa loja ou cubículo de barracão de 6 praças — a quarta parte do mesmo estava sempre de guarda.

⁸ O Centurião na hierarquia militar romana era o sexto no comando de uma Legião. Era o oficial responsável por comandar uma centúria, dando ordens que deveriam ser prontamente obedecidas pelos homens que liderava, inclusive na rápida execução de uma qualquer formação militar e, encarregava-se da disciplina e instrução da legião.

⁹ O Decurião (em latim: *decurio*), era o oficial de Cavalaria do Exército Romano que comandava um esquadrão (turma) de aproximadamente 30 homens.

Figura 1–Distribuição das Legiões nas Províncias Imperiais Romanas

Distribuição das legiões nas províncias			
Províncias	24 d.C.	74 d.C.	150 d.C.
ÁFRICA	III Augusta	III Augusta	III Augusta
HISPÂNIA	IV Macedônia VI Victrix X Gemina	VII Gemina	VII Gemina
BRITÂNIA	–	II Augusta II Audiutrix IX Hispânia XX Valéria Victrix	II Augusta VI Victrix XX Valéria Victrix
GERMÂNIA INFERIOR	I Germana V Alaudae XX Valéria Victrix XXI Rapax	VI Victrix X Gemina XXI Rapax XXII Pimigênia	I Minérvia XXX Ulpia
GERMÂNIA SUPERIOR	II Augusta XII Gemina XIV Gemina XVI	I Adiutrix VIII Augusta XIV Cláudia Pia Fidelis XIV Gemina	VIII Augusta XXII Pimigênia
PANÔNIA	VIII Augusta IX Hispânia XV Apollinaris	XIII Gemina XV Apollinaris	Superior: I Adiutrix X Gemina Inferior: XIV Gemina II Adiutrix
DALMÁCIA	VII XI	IV Flávia	XIII Gemina
MÉSIA	IV Cítia V Macedônica	I Itálica V Alaudae V Macedônica VII Cláudia Pia Fidelis	Superior: IV Flávia VII Cláudia Pia Fidelis Inferior: I Itálica V Macedônica XI Cláudia Pia Fidelis
CAPADÓCIA	–	XII Fulminata XIV Flávia	XII Fulminata XV Apollinaris
SÍRIA	III Gálica VI Ferrata X Fretensis XII Filminata	III Gálica IV Cítia	III Gálica IV Cítia XVI Flávia
JUDÉIA	–	X Fretensis	VI Ferrata X Fretensis
EGITO	III Cirenaica XXII Deiotariana	III Cirenaica XXII Deiotariana	II Trajana
ARÁBIA	–	–	III Cirenaica
Legiones	24 d.C.	74 d.C.	150 d.C.
I Audiutrix	(ampliada c. 68)	Germânia superior (desaparecida c. 70)	Panônia superior
I Germana	Germânia inferior (ampliada c. 66)	Mésia (ampliada c. 83)	Mésia inferior
I Itálica		Britânia	Germânia inferior
I Minérvia		Britânia	Panônia inferior
II Audiutrix	(ampliada c. 70)	Britânia (ampliada c. 104)	Britânia
II Augusta	Germânia superior	África	Egito
II Trajana		Egito	África
III Augusta	África	Síria	África
III Cirenaica	Egito	Dalmácia (desaparecida c. 70)	Arábia
III Gálica	Síria	Síria	Síria
IV Flávia	(ampliada c. 70)		Mésia superior
IV Macedônica	Hispânia		
IV Cítia	Mésia		Síria
V Alaudae	Germânia inferior		Síria
V Macedônica	Mésia		Mésia inferior
VI Ferrata	Síria		Judéia
VI Victrix	Hispana	Germânia inferior	Britânia
VII	Dalmácia		
VII Cláudia Pia Fidelis	Mésia	Mésia superior	
VII Gemina	(ampliada c. 68)	Hispana	Hispana
VIII Augusta	Panônia	Germânia superior	Germânia superior (desaparecida 132?)
IX Hispânia	Panônia	Britânia	Judéia
X Fretensis	Síria	Judéia	Panônia superior
X Gemina	Hispânia	Germânia inferior	Capadócia
XI	Dalmácia		
XI Cláudia Pia Fidelis		Germânia superior	Mésia inferior
XII Fulminata	Síria	Capadócia	Capadócia
XIII Gemina	Gemina superior	Panônia	Dalmácia
XIV Gemina	Gemina superior	Gemina superior	Panônia superior
XV Apollinaris	Panônia	Panônia	Capadócia
XVI	Germânia superior	(desaparecida c. 70)	
XVI Flávia	(ampliada c. 70)	Capadócia	Síria
XX Valéria Victrix	Germânia inferior	Britânia	Britânia
XXI Rapax	Germânia inferior	Germânia inferior	(desaparecida c. 92)
XXII Deiotariana	Egito	Egito	(desaparecida c. 125)
XXII Primigênia	(ampliada c. 40)	Germânia inferior	Germânia superior
XXX Ulpia		(ampliada c. 140)	Germânia inferior

Fonte: http://historia.templodeapolo.net/mapas_ver.asp?cod_mapa=69&rev=&liv=&civ=Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Romana. Acessado em :16.07.2016.

Como é possível verificar na tabela acima as Legiões se faziam presente em quase todo o território de dominação romana, e em muitos casos as mesmas transitavam entre as regiões, geralmente por motivo de defesas territoriais, como é o caso, por exemplo, da Legião XIV Gemina, que no ano 74 d.C. se encontrava na Germânia Superior e já em 150 d.C. se fazia

presente da Panônia, porém há também casos de unidades que se instalaram em apenas uma localidade durante toda sua existência, como foi o caso da Legião III Augusta, que desde 24 d.C. até 150 d.C. se fez presente na região africana. Nesse sentido é válido pensar nas especificidades de cada uma e como elas mesmo servindo a um único Império se diferenciavam, tanto pelas missões que eram impostas para cada uma, como também por suas experiências internas, na qual convergiam grupo étnicos diversos.

É válido explicitar a importância dos estudos da cultura material para uma melhor compreensão dos grupos étnicos que compunham as legiões do exército, pois segundo Graham Webster (1985), os estudos feitos em lápides de soldados romanos demonstram a origem dos soldados, pois muitas sepulturas continham o nome do defunto, sua função no exército, bem como sua nacionalidade. Assim verificou-se que as áreas de recrutamento gradualmente se expandiram para fora de Roma e em direção as fronteiras nos primeiros dois séculos do Império. Por exemplo, existem cerca de quatorze inscrições das tropas da Síria até no Egito entre os períodos de Augusto até Calígula, mas entre o período de Adriano até o fim do segundo século, havia cerca de vinte e sete inscrições em lápides de soldados provenientes da Síria e do Egito. Isso ilustra a elevação nos números de recrutamento das tropas provinciais sob o Império (WEBSTER, 1985, p.102).

A prática de recrutamento provincial, como dito anteriormente, teve início no período Imperial com Augusto, e isso é um possível fator que pode ajudar a explicar o aumento no nível de adoração aos deuses estrangeiros nessa época. Embora alguns cultos estrangeiros já estivessem presentes na República Romana, é pouco provável que foram introduzidos, ou praticados dentro do exército antes do recrutamento dos soldados provinciais. Alguns desses cultos estrangeiros, também denominados de “cultos orientais”, que estudaremos mais a frente, veneravam divindades como Mitra, Júpiter *Dolichenus*, Sol *Invictus*, como também além deles havia a adoração ao deus dos cristãos e judeus, nesse sentido Franz Cumont, aponta que:

O exército, unindo assim cidadãos e emigrantes de todas as partes do mundo, mantinha um incessante intercâmbio de oficiais e centuriões e até mesmo de guarnições inteiras, de uma província a outra, de acordo com as variadas necessidades do dia, criando, nas remotas fronteiras do mundo romano, uma rede de comunicação perpétua (CUMONT, 2004, p.49).

Essa “rede de comunicação” foi extremamente importante para o um maior aprofundamento nas relações interculturais entre os soldados das legiões que passavam a travar um maior contato tanto com as populações as quais ficavam responsáveis por proteger,

como também internamente, já que após o recrutamento provincial era possível lutar lado a lado, e criar laços com indivíduos de outras regiões como Ásia, África, dentre outros, e tudo isso foi determinante para uma grande troca cultural e religiosa dentro e fora do exército.

Com relação aos laços criados dentro do Exército Romano é curioso notar que a unidade entre os soldados era extremamente importante, já que os mesmos passavam bastante tempo juntos e isso acabava por criar um forte laço entre eles, como uma espécie de irmandade, que além da dedicação que existia para com cada Legião em específico, a fidelidade ao Império Romano era crucial (LE BOHEC, 1994, p.74).

Os juramentos e os símbolos eram dois aspectos que auxiliavam a criar e manter o laço entre os soldados e Roma, por exemplo, recitar o juramento ao Imperador era obrigatório antes de se tornar membro da Legião Romana, o *sacramentum* recitado pelos recrutas requeria que cada um servisse ao Imperador e seus encarregados nomeados obedecessem todas as ordens até a morte e em caso de desobediência e deserção podiam sofrer severas punições. Esse juramento também era feito perante os deuses, assim além de um ato militar era também uma cerimônia ritualizada e religiosa, o juramento não era dito solenemente apenas quando o soldado iria começar sua carreira, mas também era recitado anualmente, reafirmando os deveres e o comprometimento que cada soldado deveria ter para com sua missão e principalmente com Roma (LE BOHEC, 1994, p.74).

O *sacramentum* focava também a relação profissional entre os militares e os seus líderes nos primeiros dois séculos do período Imperial, porém a partir do terceiro século nota-se uma que esse juramento se reveste de aspecto religioso, já que os votos eram feitos perante os deuses, e esse acréscimo pode ter sido um reflexo do aumento da influência monoteísta dentro do exército. A necessidade de uma ênfase no aspecto religioso romano pode indicar a existência de cristãos no exército, ou pelo menos um aumento gradativo naqueles se convertiam ao Cristianismo enquanto serviam na condição de soldados. Assim, o serviço de guardar e lutar pela segurança se tornou mais do que uma profissão, e acabou por se tornar também um teste de lealdade não só ao Império, mas também aos deuses desse império (WEBSTER, 1985, p.133).

Outro aspecto importante do militarismo romano eram os estandartes, cada Legião possuía um estandarte único, Graham Webster (1985, p.133), aponta que “os estandartes eram o foco religioso do exército e podem ter encarnado a própria alma de cada unidade”. Ele era de certa forma adorado pelos Legionários e guardado em um santuário, adornado com festões e grinaldas que muitas vezes eram ungidas com óleos. É válido destacar que os estandartes não eram apenas os símbolos das tropas, mas era uma espécie do aspecto divino de cada

legião. Os soldados seguiam os estandartes no campo de batalha, quando montavam o acampamento fincavam os estandartes. Para carregar o estandarte havia uma pessoa específica para esse fim, o porta estandarte. Além do estandarte único, cada legião possuía um outro com o símbolo de uma águia, como podemos observar abaixo:

Figura 2– Cena retirada da Coluna de Trajano



Fonte: http://www.trajans-column.org/wp-content/uploads/27_3771-web.jpg. Acessado em: 23/07/2016.

Nota-se no lado direito da imagem soldados portando estandartes de suas legiões específicas e a presença recorrente e marcante da águia romana. Esse símbolo foi disseminado desde o período Republicano, esta ave simbolizava o deus Júpiter, a divindade suprema em Roma, denominado também pelos epítetos de o “Melhor e Maior”, além de outros títulos, dependendo da localidade e do período, uma variação comum presente no exército foi denominada de Júpiter Doliqueno (FERGUSON, 1970, p.34-35).

A águia era vista como parte integrante da Legião, e a perda da mesma ao inimigo seria uma permanente desgraça e mancha para a história do regimento e a recuperação dos estandartes era algo bastante sério para o orgulho romano, é claro que esses estandartes eram extremamente respeitados, e nenhuma despesa era poupada para com eles, já que os mesmos eram feitos de prata dourada e representações da águia ao lado de deuses e heróis históricos e míticos foram encontradas ao longo de sítios e fortes militares, geralmente essas representações eram feitas na forma de gemas, sinetes e pinturas em escudos e capacetes, alguns autores, sugerem que ao usar esses símbolos heroicos, as tropas romanas eram encorajadas a lutar baseado no exemplo dos vitoriosos (HENIG, 1970 p.258).

Os estandartes tinham múltiplas funções no exército, poderiam ser usados como uma identificação única para cada unidade, e isso pode ser visto através das dedicatórias, e mais importante ainda, possuíam uma carga religiosa bastante significativa, já que em alguns festivais feitos em honras aos estandartes, como o *natalis aquilae*, que homenageavam o aniversário de fundação das legiões, isso enfatiza o quão significativo eles se apresentavam para os militares. As observâncias religiosas oficiais eram praticadas em um sentido de manter uma unidade e uniformidade ao longo do Império, e uma das razões para isso foi que os Centuriões eram continuamente transferidos de legião para legião, sendo assim a similaridade entre as práticas religiosas os faziam o sentir seguros e por outro lado, o próprio exército se tornou responsável por disseminar e “romanizar” outros soldados que possuíam diferentes práticas culturais e religiosas (HELGELAND, 1985, p.49).

Além da águia cada unidade das legiões possuía outros símbolos, eram estandartes que podiam representar os símbolos zodiacais, como também poderiam referir-se a comemoração de “aniversário” ou data de formação de cada unidade, ou de seu fundador, e outro tipo de bandeira que retratava um símbolo específico ou possuía o nome da legião escrito nele, e por fim, devido à importância do imperador dentro do universo militar, e em todo o império, havia um estandarte representando a imagem do imperador que era carregado em cada legião em exercício, esse acréscimo da representação do imperador pode ser considerada como parte do culto imperial praticado dentro exército, e cada unidade auxiliar também possuía um estandarte único, que auxiliava no sentido de unificar as tropas.

É importante destacar que as legiões nunca iam sozinhas em suas missões, sempre eram acompanhadas por unidades menores, que tinham por função assistir e resguardar as legiões, já que as mesmas não ficavam estacionadas sozinhas e sem suporte. Porém elas também podiam atuar independentemente, esses corpos auxiliares contavam com quinhentos ou mil homens, portanto, eles eram conhecidos pelo nome de *quingenarias* ou *miliárias*, é válido destacar que esses números podiam aumentar ou diminuir dependendo do período e do imperador em exercício (LE BOHEC, 2004, p. 25).

A distinção entre o Soldado Legionário e o Soldado Auxiliar, anterior a 212 d.C.¹⁰, foi pautada na cidadania, que se fazia necessária antes das mudanças promovidas por Caracala. O papel de qualquer força militar que era composta por não romanos era de auxiliar os cidadãos

¹⁰ A partir de 212 d.C., o imperador Caracala promulgou um edito concedendo cidadania romana a todos os cidadãos livres que estavam sobre o domínio romano, com isso as relações entre a cidade de Roma e suas províncias se constituía de forma que havia benefícios para as cidades e os cidadãos que se inseriam na ordem romana, ocorrendo uma relação em que o modelo de civilidade romana atingia diversas comunidades dominadas e também havia uma relação de troca de poder, riqueza e cultura entre Roma e suas províncias (MENDES, 2006, p. 115).

legionários, daí o nome pelos quais essas unidades foram nomeadas, *auxilia*. Curioso notar que os cidadãos romanos não estavam completamente fora do alcance de uma unidade auxiliar, e em alguns casos acabavam por também compor esta unidade, mesmo possuindo cidadania. Também pensar na postura do imperador Cláudio (41-54 d.C.) com relação a concessão de cidadania e o exército, já que o mesmo governou nos primeiros anos do período Imperial e concedeu cidadania como quitação de serviços para aqueles que haviam servido por vinte sete anos de honrado serviço nas unidades auxiliares (WEBSTER, 1985, p.141).

Ainda sobre a relação entre cidadania e exército é válido ressaltar que nem todos que não possuíam cidadania romana poderiam se juntar ao exército, já que era necessário que o indivíduo fosse livre para que pudesse ou ser recrutado ou se voluntariar, sendo assim, não era permitido escravos se juntar aos militares sob nenhuma circunstância. Se algum escravo fosse descoberto atuando dentro do exército ele poderia receber severas punições, e em alguns casos até mesmo ser morto. Plínio, o jovem, explica que um escravo podia se fazer presente dentro do exército, mas apenas como um vigilante, ou seja, sua presença era extremamente restrita e não competia aos escravos atuar diretamente dentro das forças militares (DAVIES, 1989, p.9).

Os romanos viam o exército como um elemento essencial de defesa, e, portanto, de sobrevivência do Império. Sua incrível organização é incomparável dentre qualquer outro sistema em Roma, o que é claro contribuiu bastante para o sucesso que o Império experimentou durante anos de campanhas, e como podemos ver ao longo desse tópico o ambiente do exército além de ser um espaço de disputas, batalhas e violência, era também o espaço de adoração e contato com o divino e de um forte sentimento religioso, como veremos no tópico seguinte.

2.2 RELIGIÃO ROMANA E O EXÉRCITO ROMANO

Antes de adentrarmos nas principais características da religiosidade presente no Exército Romano, é importante frisar que as pesquisas relativas ao Império Romano são extremamente desafiadoras e complexas, seja pela temática escolhida ou pelas fontes selecionadas, pois nota-se uma abrangência no sentido de mensurar como se gestou e se configurou esse império tão plural e específico que agrupou dentro si uma gama imensa de expressões culturais, religiosas, políticas e sociais:

O Império Romano representava uma forma institucional e territorial do exercício do poder monárquico, mas ao qual eram associados os valores aristocráticos tradicionais, o direito público como fonte de sua legitimidade e uma dimensão religiosa que correspondia ao ponto de vista ideológico e a forma que raciocinavam as elites romanas e as de suas províncias. Devido á sua geografia, o Império Romano agrupava um conglomerado de cidades e comunidades locais que, até certo ponto, estavam integradas a uma rede de relacionamentos sociais que copiavam as estruturas da sociedade romana. Contudo, cada uma delas era constituída por suas próprias sociedades individuais, hierarquizadas e culturalmente mescladas, obedecendo em parte a tradições que revelavam os aspectos mais variados. (LE ROUX, 2010, p.8).

A fase imperial convencionalmente tem sido datada entre mais ou menos 27 a.C. e seu enfraquecimento na parte Ocidental entre 410 e 476 d.C., e no trecho acima é possível observar que a dominação romana atingiu um grau de alcance bastante considerável, não se circunscrevendo como uma organização social homogênea e singular, mas uma entidade que aglomerava dentro de si “sociedades” completamente distintas (GUARINELLO, 2006, p. 14).

Levando em conta a pluralidade de práticas religiosas e os sistemas de crenças gestados dentro do Império Romano, definir de forma única o que foi a é desafiador e aberto a uma série de possibilidades, porém é importante frisar que através de uma série de fontes de cunho arqueológico, literário, numismático, epigráficos dentre outras é possível apontar características comuns que ajudam a vislumbrar o que seria a vida religiosa romana.

Ao pensar por esse prisma é válido salientar que os diversos grupos que compunham o território romano, possuíam identidades culturais distintas entre si, sendo fundamental perceber que as formas de identidades e alteridade serão específicas de determinado contexto histórico e social, seja ele no tocante aos processos internos da sociedade quanto ás suas relações e contatos com outras sociedades próximas ou distantes. Portanto, pertencer ou não a um grupo ou alguma sociedade é uma construção social e cultural, em que o significado e a forma variam no tempo e no espaço, podendo coexistir uma multiplicidade de identidades e alteridades que interagem umas com as outras (BUSTAMANTE, 2006, p.111).

A religião possuía um forte elemento de coesão da vida cívica do homem romano, pois o culto público, oficiado pela elite local geralmente em espaço urbano sedimentava a solidariedade entre a comunidade. Sendo uma forma de expressão da fidelidade a Roma, era a observância das práticas religiosas oficiais que asseguravam tanto a prosperidade e a ordem social interna e externa (SOARES, 2011, p.64).

Dois termos que lançam luz sobre a discussão relativa à oficial e a sua relação com a comunidade são *pietas* e *religio*. O vocábulo *pietas* refere-se a um sentido de cumprimento dos deveres religiosos, da virtude, da justiça, da lealdade, da fidelidade, do mais profundo sentimento religioso, assim como afirma Cícero “(...) uma vez eliminada a piedade aos

deuses, são abolidos também a lealdade e os relacionamentos sociais do gênero humano e a justiça, a virtude por excelência” (...) justiça para com os deuses é o que se chama de Piedade (*Pietas*) “ (*De nat. deor.* I, 4). Além de designar a justiça, bondade divina, o termo indicava também o afeto para com a família, entre os pais, o amor patriótico por meio do justo relacionamento que ligava o homem ao deus, havendo nessa relação reciprocidade entre ambos (SCHEID, 1998, p. 3; SIQUEIRA, 2006 p.19).

O reconhecimento da reciprocidade estabelece o paralelo de que entre os homens deve haver justiça e a mesma relação deve existir no nível religioso entre os homens e os deuses, sempre reconhecendo os direitos e os deveres recíprocos. A *pietas* exprimia a justiça da parte do homem, isto é, o reconhecimento da potência divina¹¹. Os romanos se consideravam detentores do conhecimento e da observância correta dos deveres rituais, culturais e, também, da sabedoria, que consistia no reconhecimento do poder dos deuses, visto que é por meio do poder das divindades que todas as coisas são regidas e governadas (SANZI, 2006, p.20).

Já o termo *religio*, geralmente se refere às honras tradicionais prestadas aos deuses pelo estado e pelos indivíduos em comunidade, o termo *religio* possui duas etimologias que teria tanto o sentido de *religare* (ligar) e *relegere* (zelo religioso). O primeiro sentido sublinhava o elo entre homens e deuses, no segundo, o zelo da observância, ou seja, tanto a religião no sentido de comunidade com os deuses como também um sistema de obrigações induzidos para com as divindades (SCHEID, 1998, p. 20).

Em todo caso a *religio* não designava um elo sentimental, direto e pessoal do indivíduo com a divindade, mas um conjunto de regras formais e objetivas, legadas pela tradição. É no quadro destas regras tradicionais e desta “etiqueta” que o indivíduo se relaciona com os deuses, nota-se que o termo estava muito mais ligado a um comportamento comum público para os deuses, onde a religião consistia em cultivar da maneira correta as relações sociais com os deuses (SCHEID, 1998, p 22).

É válido apontar que a ideia oposta ao termo *religio* seria o da *superstitio*, o mesmo designa uma conduta considerada equivocada para com os deuses, na qual haveria uma devoção excessiva com relação aos rituais e aos deuses, o grande problema dessa atitude seria que ela estava muito mais fundada numa relação de medo. Os indivíduos pensavam nos deuses como seres tirânicos, maus e ciumentos acabavam por prestar os cultos de forma exacerbada. Ações impulsionadas pelo medo do não favorecimento divino para si ou para os

¹¹ A relação entre homens e deuses são laços entre dois *genos* diferentes. Os deuses pertenciam ao *gens deorum* eram independentes e imortais. A relação entre deuses e homens era desigual e a condescendência reside no reconhecimento da superioridade divina, em atos e palavras (VEYNE, 2009, p.223).

seus filhos, e essa atitude era bastante mal vista entre os romanos, pois os mesmos acreditavam que a relação entre deuses consistia em admiração e respeito as regras do código social da cidade contando que eles, os deuses, não fossem ofendidos gravemente, as instituições cívicas funcionavam; os deuses não eram levados pela vingança nem pela opressão aos humanos, se estes cumprissem suas obrigações ritualísticas (BEARD; NORTH; PRICE, 2004, p.216, SIQUEIRA, 2006, p.21; SOARES, 2011, p.67).

Uma parte de extremamente importante da vida religiosa romana é a ação ritual, já que as interações entre os indivíduos e os deuses eram constantes e quase sempre através de rituais, os mesmos buscavam então manter a *pax deorum*, que seria um relacionamento equilibrado de forças entre a comunidade humana e as entidades divinas que, como objetos de culto nas formas tradicionais, garantiam a vida da própria comunidade (SANZI, 2006, p.22), os rituais marcavam todos os eventos públicos e celebrações; alguns deles podem ser classificados como ocasiões religiosas propriamente ditas- festivais anuais, a realização e o cumprimento dos juramentos, os aniversários das fundações de templos, etc. Outros como seculares as eleições, as assembleias, o censo dos cidadãos romanos; outros ainda podem variar segundo os critérios adotados: os jogos, as performances dramáticas, que tinham elementos rituais em seu programa, mesmo que tivessem também o entretenimento entre os seus propósitos (ROSA, 2006, p.141).

Um importante elemento presente na ritualística religiosa romana é o sacrifício, o mesmo era feito estritamente segundo regras e tradições, que precisavam ser respeitadas, e através da ação sacrificial poderia travar-se um contato entre os homens e deuses, no qual se homenageava a divindade e havia um reconhecimento do seu poder e superioridade. Esse ato se constituía como parte importante dos festivais, cerimônias e ocorria antes de qualquer ação militar como também qualquer celebração de vitória. Os sacrifícios eram bastante elaborados e o animal escolhido deveria ser selecionado de acordo com o deus ou deusa a qual o sacrifício era direcionado, o mesmo deveria ser levado ao altar da divindade e sacrificado, uma prece deveria ser feita nomeando-se a divindade a qual aquele sacrifício foi oferecido, e posteriormente parte do animal seria destinada ao deus e a outra parte seria saboreada entre os indivíduos participantes das cerimônias e dos festivais (NORTH, 2007, p.346).

Outra parte fundamental da ritualística romana era os Auspícios, que consistia na observação dos sinais por meios dos quais se manifestavam a vontade dos deuses, afim de que guiassem o comportamento dos homens a nível social, portanto á ação do Estado e não de um único indivíduo. A interpretação deles necessitava de um corpo sacerdotal oficial, chamados de *augures*. Este título era concedido aos indivíduos que realizavam as interpretações de

sinais para as autoridades do governo, nesse sentido os romanos acreditavam que a vontade divina se revelaria através de certos sinais ou agouros, tais como relâmpagos, trovões, gorjeios de aves, movimentos de serpentes, dentre outros. Os governantes pediam aconselhamentos antes de dar início a tarefas importantes (SIQUEIRA, 2006, p.23).

Os Auspícios tinham importante papel, pois os mesmos regulavam a vida da comunidade cidadina, já que apenas com a interpretação correta dos sinais é que era possível conhecer a vontade divina para a comunidade. As formas do auspicio público romano, não implicavam no conhecimento dos eventos futuros, mas sim no conhecimento da vontade divina já estabelecida. O *auspicium* era um elemento essencial da vida cidadina de modo que não se empreendia alguma tarefa social e militar sem que antes os augúrios não fossem interpretados pelos signos, para saber a vontade divina se o deus aprovava ou não determinada iniciativa, sendo assim o auspicio era a técnica que permitia ao homem inserir-se no plano divino, já estabelecido e que ele deveria conhecer para manter a *pax deorum* (SIQUEIRA, 2006, p.24).

É importante frisar que o culto não se constituía como uma ação ou uma expressão de devoção privada, mas na verdade, era tido como uma obrigação da comunidade inteira e dos magistrados, na qual a ação ritual revestida de um sentido ligado à ideia de *ortopraxis*, ou seja, a execução correta dos ritos prescritos garantiria assim a subsistência do Estado romano e, portanto, devia ser atentamente vigiada por ele. Os cidadãos romanos de forma geral deviam participar dos ritos públicos como membros da comunidade cidadina e praticar outros ritos no âmbito doméstico. A esses deveres acrescenta-se que os homens, de maneira geral, desempenharam responsabilidades sacerdotais para as celebrações litúrgicas públicas (VEYNE, 2009, p.233).

Ao refletir sobre a religiosidade romana percebe-se o quanto a mesma é extremamente heterogênea e plural, com variado grupo de divindades e diversas formas de contanto para com o sagrado. Muitas foram as mudanças realizadas ao longo dos anos dentro do ambiente religioso romano, porém existiram dois imperadores que tomaram medidas extremamente emblemáticas dentro de Roma, no caso Augusto e Constantino.

Ambos foram inovadores, e cada um trouxe uma nova ênfase a elementos que foram relegados por seus predecessores. Constantino foi o primeiro Imperador Romano a formalmente reconhecer o cristianismo como religião oficial, Augusto renovou os velhos elementos da que haviam caído em desuso na época republicana. Constantino instituiu a liberdade religiosa para dentro de Roma, e essa liberdade se estendia ao Cristianismo como um culto aceito e não sujeito a perseguição. E mesmo que alguns estudiosos apontem que

tanto Augusto como Constantino usaram a religião para seus próprios interesses políticos e pessoais houve resultados positivos para Roma, já que Augusto, como fundador do Império, trouxe um senso geral de unidade e patriotismo através também da religião que culminou na instauração de um Império que possuía forte vínculo com as práticas religiosas.

A religião do Estado Romano era mais do que apenas uma ideia. Augusto ilustrou muito bem sua dedicação à nova forma de patriotismo do império através da reorganização da cidade de Roma, nos esplendidos prédios do Fórum; o Palatino, e o Campo de Marte, como também na Basílica Júlia, no templo de Marte Ultor, e no mais visível, o Templo Apolo no Palatino. Essas criações feitas por Augusto, além de seu valor arquitetônico também podem ser vistas como elementos simbólicos ligados a Roma e ao patriotismo. Augusto incentivou também esse novo patriotismo através de várias ações, como por exemplo, ao recuperar os estandartes que Crasso havia perdido na batalha contra os Partos, um evento de extrema importância e bastante significativo, já que como foi exposto acima, os estandartes romanos dos militares eram extremamente importantes tanto para o orgulho dos soldados, como também para a unidade e sucesso de sua legião (CARTER, 1972, p.67).

A ideia de uma religião de estado ultrapassa a barreira da capital e também se faz presente dentro das ações e atitudes do exército, já que o mesmo como um órgão que respondia a capital e que possuía fortes ligações religiosas para com o estado e seu imperador, nesse sentido é importante se questionar como se configurava a vida religiosa dentro do exército, e qual era a percepção do divino para os soldados, nesse sentido é válido frisar que os soldados percebiam o divino como qualquer outra pessoa de seu tempo, tanto através de seres abstratos como os *numen*, como também a um panteão antropomórfico. Claro, que devido aos perigos que eram característicos de seu ofício, muitos buscavam uma proteção individual (LE BOHEC, 2004, p.332).

É curioso notar que em um nível maior do que os civis, os soldados recorriam mais a súplicas a vários deuses em uma mesma prece, sendo assim uniam deuses e mais deuses em sua súplica afim de que seu pedido tivesse mais eficácia em alguns casos é comum ver súplicas como essas: “A Júpiter, o melhor e maior, a Juno, a Minerva, a Marte, a Vitória, a Hércules, a Fortuna, a Mercúrio, a Felicidade, a Saúde, aos Destinos, ao Gênio que guarda o corpo do imperador (...)” (*Insc.lat .sel* n° 2.181 in: DESSAU, 1989). A fórmula mais segura era a de dirigir-se a todos os deuses e deusas, pois, dessa forma tinha-se a certeza de que não havia sido esquecido nenhum. Por outro lado, é curioso notar a recorrência de alguns epítetos como os de *boni* (bom), *hospites* (hospitais), *salutares* (aqueles que garantiam a saúde), *fautores* (defensores) e *conseruatores* (preserva do mal) (LE BOHEC, 2004, p.333).

É interessante notar também que para os militares, a noção de sagrado adquiria também uma dimensão espacial: o mundo romano possuía fronteiras que estavam colocadas abaixo da proteção dos deuses. Como é o caso do *pomerium*, limite sagrado da cidade na época republicana, e já no Império, esse valor sofreu uma transferência, pois também se aplicou ao *limes*, a zona fronteira que era mais do que uma barreira militar e possuía também valor religioso e jurídico: e quando os bárbaros ultrapassavam essa barreira eles estavam cometendo sacrilégio e se expunham fúria dos deuses de Roma (WEBSTER, 1985, p.176).

Com relação aos ritos praticados pelos exércitos, nota-se uma similaridade dos ritos feitos pelos civis, e grande parte das oferendas feitas aos deuses eram de cunho coletivo: determinada unidade do exército oferecia uma estátua, um altar, um monumento a um deus ou a vários deuses, e muitas vezes juntavam-se parte do salário de cada um dos componentes daquela unidade e buscava-se adornar de forma digna as oferendas, como pode ser visto abaixo:

Figura 3 – Cena sacrificial retirada da coluna de Trajano



Fonte: http://www.trajans-column.org/wp-content/uploads/IMG_2069-8-web.jpg. Acessado em 16.06.16.

A imagem da Coluna de Trajano retrata como o Imperador inicia em cada campanha um sacrifício sagrado, que pode ser de um cervo, ou um touro, e que se executava ao som da música militar e era finalizado com a imolação de novas vítimas, como pode ser visto no lado

direito um grupo de indivíduos portando objetos musicais, enquanto que no meio da imagem, nota-se a presença de animais que estão próximos de serem oferecidas as divindades, assim como também ao lado do grupo do grupo de soldados com objetos musicais percebe-se a presença tanto dos estandartes, como também da águia, podendo indicar também a presença divina de Júpiter.

Porém já existem outros ritos que eram feitos exclusivamente dentro dos acampamentos e possuía um conteúdo exclusivo militar, esses ritos existiam desde a época republicana, e claro que ao longo dos anos foi se modificando. Antes que o exército adentrasse ao território inimigo era necessário purificar-se, a cerimônia chamada de *lustratio* era acompanhada também de sacrifícios animais que buscava purificar de toda a mácula o acampamento, as insígnias, as armas e os trompetes (LE BOHEC, 2004, p. 335).

E quando se saía vitorioso de alguma batalha também era um momento bastante ritualizado, de adoração e de graças aos deuses, imediatamente depois eram enterrados todos os mortos romanos, prestando-lhes as devidas honras e homenagens conforme os ritos fúnebres tradicionais romanos. Posteriormente os vencedores deixavam sobre o campo de batalha um troféu, essa prática tem origem grega e foi introduzida tardiamente dentro do exército romano, e era constituído por um manequim trajado como um soldado, que era colocado acima das armas do grupo de vencidos (LE BOHEC, 2004, p.336).

É curioso notar também que os combatentes esperavam uma proteção particular de um conjunto de potências chamadas de “deuses militares”, ou *dii militare*, que os assistiam em sua vida cotidiana, em particular no campo de batalhas e podem ser identificados como os grandes deuses, princípios divinizados, Gênios e as Bandeiras. Os grandes deuses romanos exerciam funções primordiais dentro do mundo religioso, como por exemplo, a Tríade Capitolina, na qual Júpiter como chefe, possuía vários epítetos que evocavam seu papel, como aquele que derrota seus inimigos, destruía seus adversários, eram também lembrados por sua valentia. E diferente de sua mãe, Juno, Minerva era bastante adorada, por ser uma deusa que possuía uma profunda ligação com o ambiente bélico (FEARS, 1987, p. 176).

Uma das particularidades consistia em reservar um local em seu panteão para as abstrações divinizadas, e nas inscrições e nas moedas existem várias menções a elas. Uma das mais importantes potências foi a Vitória, representada pela forma de uma mulher alada que possuía uma coroa, em muitas ocasiões era adornada com troféus e em algumas representações a mesma pode ser vista junto a Marte e Vênus, ou às vezes apenas associada apenas com Marte. Antes das batalhas eram feitas súplicas, fórmulas divinas e em algumas

ocasiões a mesma era acompanhada de outras fórmulas como *Bonus Eventus* e a *Fortuna* (LE BOHEC, 2004, p. 342).

Além desses seres divinos, existiam ainda os Gênios, seres que possuíam um forte sentido de proteção, e dada essa conexão eram venerados no sentido de proteger os edifícios, e todo o acampamento, que era um espaço sagrado, geralmente eram feitos sacrifícios nos dias de inauguração de algum espaço dentro do acampamento, celebrado geralmente ao som de flautas e trompetes, já outros tipos de Gênios eram encarregados de proteger a tenda do general, o pretório, os depósitos de armamentos. Outro grupo de gênios não eram responsáveis por objetos ou lugares e sim a grupos humanos, como os soldados, por isso nas inscrições é bastante comum a menção aos gênios dos soldados, da Legião, da *Cohorte*, da Centúria e dos Imperadores (LE BOHEC, 2004, p.343).

E por último, havia um culto tipicamente militar que eram as celebrações dos aniversários de cada legião, que eram bandeiras que eram depositadas em capelas, as chamadas *aedes signorum*, situadas na zona central do acampamento onde eram depositadas ao lado da imagem do imperador e da águia da legião, adorada junto da ocasião de seu aniversário. Essas bandeiras eram festejadas e cobertas de flores, cada águia da cada legião era portadora de símbolos que se mostravam nessas celebrações (RENEL, 1980, p.261).

Outro aspecto extremamente simbólico dentro do exército era o culto ao Imperador, esse culto foi além do reconhecimento poderes divinos do *princeps*. Estabeleceu-se uma relação entre o Imperador concebido portador de uma certa divinização e a comunidade através da formação de um culto tradicional que incluía festivais, santuários e fiéis. J. Rufus Fears (1987, p.15) aponta que além de imperador, e líder secular de Roma, ele também era visto como um ser com atributos divinos. Essa nova forma de enxergar o líder do império permitiu que fossem criados novos cultos em Roma, e o poder imperial se estendeu de forma expressiva, já que o Imperador possuía uma relação mútua com a sociedade romana, na qual por meio das homenagens a comunidade rogava pela prosperidade do Imperador que iria também atingir diretamente suas vidas.

O ato de não prestar homenagens no decorrer do culto imperial era visto como um ato desrespeitoso em relação às ações imperiais por Roma. Qualquer outra forma de adoração era permitida no Império, sendo tanto do panteão da cidade ou aos cultos provinciais, contanto que o Imperador fosse venerado, que os cultos estatais fossem respeitados e os sacrifícios fossem feitos, a liberdade religiosa era permitida. Mas as religiões que proibissem esses sacrifícios deveriam ser suprimidas, como foi caso dos cristãos (FEARS, 1987, p.16).

As origens do Culto Imperial são importantes serem relatada até mesmo pelo contexto do presente estudo, já que possui uma ligação com o Império Oriental. Ramsey MacMullen (1981, p.105) aponta que, os romanos incorporaram práticas orientais ao culto. Enquanto que a ideia de uma adoração imperial centrada em Roma e não em suas fronteiras não é totalmente convincente, já que o Culto Imperial é entendido como uma combinação tanto de aspectos nativos como também elementos estrangeiros. O Culto Imperial em Roma era ligado à história da cidade, mas é a presença desse culto imperial nas províncias novas que merece atenção, porque há evidências de celebrações ocorrendo na Ásia Menor três anos antes dela se tornar província romana. As cidades provinciais estavam envolvidas na adoração imperial em um nível local e tiveram papel ativo em promover festivais, sacrifícios e jogos.

Simon Price (1984, p.334) alerta que o culto imperial permaneceu vivo no Oriente porque era obrigatório. Além da obrigatoriedade deveria haver algum fundamento para que as Províncias permitissem a celebração do culto. A cultura helenística possuía um culto real, que honrava pelas suas contribuições políticas aos seus súditos. Portanto, ao que parece a cultural oriental foi de certa forma, mais apta em aceitar a adoração ao imperador.

Após a morte dos imperadores, do primeiro e segundo séculos, poderiam ser divinizados e se tornarem imortais, porém em vida, não era o imperador em sua forma humana que era adorado, mas o seu gênio, o elemento divino e força criativa que reside nele e o guia ao longo de sua vida. Michael Speidel (1984, p.353) aponta que *genii* (plural de gênio) era um dos cultos mais adorados em Roma, mais ainda do que os deuses romanos do panteão ou os deuses vindos do Oriente. E esse também foi o caso do exército.

Enquanto o culto pode ser datado desde o início de Roma, como sendo uma das formas mais antigas de adoração que floresceu no período Imperial como parte do Culto Imperial. Este, como já mencionado acima esteve muito presente no exército. Como a hierarquia da organização militar é rígida, naturalmente que o imperador estava acima de toda a ordem. O *genii* era tão popular entre os militares que sua adoração além da figura imperial cada guarnição, que estava servindo em Roma ou nas fronteiras, possuía um culto próprio ao *genii*. Esses cultos não eram ligados diretamente ao culto imperial, e ajudavam a fomentar a individualidade de cada unidade. Na verdade, os Centuriões eram os maiores responsáveis pelas dedicações aos *geni*, possuíam seu próprio culto ao gênio, o chamado *genius centuriae*. Como cada unidade militar era dividida, e os números de homens nela iam decrescendo, o sentimento de unidade entre esses pequenos grupos de soldados crescia, e isso ilustra o sentimento de um culto compartilhado que era único para cada unidade (SPEIDEL, 1984, p.153).

O culto imperial é também ligado a mais alta divindade do panteão romano, Júpiter. O Imperador foi escolhido por Júpiter para governar pelos deuses na terra. Essa crença fortaleceu ainda mais a força desse culto, é importante frisar que como foi observado acima, o culto do exército mesmo possuindo elementos dos cultos civis se revestia de diferenças e particularidades já que estamos nos referindo a um grupo que possuía uma série de peculiaridades e especificidades que ia desde a própria formação como também às experiências nos campos de batalha e no contato constante com a morte.

Além dos cultos oficiais presentes em Roma nas Províncias e no Exército, existiam outras expressões religiosas que foram sendo introduzidas ao longo dos anos e que ganharam força e visibilidade a partir do século II d.C., essas formas religiosas que afluíram no Império Romano são chamadas de cultos orientais e como veremos abaixo possuíam elementos bastante característicos e que as diferenciavam dos cultos oficiais.

2.3 CULTOS ORIENTAIS EM ROMA

As influências dos cultos orientais em Roma são encontradas ao longo de diversos períodos da história romana, às vezes de forma mais branda, outras vezes de forma mais intensa como no caso do período imperial quando contava com um território extenso e bastante diversificado, o dificulta definir toda a riqueza sociocultural presente nesse período em decorrência da fusão de valores, integração de costumes e instituições entre as regiões do Oriente e do Ocidente no mundo antigo (MENDES, 2002, p.85).

Os cultos orientais são caracterizados geralmente como:

Algumas manifestações religiosas voltadas para divindades específicas originárias do Egito e do Oriente Próximo Antigo disseminadas em momentos diversos e com êxito desigual nas diversas regiões do Império de Roma, de modo especial durante o segundo helenismo; em seu conjunto estas constituem um fenômeno específico (SANZI, 2006, p.37).

É válido ressaltar que o termo *os cultos orientais* tem sido objeto de algumas controvérsias entre pesquisadores do campo da História Antiga, pois essa denominação foi dada pelo pesquisador belga Franz Cumont no início do século XX. Ele analisou o fenômeno religioso romano a partir do grupo de religiões vindas do Oriente que compartilhavam entre si determinadas características que as colocavam a parte dos cultos cívicos tradicionais, segundo Cumont, posteriormente abriu espaço para a ascensão do Cristianismo. Porém alguns pesquisadores como Mary Beard e Simon Price contestam esta tese, alegando que vários

desses cultos certamente possuíam uma “origem” oriental, porém quando os mesmos chegavam em solo romano se diferenciavam substancialmente de sua ancestralidade oriental. Inclusive a definição de “Oriente” não é homogênea como quer Cumont, pelo contrário diferentes cultos vieram de locais variados cujas experiências religiosas obtiveram novos significados e novas atribuições em suas estruturas (BEARD, NORTH, PRICE, 1998, p.246).

Nota-se o quão complexo e específico foram a confluência de diversas expressões religiosas no mundo romano, e o grande problema da teoria de Cumont é destinar especial atenção mais ao local de origem desses cultos do que apontar as transformações sofridas pelos mesmos em solo romano, sendo assim o termo *Orientalização* deve ser apreendido com ressalvas e cuidados, pois “o Império Romano, raríssimas vezes teve condição de assimilar elementos vindo em seu estado original, se é que isso alguma dia ocorreu”(SILVA, 2005, p.196). Por um outro lado as influências orientais, sejam de cunho religioso, no que tange aos cultos de mistérios, sejam filosóficas e artísticas, sempre tinham elementos da cultura helênica. Logo, a *Orientalização* passa a ser identificada como uma confluência de correntes culturais transformadas pelos sincretismos característicos do mundo helenístico. Em todo caso, é importante lembrar que esta denominação está imbuída de uma distinção importante, porque a cultura absorvida por Roma estava envolta pelos elementos do mundo grego, sendo considerada uma construção sincrética da época helenística. Contudo, esta mesma cultura preservava características locais, próprias de sua ancestralidade regional, o que a distinguia da cultura clássica (TURCAN, 2001, p.48; SOARES, 2011, p.50).

Ao pensar sobre as causas que facilitaram a difusão de cultos no mundo romano, é importante lembrar-se da importância de Alexandre Magno e de sua empreitada expansionista. Durante os séculos IV a I a.C., o chamado Império Helenístico, um período em que houve importantes transformações sociais e religiosas, além de uma considerável difusão dos valores e ideias gregos pelo Mediterrâneo oriental. O intenso contato entre povos oriundos da região oriental por meio de militares, de comerciantes, de escravos foi levado para o Ocidente, difundindo as suas divindades pátrias e, por outro lado, também uma massa ocidental que no curso de suas viagens aderiram ao fascínio de divindades antigas e muito diferentes daquelas do seu panteão tradicional. Possivelmente o êxito da expansão dessas divindades pode ser encontrado em sua capacidade de saber conviver em ambientes diferentes daqueles originários de seus deuses tradicionais greco-romanos (SANZI, 2006, p.37).

No período Imperial, entre o governo de Augusto até o de Antonino Pio, quando a extensão geográfica de Roma atingiu seu auge, foi também um período considerado de certa

forma pacífico, a nível interno em relação às fronteiras romanas com relativa paz¹² o que contribuiu para que houvesse uma maior expansão e afirmação das religiões estrangeiras no Império. O deslocamento de pessoas pelo vasto território romano favoreceu a difusão de cultos, como também das relações comerciais travadas na bacia do Mediterrâneo tiveram importante papel para a entrada das divindades provinciais. Foi importante também para que houvesse um maior contato entre as Províncias e a capital Roma o edito promulgado por Caracala em 212 d.C (ALFODY, 1989, p.110).

Os cultos estrangeiros, conforme mencionado, possuíam traços e elementos oriundos do Oriente, as maiores divindades foram Isis, proveniente do Egito, Cibele e Átis, da Ásia Menor, Artagátis, da Síria e Mitra, da Pérsia. Curiosamente todos esses cultos possuíam a dimensão de mistério.

Nas línguas modernas, a palavra mistério está relacionada ao sentido de segredo. O segredo foi o principal atributo dos mistérios antigos, manifestando-se sob a forma de *cysta mystica*, uma cesta de madeira fechada com tampa. Mas essa definição não é suficiente para esclarecer o termo visto que nem todos os cultos secretos são cultos de mistérios. A definição não se aplica para a magia privada nem para as complexas hierarquias sacerdotais com acesso restrito aos locais ou objetos sagrados. Os mistérios são cerimônias de iniciação, cultos em que a admissão e participação dependem de algum ritual pessoal a ser executado. Esse caráter de exclusividade é acompanhado pelo segredo e, na maioria dos casos as cerimônias aconteciam em um cenário noturno. De qualquer maneira dos Cultos de Mistérios se constituíam como uma forma de religião pessoal, dependente da decisão privada e almeja alguma forma de salvação através da proximidade com o divino (BURKET, 1992, p. 19-26).

O indivíduo que desejasse participar dos Cultos de Mistério, deveria se submeter às cerimônias de iniciação. Do pouco que se sabe do cerimonial sabe-se da sua natureza esotérica e que é preciso superar desafios e provas como uma forma de ingressar no grupo de devotos. Partes das cerimônias são inacessíveis à aqueles que não alcançaram um grau específico de iniciação, enfim não possuíam uma dimensão pública e aberta (ALVAR & MAZA, 1995, p.437).

Nesse ponto já podemos compreender algumas diferenças presentes entre a Religião Oficial e os Cultos Orientais, especialmente na questão de que grande parte da vida religiosa

¹² A *Pax romana* foi o período de paz para o Império, a partir de Augusto até o século II, quando houve uma estabilidade política com a instituição do poder pessoal e a centralização do Imperador. A implantação de regras político-administrativas para gerenciar o Império, a consolidação das fronteiras imperiais e um grande desenvolvimento econômico, beneficiando Roma e as províncias, principalmente as suas elites (PETIT, 1989, p.20).

romana se dava de uma forma cívica na qual os indivíduos, membros de uma comunidade adoravam os deuses de forma pública e aberta, ou então em suas casas, mas não era comum a busca por um contato mais próximo das divindades. A aproximação e maior profundidade no relacionamento com o divino é que é primordial nos Cultos Orientais, pois a partir de um ritual secreto era possível experimentar novas formas do sagrado.

A iniciação nos mistérios comportava um ritual místico no qual a divindade se faz presente na figura de seus sacerdotes. É válido destacar que de uma forma geral os mitos de quase todas as divindades orientais apresentam alguma relação com os temas de morte, vida e renascimento. Por exemplo a deusa Isis, que após a morte de seu esposo e irmão Osíris, que foi esquartejado por seu irmão Seth, ela então em desespero vagou pela terra afim de juntar os seus pedaços, e em cada local por onde passou dedicou-se um altar para a deusa. Nesse caso, e também em outros mitos nota-se a experiência dos sentimentos humanos como a dor da perda, e a difícil descida ao mundo dos mortos, o que possibilita a salvação das adversidades impostas pelo destino:

Tanto as grandes correntes da religiosidade popular como as sociedades secretas dos mistérios egeo-orientais se cristalizaram em volta das chamadas divindades da vegetação, que são primordialmente divindades dramáticas, responsáveis pelo destino do homem, conhecendo, como ele, as paixões, o sofrimento e a morte. Jamais a divindade se aproximou tanto dos homens. [...] As divindades soteriológicas partilham os sofrimentos desta humanidade, morrem e ressuscitam para resgatá-la. Esta mesma 'sede de concreto' que sempre empurrou para segundo plano as divindades celestes - longínquas, impassíveis, indiferentes ao drama cotidiano - manifesta-se na importância concedida ao filho do deus celeste (Dioniso, Osíris, Alein, etc.). Na maior parte das vezes o filho reclama sua paternidade celeste; todavia, não é essa descendência que justifica o papel capital que ele desempenha na história das religiões, mas a sua 'humanidade', o fato de se ter integrado definitivamente na condição humana, ainda que consiga ultrapassá-la pela ressurreição periódica. (ELIADE, 1993:89-90).

Possivelmente o fator de diferenciação e de possível popularidade seria essa experiência dos sentimentos humanos experimentadas pelos deuses, que em suas vivências também sofreram, passaram por momentos de tribulações e provações e alguns até de morte, mas que foram recompensados posteriormente com uma ressurreição e nesse sentido talvez a história da divindade, e sua associação com os dramas de morte e ressurreição possam ter sido encarados como respostas as necessidades práticas do cotidiano, até mesmo de uma possível promessa pós vida. Assim, a existência além-túmulo não aparecia mais ao homem romano como uma continuação menos brilhante da vida terrestre, mas sim com um momento de redenção de todos os infortúnios aos quais ele poderia ser submetido. Então, o cidadão

romano, ao integrar um culto, estava proporcionando uma resposta á sua necessidade de sobrepujar a angústia diante da morte (SOARES, 2011, p.54).

Outra relação que também pode ser feita tendo em vista os Cultos de Mistério é o rito que se constitui como uma forma de transição, uma experiência de quase morte e ressurreição fictícia para uma “nova vida”. Ao quase “morrer”, o iniciado é capaz de deixar sua existência temporal e ganhar aproximação do tempo mítico da divindade. O iniciado é capaz de participar da cosmogonia e se aproximar da divindade criadora, e participar da ordem do cosmos. Após a cerimônia ocorre uma espécie de “renascimento” e o fiel passa a ser uma “nova pessoa”, uma experiência que possibilitou o iniciado entrar em uma nova realidade e ficar em comunhão com a divindade que está ligado, é esta sintonia que atesta o mais profundo comprometimento (GORDON, 2012, p.219).

Esse aspecto dos mistérios orientais está muito presente na obra do século II d.C., *Metamorfoses* ou o *Asno de Ouro*¹³, escrita por Apuleio, ela extremamente emblemática porque dá a conhecer alguns elementos das cerimônias de iniciação aos mistérios de Ísis especialmente na proximidade entre o ritual iniciático e a morte. Encontramos ideias similares em Plutarco em seu “Tratado sobre a natureza da alma”, (ALVAR & MAZA, 1995, p.439).

Ambos Apuleio e Plutarco relatam as experiências profundas e marcantes das divindades o que não é encontrado nos cultos tradicionais romanos, os quais eram cultos públicos organizados pelo Estado ou cultos familiares, realizados pelos chefes de família (sempre homens), ou os cultos de seções particulares da cidade ou das províncias organizados pelas autoridades locais (ROSA, 2006, p.153). Assim é possível questionar o quanto essas novas formas religiosas tornaram-se mais latentes em solo romano e significativos tanto no sentido de dar uma nova abordagem religiosa, como também proporcionar um maior contato individual na experiência do sagrado.

Vale ressaltar que enquanto grande parte os cultos de mistérios geralmente, detinha uma postura mais acolhedora, dirigia-se a qualquer pessoa de qualquer idade, sexo ou posição social, a única exceção é o Culto para Mitra que excluía a participação feminina, todos os outros cultos eram abertos, lembrando mais uma vez o culto para a deusa Ísis, em “Diosas, ramerias, esposas e escravas” (POMEROY, 1987, p.45), vê-se que de vinte e seis indivíduos nomeados sacerdotes de Ísis em inscrições encontradas na Península Itálica, seis eram mulheres, incluindo uma de categoria senatorial e uma filha de libertos, além disso contava com um grêmio formado apenas por homens, o *collegium* dos pastóforos (SOARES, 2011,

¹³ A obra *Metamorfoses* também é conhecida como *Asno de Ouro* (*Asinus Auerus*), denominação atribuída por Agostinho em sua obra *A Cidade de Deus* (SILVA, 2012, p. 45).

p.53). A presença feminina no Culto Isíaco pode ser observada em imagens, como é o caso de um afresco encontrado na cidade de Herculano, provavelmente pertencente a uma casa particular.

Figura 4– Cerimônia Isíaca, provavelmente do ano 50-75 d.C.



Fonte: <http://helmutwalther.privat.t-online.de/isis.jpg>. Acessado em 28.09.15.

De forma geral as informações relativas aos Cultos Orientais não são abundantes, os motivos são vários, dentre eles, muitas fontes e documentos foram perdidos ao longo do tempo, chegando até nós apenas partes em trechos e obras literárias ou através de fontes arqueológicas e epigráficas. Porém o fato de que os cultos eram secretos prezavam pela discrição e o segredo. Já nos seus ritos o segredo sagrado tem o peso de preservar o mistério que influencia a explicação profunda do ordenamento do cosmos e da posição que o homem ocupa na terra.

O rito iniciático permite os seguidores das divindades obter o conhecimento suficiente para decifrar o oculto. Esse conhecimento do oculto e o que não se pode revelar e constitui a chave do mistério. Portanto, os cultos possuem o mistério, não porque guardam um segredo simplesmente, mas sim porque há a uma transmissão da vivência pessoal de deus e do iniciado que é o sentido do caráter mistério (ALVAR & MAZA, 1995, p.438).

Outro elemento característico dos cultos de mistério é a utilização das práticas votivas, que se constituem como um processo no qual o indivíduo estando doente, ou em perigo, ou em qualquer situação de necessidade, ou pelo processo inverso quando alcança-se alguma forma de ganho ou prosperidade, fazem-se promessas aos deuses e geralmente cumprem-nas oferecendo doações de maior ou menos vulto. A prática votiva pode ser considerada como uma estratégia humana para enfrentar o futuro, pois, numa situação de crise que o incapacita, o indivíduo pode se erguer para imprimir aquilo que o aflige e através de um ato de fé pedir aos deuses que atuem diretamente naquilo que lhes é pedido. Os objetos votivos, por mais humildes que sejam, constituem a prova de uma fé pessoal num deus em particular, que, em troca, oferece alguma forma de auxílio ou salvação, deve-se ter em mente que a religião votiva tem um caráter bastante experimental, atuando como uma forma suplementar de expressão de devoção religiosa, e não possui uma ideia excludente para com os outros deuses (BURKET, 1992, p.26).

A relação entre as práticas votivas e os cultos de mistérios, segundo Walter Burket (1992), é tríplice porque a prática de iniciação pessoal, quanto a motivação e a função, em larga escala medida corre paralelamente a prática votiva e, contra esse pano de fundo, deve ser vista como uma nova forma numa mesma busca de salvação. Segundo, o surgimento de novas formas de culto de mistério com novos deuses corresponde ao que seria de se esperar como resultado dessas funções práticas. Terceiro, a difusão das chamadas religiões orientais de mistério se deu basicamente sob uma forma de religião votiva, sendo que os mistérios às vezes formavam apenas um apêndice desse movimento geral.

E em grande escala encontrou-se um número extremamente considerável de placas votivas ao longo dos diversos templos orientais espalhados por entre o império romano, esse tipo de fonte é extremamente para o conhecimento das práticas religiosas orientais, pois nela são gravadas informações tanto com relação aos epítetos dados a determinada divindade, o teor do pedido ou do agradecimento, quem era o depositante e até o mesmo o local em que determinada placa foi encontrada e todas essas informações contribuem de forma positiva para lançar luz sobre o processo de disseminação dos cultos orientais. Como é o caso, por exemplo, de uma placa de dedicação ao deus Mitra, encontrada no Mitreu de Virunum, na Áustria:

Para o bem-estar do imperador, em honra da casa divina, ao Sol invencível Mitra, Hilário, ex-escravo do imperador, funcionário do reino Norican e Epicteto, reparou esse templo que tinha desmoronado pela idade de sua construção, com suas próprias despesas, como também sua pintura, quando nosso mestre, e Gordanius Augusto e

Aviola eram cônsules em 223 d.C., com Licínio Marcellus como pai dos ritos (CIMRM 1438-p.67).

Essa inscrição é datada de 223 d.C., e nela pode-se apontar uma série de informações relevantes, como quem era o depositante e sua função, no caso, ao que a placa indica, um ex-escravo de Alexandre Severo, o imperador da época, e nessa placa o depositante pede pelo bem estar do Imperador, e também o mesmo ainda enfatiza sua ajuda na restauração do templo com seus próprios gastos, o depositante ainda nomeia Mitra como sol e invencível, esses dois epítetos são amplamente associados a esse deus, pois o mesmo se configura como divindade solar, e o epíteto invencível evidencia e perpetua sua característica de um deus que não conhece a derrota e que dá a vitória a seus fieis.

É válido atentar ainda para as formas de propagação dos cultos orientais e quais agentes sociais foram importantes nesse processo, já que após o estreitamento das relações comerciais na bacia do Mediterrâneo, houve uma abertura em maior escala para a entrada de inúmeros devotos que traziam consigo suas divindades pátrias. E alguns agentes humanos, graças a sua mobilidade social, transportavam consigo valores culturais pelas regiões a quais passavam. Importante categoria como difusores dos cultos orientais foram os comerciantes, os soldados que integravam as legiões e tropas auxiliares do Império, os próprios sacerdotes dos cultos orientais que se encarregavam de difundir sua devoção pelo Ocidente, assim como escravos orientais, em especiais sírios, que, ao serem deportados para as regiões ocidentais, disseminavam suas crenças (SILVA, 2005, p.204, SOARES, 2011, p.54).

A aceitação dos cultos orientais não foi um sentimento compartilhado por toda a sociedade romana. Pelo contrário, a mesma organizou-se por muito tempo a margem da religião oficial, e segundo Gilvan Ventura Silva (2005), as manifestações mágico-religiosas que eram provenientes do Oriente estiveram sempre sujeitas ao controle estatal, como foi o caso do culto Isis que durante o ano 21 a.C., quando Augusto era imperador foi proibiu a adoração de cultos egípcios dentro do *pomerium*, recinto sagrado da cidade. A proibição estendeu-se também aos subúrbios, onde os fieis não poderiam estabelecer altares num raio de 1330 km em torno da *Urbs* (TURCAN, 2001, p.92).

Nota-se com tudo que foi exposto até o presente momento que houve diferenças marcantes entre a religião oficial cívica romana e as expressões religiosas oriundas do oriente, enquanto uma se apresentava por vezes extremamente formal e que buscava muito mais reconhecer o individuo como membro de um corpo social, as religiões orientais irão se mostrar diferenciadas tanto na estrutura de seu culto, que sempre lembrando que, por mais que estejam colocadas dentro de um mesmo grupo, as religiões vindas do oriente possuíam

ritos específicos e diferenciados apesar de apresentarem características semelhantes, quanto na própria relação e contato com o divino, que se dava de uma forma muito mais intensa e pessoal.

Como dito anteriormente, uma divindade vinda do oriente e que desfrutou de um intenso interesse por parte de alguns grupos sociais foi o deus Mitra, que possuía características únicas e que curiosamente foi muito bem aceito dentro do universo militar, como veremos no capítulo a seguir.

3 O MITRAISMO ENTRE O OCULTO E O REVELADO

3.1 UMA BREVE DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE O MITRAÍSMO.

Estudar o Mitraísmo é extremamente desafiador, tema pouco pesquisado no Brasil, documentação difícil de encontrar, além de reunir em si uma série de questionamentos e incógnitas, tanto com relação ao seu momento de aparição e local de procedência, como também sua forma organizacional, práticas litúrgicas e ritos de iniciação.

É importante frisar que muitas das lacunas presentes nos estudos sobre este culto se são em parte pelo seu caráter secreto, pois como dito no tópico anterior o segredo e o mistério com relação aos aspectos litúrgicos não podem ser revelados para preservar os ensinamentos e as informações divinas proporcionadas aos iniciados. Portanto, o processo de reconstrução de informações relativas ao Mitraísmo é obtido graças à combinação de informações parciais procedentes de fontes literárias, bem como fontes arqueológicas, que em grande parte foram encontradas nos templos dedicados ao deus Mitra, os chamados mitreus, como também inscrições epigráficas e representações estatuárias e iconográficas.

Antes de adentrarmos no estudo específico desse culto é válido refletir sobre as principais contribuições dadas por historiadores, filólogos e arqueólogos para uma tentativa de compreensão do fenômeno religioso mitraico, pois com o acréscimo de fontes que foram sendo incorporadas aos estudos sobre esse deus, nota-se uma variação nas análises realizadas sobre as mesmas, ocasionando assim diferentes pontos de vista, bem como revisões e problematizações em teorias já sedimentadas.

A partir do Renascimento aparecem de publicações sobre o deus Mitra nas quais seus autores ofereciam uma explicação particular a possível função da divindade, tanto em seu aspecto religioso e mistérico como também relacionado ao panteão persa antigo. A obra de U. Aldrovandi, publicada em Veneza em 1562 intitulada “Delle statue antiche, che per tutta Roma, in diversi luoghi e casi se veggono”, é considerada um dos primeiros trabalhos publicados sobre esse tema, o autor realiza uma descrição da cena de tauroctonia mitraica¹⁴; porém é notório um desconhecimento ainda nesse período sobre os possíveis significados simbólico-religiosos da religião mitraica. Em 1564, A. Lafreri edita em Roma “Speculum Romanae Magnificentiae”, nesse estudo o autor oferece uma interpretação da tauroctonia

¹⁴ Tauroctonia Mitraica é a matança ritual de um touro efetuada pelo deus Mitra. É comum encontrar uma representação feita conforme um esquema iconográfico, pintado no centro de todo mitreu. A imagem evidencia Mitra, a adaga e o sacrifício do touro, essa representação é extremamente emblemática para essa expressão religiosa.

mitraica vinculada a um simbolismo agrícola. Mitra se apresenta como um modelo para os agricultores, uma divindade da fertilidade e do campo, nota-se que os demais trabalhos publicados nesse período mantêm um tom geral de interpretação dos relevos e esculturas mitraicas vinculados a um aspecto de uma divindade ligada a terra e as plantações, nota-se também em muitas produções do período a afirmação da identidade deste deus como sendo oriundo da antiga Pérsia (TURCAN, 1994, p.54).

Já no início do século XVIII é possível perceber um maior aprofundamento da interpretação e da documentação disponível no período, especialmente a partir da publicação do livro de F. della Torre, “*Monumenta Veteris Antii hoc est inscriptio M. Aquilo et tabula Solis Mithraea variis figuris et symbolis exsculpta*”, publicado em Roma em 1700. O autor se preocupou nessa obra em revisar as concepções de seus predecessores, em especial a ligação de Mitra e o simbolismo agrícola, mas destacou que existia também outros aspectos, como a ligação entre Mitra e o Sol, bastante presente nas representações em afrescos e pinturas dedicadas a divindade (ALVAR, 2012, p.144).

No mesmo ano da divulgação do trabalho de F.della Torre, outro estudo também foi publicado, de autoria de T. Hyde, a obra “*Veterum Persarum et Pathorum et Medorum religionis historia*”, editado em Orfoxd, que buscou aprofundar o estudo nas origens do culto mitraico, analisando principalmente as características do culto a partir do seu passado iraniano e sua conexão com a figura dos antigos reis persas. É importante salientar que essa vertente oriental explicitada na obra, sofreu influência direta do período em que foi escrita, pois foi também nessa época que as primeiras traduções disponíveis em idioma europeu dos textos sagrados da Índia (Os Vedas) e do Irã (O Avesta), foram feitas pelo francês A. Anquetil-Duperron a partir de 1771, e o acesso a esses textos possibilitou um impulso dos estudos sobre as religiões indianas e iranianas antigas a partir de suas fontes originais. Graças a análise desses livros religiosos se abriu um campo de investigação para a figura do deus Mitra, em que além de perceber o mesmo através de monumentos e esculturas oriundas do império romano, também foi possível pensar sobre Mitra e suas origens orientais (CAMPOS, 2006, p.19).

Durante o século XIX os estudos mitraícos avançaram significativamente, com pesquisas cada vez mais aprofundadas e sólidas. Em 1814, é publicada em Gotttiange, na Alemanha a obra de J.G. Eichhorn “*De Deo Sole Invicto Mithra*”, e a interpretação proposta no livro aponta principalmente o significado da tauroctonia, que segundo Eichhorn, Mitra seria uma divindade solar, e o sacrifício está carregado de um simbolismo de um ator criador

e salvador de toda a natureza. Esse estudo influenciou diretamente os estudos de Franz Cumont (CAMPOS, 2006, p.21).

Franz Cumont foi um pesquisador belga, considerado pela historiografia moderna como o fundador científico dos estudos relacionados à Mitra. Ele inaugurou sua vasta produção com um trabalho de compilação de todas as fontes epigráficas, literárias e artísticas relacionadas ao Mitra. Esse trabalho foi extremamente importante para o campo dos estudos mitraícos, e acabou se configurando como uma produção dividida em dois tomos, chamado de “Textes et monuments figures relatifs aux mystères de Mithra”. Vol I. Brussels, 1896 e Vol II. Brussels, 1899. O trabalho desse autor para a historiografia dos cultos orientais é inigualável pois graças à sistematização e organização dos tomos, pode-se ter acesso a um grupo considerável de fontes para o estudo do mitraísmo. Outra obra desse autor importante publicada no ano 1903 chamada “Les mystères de Mithra ” apresenta a sua tese fundamental sobre o mitraismo que Cumont entendeu como sendo uma forma de mazdeísmo¹⁵ helenizado. Nesse sentido foi possível verificar fortes conexões entre a religião persa e seu desdobramento romanizado, conferindo um protagonismo à figura dos magos helenizados. Com o desenvolvimento dessa tese abriu-se uma série de novas problemáticas relativas ao mitraísmo, porque muitos pesquisadores passaram a questionar até que ponto pode-se falar de uma influência apenas Oriental na religião mitraica. Especialmente porque nos estudos de Cumont verifica-se uma tendência reducionista que se preocupa muito mais em interpretar as características do culto com base em seu passado iraniano, do que refletir sobre os processos de mudanças, reapropriações e modificações que o culto sofreu ao ser introduzido e difundido no Império Romano.

Em 1971 ocorreu em Manchester o “First International Congress of Mithraic Studies”, cujo tema principal foi a continuidade e a descontinuidade entre o culto de Mitra indo-iraniano e o deus Mitra greco-romano. Uma das grandes questões debatidas nesse Congresso foi a revisão das teorias publicadas por Franz Cumont em 1903, pois alguns pesquisadores como Richard Gordon e John Hinnels teceram uma série de críticas e aprofundamentos que buscavam balancear e questionar o peso da influência da cultura oriental no mitraismo romano, e assim apontar que seria impossível pensar no culto como sendo apenas uma transposição imutável das celebrações dedicadas a Mitra na Pérsia para o ambiente romano, nesse sentido essa nova forma verificar o mitraísmo acarreta uma série de novos estudos em

¹⁵ Religião persa antiga, conhecida também como Zoroastrismo, teria sido fundada por Zoroastro. Foi muito praticada até o advento do Islamismo no séc. VII. Seu principal deus era Ahura Mazdā (em persa antigo), ou Ōhrmazd (persa médio do Irã), daí tem-se o nome de mazdeísmo. (BULFINCH, 2006, p.401).

busca de aprofundar as reflexões, a sua origem iraniana, e também refletir sobre as modificações e apropriações como fruto do contato com o mundo ocidental (SANZI, 2006, p.72).

Outro evento bastante relevante para os estudos mitraícos foi o “Encontro Anual da Associação Americana de Filologia” em 1973, em que Roger Beck divulgou uma tese que apontava para a análise da cena da tauroctonia por uma ótica cosmológica, ou seja, as representações contidas nessa imagem, tanto o momento de Mitra sacrificando o touro, como também outros elementos presentes na imagem como estrelas, planetas e em alguns casos até as estações zodiacais. Essas últimas estariam diretamente ligadas a um evento preciso no calendário astronômico quando a constelação de touro encontra-se a oeste. Este acontecimento que se pode observar por algumas noites no curso do ano, mas sempre em momento diferente (SANZI, 2006, p.72).

É importante frisar que ao longo dos anos diversas teorias e estudos tentaram responder diversificados problemas sobre o mitraísmo e muitos questionamentos ainda permanecem sem respostas, porém até os dias de hoje são encontradas novas fontes, em sua maioria de natureza arqueológica, que tem lançado luz e ao mesmo tempo mais dúvidas para os pesquisadores que se debruçam sobre o fenômeno. Assim como também existe revisões constantes das fontes e das teorias já desenvolvidas, todo esforço é feito para que possa ser possível conhecer ou pelo menos buscar compreender de uma melhor forma aquilo que se convencionou chamar de Religião Mitraica.

Após essa breve explanação sobre algumas das principais teorias e estudos relativos a religião mitraica é válido pensar sobre como se constituía a esfera mítica dessa religião, ou seja, qual foi a narrativa criada para contar a história da divindade, nesse sentido é importante frisar desde já que, dada a dispersão das, a reconstrução tanto da narrativa mítica como dos próprios aspectos desse culto é bastante aberta a uma diversidade interpretativa, porém a partir de uma combinação principalmente de representações que foram feitas em alguns mitreus escavados, como também a partir de alguns testemunhos literários é possível conhecer ainda que parcialmente a história mítica que circunda o mitraísmo.

3.2 O MITO DE MITRA: ENTRE SUPOSIÇÕES E VARIAÇÕES

Como já foi dito o deus Mitra foi uma divindade indo-iraniana, e antes de refletir acerca das características dessa divindade em solo romano é relevante que seja exposto algumas características essenciais sobre a origem desse deus. Mitra fazia parte de um vasto

panteão religioso cultuado entre as regiões do norte da Índia e do Irã. O testemunho mais antigo dessa divindade é datado do segundo século d.C., se trata de um pequeno tablete de argila encontrado em Boghaz-Köy na atual Turquia, a antiga capital do império Hitita, nesse tablete Mitra é invocado como o responsável por um acordo entre os Hititas e o povo vizinho, os Mitanni. É curioso salientar que em seu local de origem Mitra não é apenas o deus dos acordos e tratados, ele na verdade é o tratado ou contrato personificado. Em Avesta¹⁶, Mitra significa acordo ou tratado (CLAUSS, 2011, p.3).

Na literatura Védica, Mitra é a divindade que governa os homens, e consequentemente preza pelo cumprimento do respeito aos códigos de bom comportamento, como também assegura a comodidade dos homens e desempenha papel na ordem cósmica, detentor dos céus e da terra, é curioso notar que essa característica cósmica de Mitra também está bastante presente em uma série de pinturas e esculturas feitas em Roma. O deus é caracterizado também com onipresente, próximo dos homens, justo, que auxilia no crescimento vegetativo e no bem-estar dos seres humanos e que possui uma profunda ligação com a luz e o sol (TURCAN, 2001, p.188), como é possível ver no trecho abaixo extraído do Vendidad:

Então Ahura Mazda falou: “Quando uma pessoa morre, quando a vida de uma pessoa chega ao fim, quando os demônios, os defensores da vida, os mals, já os tem dividido, então no terceiro dia após sua morte a deusa brilhante aparece como o alvorecer, e dá luz, e Mitra, cujas armas são boas, surge em chamas como o sol, e sobe as montanhas” (*Vendidad* 19, 28-29 apud. CLAUSS, 2011, p.3. Tradução Livre).

Ao analisar o texto acima, fica clara a relação latente que Mitra tem com o sol e a luz, e assim como em sua localidade de origem ele também apresenta essa caracterização solar e divina em Roma a partir do século II d.C., isso pode ser visto tanto em imagens como também em alguns trechos literários, em que o mesmo é representado por junto a esferas solares e até mesmo personificações do sol, como no caso o deus Hélios. Porém se faz necessário enfatizar que é crucial levar em consideração o longo período de tempo entre a datação desse documento (1500 d.C.) e o período de aparição do deus Mitra em Roma (II d.C.), e ter em mente que se trata de períodos históricos distintos, que guardam em si suas particularidades e especificidades, porém ainda sim é possível perceber recorrências de certos aspectos relacionados a natureza e atribuições desse deus, como é o caso de sua dimensão solar.

Após essa breve introdução sobre as principais características do deus Mitra em seu local de origem, se faz necessário tentar traçar uma narrativa relacionada aos principais

¹⁶ Dialeto oriental do antigo Irã.

episódios presentes na mitologia mitraica, e o uso da palavra “tentar” não é usada de forma aleatória, pois de fato se configura em uma tentativa o ato de buscar conhecer e compreender o que se configura como o aporte mítico para esta religião, já que existe uma série de perguntas e respostas ainda inconclusas sobre a história desse deus.

Se por um lado a documentação literária e escrita é rara, por outro há uma abundância imagética significativa que representam passagens relevantes do mito. A análise das imagens aponta para uma recorrência e uniformidade de alguns momentos cruciais que auxiliam diretamente na tentativa de traçar uma linha de compreensão para a história do deus Mitra.

Há claramente muitas variações nas imagens feitas em homenagem a Mitra, tendo em vista que essa expressão religiosa se espalhou por variadas regiões de Roma, não é de se esperar que todos os grupos utilizassem as mesmas imagens e formas de representações, havendo então diferenciações artísticas relativas ao mito do deus persa, porém existem determinados momentos repetitivos na mitologia de forma bastante expressivas nas gravuras feitas em baixo-relevos, pinturas e afrescos, o que leva a crer que esses momentos são cruciais para o entendimento do mito mitraico.

Ambas as fontes literárias e iconográficas apontam que Mitra nasceu miraculosamente de uma pedra. Um jovem herói, na figura de um garoto ou até mesmo de um bebê, emerge de dentro de uma pedra já vestido com seu chapéu e capa tipicamente frígios, portando arcs, flechas, adagas ou até mesmo tochas, como pode ser visto na imagem abaixo, que é referente a uma escultura em pedra encontrada no Mitreu de Primus na Itália:

Figura 5 – Mitra nascendo de uma pedra



Fonte: CLAUSS, 2011, p.66.

O nascimento de Mitra do interior de uma pedra é umas das cenas mais comuns da iconografia mitraica, a mesma só não é mais recorrente do que o episódio da tauroctonia. E tanto fontes escritas como imagéticas são bastante claras ao nomeá-lo como o deus nascido da rocha, assim como mostra uma inscrição que diz a seguinte frase: *D(eo) O (mnipotenti) S(oli) Invic (cto), Deo Genitori, r(upe) n(ato)* “Ao poderoso Deus Sol Invencível, Deus gerador, nascido da rocha”.

A recorrência e importância desse aspecto da mitologia mitraica abre uma série de suposições e interpretações. Como é o caso de Manfred Clauss (2011, p.64) que ressalta a importância de algumas das principais características desse deus já são esboçadas seu nascimento, o mesmo nasce portando uma tocha acesa, trazendo a luz, ou como uma de suas alcunhas evidencia *genitor luminis* criador da luz, e sendo um deus solar ele mesmo é a própria luz para o mundo, e como aponta Jaime Alvar (2008, p.81) o fato de Mitra ser o criador da luz parece se encaixar em uma possível hipótese de uma narrativa cosmogônica mitraica .

Além de portar uma tocha, Mitra também nasce segurando um punhal, o que abre possibilidade de conjecturar que ele já nasce pronto para as adversidades que posteriormente surgirão em sua jornada, como o sacrifício do touro na gruta. Já que segundo Porfírio, em sua obra “O Antro das Ninfas”, Mitra é um deus bélico pronto para guerrear contra as forças malignas e que através de sua ação sacrificial é que será criada a vida na terra.

Após seu nascimento, Mitra inicia uma série de tarefas, que variam bastante dependendo da pintura ou do afresco, porém é recorrente o episódio no qual o deus portando seu arco acerta uma flecha em uma pedra e dela começa jorrar água, alguns pesquisadores apontam que talvez esse feito possa ser interpretado como uma ação milagrosa, o que reforça o caráter sagrado e benfeitor desse deus (TURCAN, 2004, p.67). Manfred Clauss (2011, p.72) sugere um paralelo entre esse episódio mítico e o cristianismo, que foi disseminado pelo Império Romano no mesmo período que os mistérios de Mitra, pois o milagre da água foi um dos mitos amplamente disseminados que se originaram em regiões atingidas pela seca, onde a prosperidade dos seres humanos e da natureza depende da chuva. Cada um a sua maneira, Mitra e Cristo incorporaram, inicialmente como uma necessidade concreta, e pouco depois, como um símbolo. Cristo é identificado no Novo Testamento como a água da vida. Como

também em muitos sarcófagos cristãos retrata o milagre de Moisés¹⁷ partindo a rocha com seu cajado ocasionando um fluxo de água, interpretado como um símbolo de imortalidade.

Antecedendo ao clímax, que é o sacrifício do touro na gruta, Mitra tem ainda a missão de caçá-lo, como é possível perceber na imagem abaixo, se trata de um momento bastante dramático e violento:

Figura 6 – Mitra caça o touro antes do sacrifício



Fonte: <http://www.tertullian.org>. Acessado em 25.06.2014.

No primeiro quadro é possível observar que o touro se encontra pastando tranquilamente antes de ser capturado por Mitra, porém essa captura não se dá de forma tão simples, pois nos dois quadros seguintes é possível verificar um intenso combate entre eles, no qual é perceptível a força e destreza empenhada por Mitra para realizar seu empenho, ação que pode ser interpretada como sendo relevante no mito da divindade, pois antecede o momento de maior importância da mitologia mitraica que é o sacrifício do boi após sua perigosa captura. É válido ressaltar que nem todas as fontes epigráficas seguem a mesma sequência da imagem acima, porém as mudanças presentes não são tão drásticas entre si. Por exemplo, em algumas imagens o tamanho de Mitra é aumentado e nota-se um desnível entre seu comprimento e o do boi, assim como sua força mostra-se tão grande que ele nocauteia o animal segurando seus chifres. Porém de uma forma geral todas as imagens relativas a esse

¹⁷ O milagre da água feito por Moisés se encontra no livro de Êxodo capítulo 17, versículo 6, que relata o seguinte “Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água para que o povo possa beber”.

momento convergem para ressaltar principalmente o perigo ao qual o deus está enfrentando como também evidenciam a grande força que o mesmo detém.

Por fim Mitra segue para uma gruta levando o touro que tão arduamente foi dominado, para que seja feito o sacrifício desse animal, como pode ser visto abaixo em uma pintura encontrada em um mitreu em Marino na Itália:

Figura 7 – Mitra sacrifica o touro na gruta



Fonte: <http://www.tertullian.org>. Acessado em 12.06.2014.

Dada à dispersão e abundância de Mitreus, pinturas, afrescos e altares nas regiões dominadas por Roma, nota-se uma variedade de imagens feitas em homenagens a Mitra, algumas mais e outras menos recorrentes, porém a cena da tauroctonia mitraica, ao que tudo indica, possuía um papel central nesse culto de mistérios, pois em todos os mitreus existia ao menos uma representação dessa cena, nesse sentido é possível perceber a importância desse momento no sistema religioso mitraico.

Como dito anteriormente não existe uma grande quantidade de obras literárias litúrgicas e teológicas que relatem de forma clara e precisa o mito de Mitra, o que leva os pesquisadores desse tema a produzirem suas teorias e conjecturas tendo como base principalmente o estudo das imagens e das fontes epigráficas, dado o número considerável de fontes dessa natureza, como também a utilização de trechos literários, que mesmo em menor quantidade auxiliam na compreensão da religião mitraica. Nesse sentido foi formulada ao

longo dos anos uma série de hipóteses e teorias relativas ao momento do sacrifício do touro dentro da gruta.

De uma forma geral a imagem da tauroctonia mitraica ilustra o jovem deus Mitra, em uma pose heroica, trajando uma roupa estilo oriental com calças, *kandys*¹⁸, um manto esvoaçante, geralmente da cor escarlate, ferindo o animal com uma adaga em seu pescoço e simultaneamente segurando a cabeça do mesmo e enfiando os dedos em suas narinas. Ao mesmo tempo, o deus impede o touro de se levantar ao pressionar fortemente sua perna esquerda ocasionando a morte do animal. Além da cena central da morte do touro existem outros elementos que compõem a imagem como o cachorro que salta para lamber a ferida do boi, a serpente que se arrasta pelo solo e também se alimenta do sangue, um corvo próximo a Mitra e também a presença de dois personagens misteriosos, identificados como *Cautes* e *Cautopates*, cada uma portando uma tocha.

Existe uma série de hipóteses feitas em torno dessa emblemática imagem, e muitos autores se debruçaram ao longo dos anos para buscar compreender, mesmo que de forma incompleta, o significado desse momento da narrativa mítica, bem como a simbologia dos elementos presentes dentro da mesma. Uma das possíveis interpretações defendidas até hoje é que a tauroctonia mitraica possui um significado naturalista, em que o sacrifício do animal é identificado como um símbolo de regeneração e criação (CAMPOS, 2011, p. 42).

Segundo Manfred Clauss (2011, p.80), o simbolismo encontrado nessa imagem remete a uma ideia na qual o drama de destruição da vida e sacrifício origina o renascimento. E a própria figura do touro é importante ser considerada, pois de uma forma geral, os combates envolvendo homens, deuses e heróis contra animais são comuns em mitos antigos, e o touro geralmente está presente em mitos egípcios, cretenses e gregos, e sua figura desde tempos antigos é correlacionada com a ideia de fertilidade. O assassinato do touro está muito mais ligado a uma ideia de transfiguração e transformação do que de destruição e violência, pois em várias pinturas e esculturas espalhadas pelo Império Romano é notória a presença de espigas de milho e cachos de uvas próximas ao pescoço ou do rabo do touro. Existe também um grupo considerável de imagens produzidas principalmente na região da Itália que são compostas por árvores dos lados esquerdos e direito do touro, assim como também o mesmo se encontra cercado por grama verde, elementos esses que são identificados como símbolos de fertilidade e fecundidade.

¹⁸ Kandys- trata-se de uma túnica em estilo persa.

Com relação aos animais presentes na tauroctonia, é possível observar a presença de um cachorro, uma cobra, e em algumas imagens, a presença de um escorpião picando a genitália do touro. Ao presumir que o sangue derramado possa ter alguma espécie de poder sagrado ou mágico é curioso observar o empenho dos animais em drenar o líquido que flui do animal, indicando a importância desse sangue dentro do sacrifício (CLAUSS, 2011, p.80-81). O sacrifício feito por Mitra se reveste de um caráter de renascimento, pois a partir do sacrifício do touro e do derramamento de seu sangue é que se torna possível a vida trazida pelo deus da luz.

Outra possível interpretação feita acerca da tauroctonia é que ela possui um significado astrológico, já que além da cena principal, que é o sacrifício animal, existe um grupo considerável de imagens ao redor da mesma que além de se repetirem constantemente nas homenagens feitas a Mitra, também evoca diretamente a uma espécie de cosmogonia mitraica. Toda a ação dessa cena se desenrola dentro da gruta, que alguns autores identificam a mesma como uma espécie de gruta cósmica, pois é possível observar, em alguns casos os símbolos do zodíaco e ou as representações dos deuses hebdomadários, assim como também se faz presente as representações do casal Sol e Lua. Nesse sentido esse modelo interpretativo não somente a tauroctonia, mas todos os elementos presentes na cena são ligados a um significado astronômico e astrológico, em que é possível identificar um mapa do céu em determinado momento do ano, em que as constelações de Órion e de Perseu se alinhavam a constelação de Touro (SANZI, 2006, p.46- 76).

Israel Campos Méndez (2006, p.42) alerta para algo bastante importante relativo aos dois modelos interpretativos supracitados, é que em ambos os casos, a opção por um modelo interpretativo ou outro está em estreita conexão com a posição que cada um dos pesquisadores tem a respeito da origem dos mistérios mitraicos. De tal forma, que aqueles que mantêm a opção de aceitar as possíveis conexões entre o culto de Mitra no ocidente com o deus oriental, veem a tauroctonia como uma representação de um acontecimento criador e regenerador, junto com um significado simbólico que faz referência a um acontecimento cosmológico salvador. Esses autores são contrários em conceder um protagonismo maior aos elementos astrológicos presentes no Mitraísmo.

Entretanto, aqueles que interpretam a tauroctonia como um mapa do céu em um determinado momento do ano, se posicionam tendo uma visão do Mitraísmo praticado em Roma como um fenômeno que surgiu diretamente do ambiente greco-latino, e a adoção de Mitra como divindade se deu por uma questão distante do que ele representava como deus em um contexto iraniano, como também a intenção de conceder a certo grau de atração exótica ao

novo culto astronômico (CAMPOS, 2006, p.42). Em todo caso é válido ressaltar que independente do modelo interpretativo escolhido, não é aconselhável a tomada de um posicionamento de forma extrema, pois existe a possibilidade de se utilizar de fontes e testemunhos que não estão diretamente relacionados com as hipóteses as quais se busca alcançar.

Por fim, após sacrificar o touro, Mitra celebra um banquete contíguo ao Sol; juntos comem a carne do animal e bebem, dando a entender que entre eles está se estabelecendo uma verdadeira comunhão. Outras representações mostram que ao concluir o sacrifício do touro, Mitra se ajoelha ao Sol e posteriormente ambos dão as mãos e finalmente marcham junto até o céu, montados em uma carruagem solar, esse momento é extremamente importante, pois reafirma a identificação de Mitra como uma divindade solar, em que o mesmo nasce portando uma tocha, símbolo de luz e posteriormente se une ao sol no fim de sua jornada. E assim finaliza-se a jornada de Mitra. Esse pano de fundo mitológico é extremamente significativo para as práticas rituais que serão feitas em homenagens a esse deus.

3.3 A GRUTA DE MITRA: LOCAL DE MISTÉRIOS

Após apresentar os principais elementos presentes na narrativa sobre a jornada do deus Mitra, é necessário lançar um olhar sobre os locais em que eram realizadas as cerimônias em homenagem a esse deus: os mitreus. A importância desses espaços para o estudo da religião mitraica é sem precedentes, pois os mesmos eram em sua maioria ricamente adornados, com estátuas, placas votivas em agradecimento ou com pedidos ao deus, bem como uma quantidade considerável de pinturas e afrescos que apresentavam tanto passagens da história da divindade, como também descrições escritas e pintadas, na qual estavam presentes elementos relativos ao processo de iniciação nos mistérios do deus, assim como outros aspectos da liturgia religiosa. Esses templos foram erguidos ao longo de toda a extensão do antigo Império Romano, como mostra o mapa abaixo, que situa nos pontos em vermelho todos os sítios arqueológicos de mitreus encontrados até hoje:

Figura 8– Mapa com a localização dos mitreus existentes no mundo



Fonte: <http://www.mithraeum.eu/map.php>. Acessado em 23.10.15.

Nota-se que o culto a Mitra foi muito presente em diferentes partes do território romano imperial, e um dos elementos que diferencia esse culto em relação às outras religiões de mistério, foi o interesse que os mitraístas tiveram em reservar a prática de sua religião em locais fechados e secretos. Os mitreus eram geralmente espaços que buscavam adaptar as necessidades e condições dos terrenos onde eram erguidos. Eram construções subterrâneas, possuíam dimensões não tão extensas e que se adequavam em sua estrutura interna as características particulares do culto mitraico (CAMPOS, 2011, p.46).

É curioso notar que apesar de tradicionalmente se referirem aos espaços de adoração ao deus persa como Mitreus (*mithraeum*), outras fontes também oferecem uma variedade de nomenclaturas utilizadas para identificar os templos de adoração a Mitra, como *speleum*, *antrum*, *crypta* e *templum* (CAMPOS, 2011, p.46). Chama atenção o fato de que o termo *speleum* é utilizado em quase todo território da Itália ou por italianos para referirem-se as locais de adoração ao deus persa, enquanto que nas províncias romanas nota-se que a palavra *templum*¹⁹ é que será mais difundida para identificação dos templos a Mitra. Com relação a esse aspecto Manfred Clauss (2011, p.42) sugere que uma das características mais marcantes do culto de Mitra é o fato ser oficiado em cavernas. Sobreviveu mais fortemente na terminologia utilizada em Roma e na Itália, pois foi lá onde o culto ganhou seus primeiros convertidos, apenas posteriormente os mistérios atingiram a província italiana e as demais

localidades, isso através de intermediários, sendo assim, já identificado como um culto romano, de modo que os mitraístas das áreas provincianas assimilaram o termo romano comum para um santuário, que é o de *templum*.

Como visto no tópico anterior, a figura da caverna desempenha um papel de extrema importância em momentos cruciais da jornada do deus persa, já que o mesmo em algumas variantes de sua história nasce dentro de uma caverna, assim como também após a luta e captura do touro é utilizado o espaço da caverna como o local sacrificial do animal. Esses templos podem ser interpretados como locais que buscavam reproduzir o local mítico onde haviam sido protagonizados importantes momentos da história da divindade. Os mitreus buscaram imitar na medida do possível a aparência de uma caverna, utilizando elementos arquitetônicos, decorativos ou materiais de construção que possibilitavam uma aproximação entre o templo e uma caverna. Como é o caso, por exemplo, do Mitreu de São Clemente²⁰, localizado em Roma:

Figura 9 – Mitreu de São Clemente em Roma



Fonte: <http://www.tertullian.org>. Acessado em 12.09.2015.

Como visto na imagem acima, a disposição interna dos mitreus atendia as atividades que aconteciam dentro desse espaço. A nave central se constituía como parte fundamental

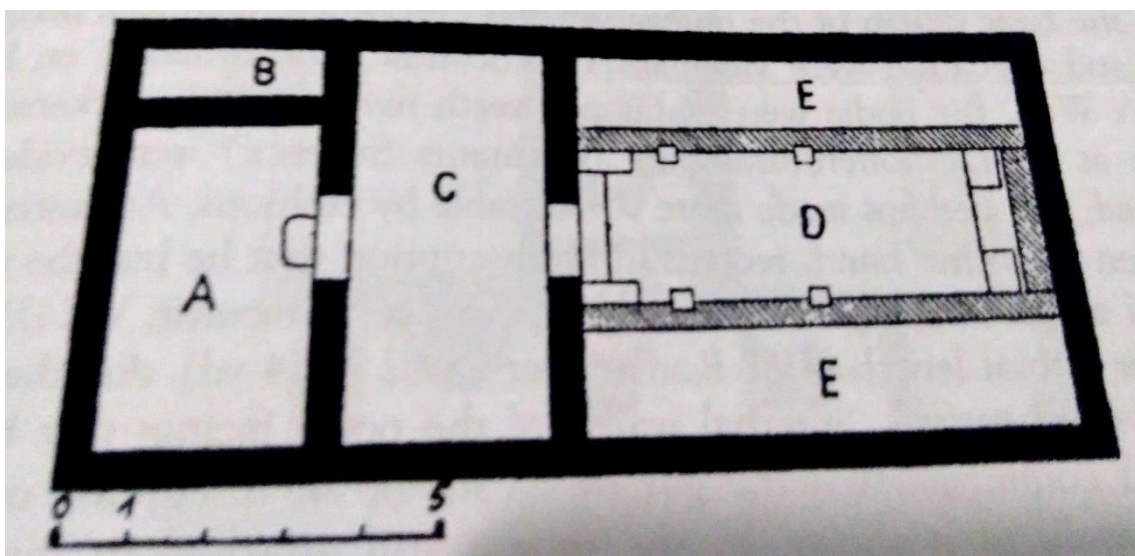
²⁰ Esse mitreu foi encontrado em 1876 em uma escavação feita na parte subterrânea da Basilica de São Clemente, e a possível data de sua construção é datada do século II d.C. (BEARD, 2004, p.22).

desse local e apresentava geralmente um formato retangular ou oval, assim como também sempre havia duas filas de bancos, muitas vezes esculpidas e que serviam para que os praticantes do culto pudessem permanecer recostados, um de frente para o outro. Essa disposição dos bancos, segundo alguns pesquisadores talvez seja em decorrência das cerimônias, que contavam com momento os quais os fieis realizava um banquete ritual no qual os iniciados superiores tinham participação (CAMPOS, 2006, p.46).

Os mitreus sempre dispunham de uma imagem da cena da tauroctonia, podendo essa imagem ser no formato de uma escultura, um relevo ou uma pintura em mural. Geralmente também se encontravam próximos a algum tipo de fonte de água, ao que parece, a agua ocupava um papel de destaque tanto nas iniciações, como também nas práticas de sacrifícios em seu interior. Além do espaço central, alguns templos contavam outras dependências que eram utilizadas para os oficiantes do culto (CAMPOS, 2006.p.47).

De uma forma geral os mitreus eram em sua maioria pequenos locais de encontros para sua congregação, que também possuía um diminuto número de fiéis em cada templo. Até agora o maior templo descoberto foi o que se encontra abaixo das termas de Caracala em Roma, o mesmo possui compartimentos de 23 metros de comprimento e não menos do que 10 metros de largura. A maioria dos compartimentos dos mitreus era 10 metros em cada dimensão (CLAUSS, 2011, p. 43), como é possível observar na planta do Mitreu de Aquincum em Budapeste abaixo:

Figura 10 – Planta do Mitreu de Aquincum em Budapeste



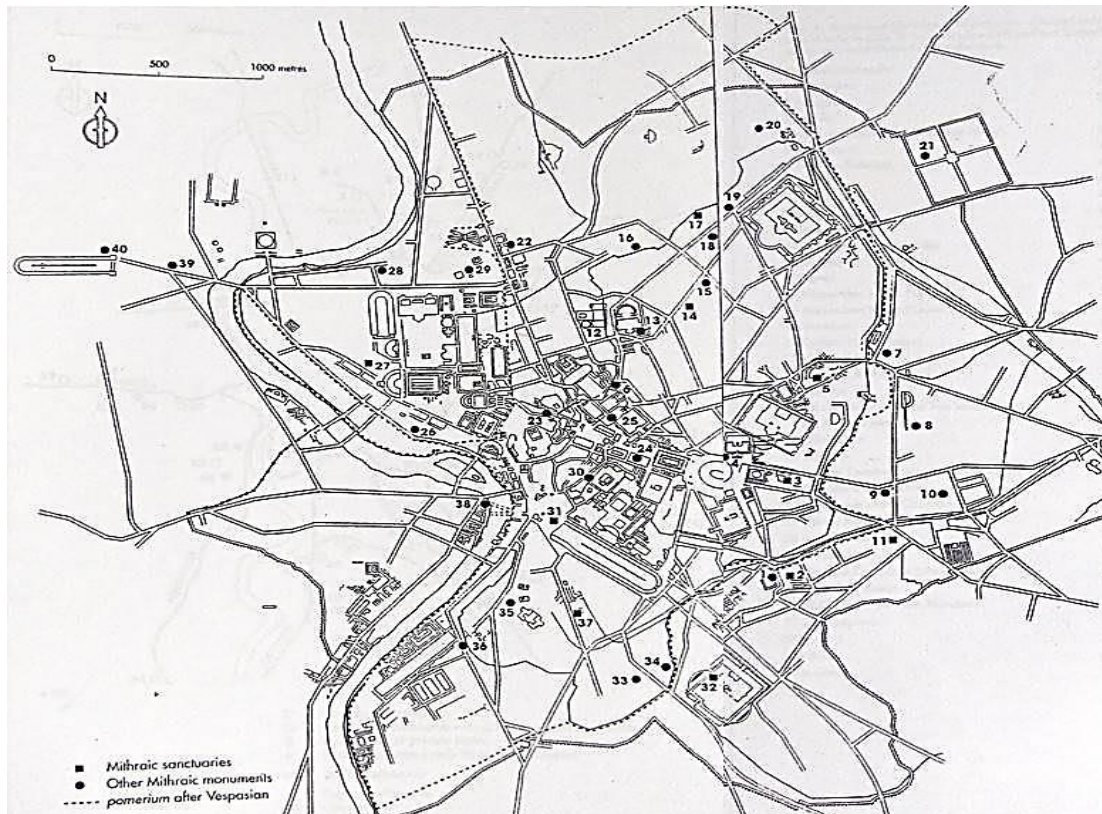
Fonte: CUMONT, 2001, p.45.

Nota-se que os mitreus possuíam divisões bastante precisas e reduzidas, e cada letra acima representa um espaço específico do templo. Os pontos A e B referem-se às antecâmaras, denominadas de *apparatorium*, que se localizam antes da entrada do santuário, as mesmas eram utilizadas como quartos de serviços ou despensas, enquanto que o ponto C é caracterizado como uma espécie de antessala. Esses espaços eram destinados para o armazenamento de talheres, vasos e outros objetos utilizados nas cerimônias, os mesmos eram mantidos em prateleiras, ou em caixas, e nas salas laterais também era onde ocorria o preparo dos alimentos utilizados nas cerimônias, assim como também alguns desses espaços eram utilizados para troca de roupa dos membros. Dependendo da prosperidade da congregação, salas e quartos adicionais eram erigidos dentro do templo principal do Mitreu, esses espaços eram destinados aos membros que possuíam um determinado grau superior de iniciação no culto (CLAUSS, 2011, p.45).

O espaço onde eram realizadas as cerimônias secretas, chamado de *crypta*, é identificado nos pontos E e D, essa parte do templo era construída tendo como base um modelo arquitetônico tradicional, que de uma forma geral era um modelo bastante respeitado pelos mitraistas já que ao longo do Império Romano é possível observar a recorrência desse estilo nas dependências centrais do santuário. As características principais desse espaço era um corredor central, ponto D, e do lado esquerdo e direito, ponto E, desse corredor existiam assentos em pedra que era destinado aos iniciados.

As estruturas dos mitreus levam a crer que as comunidades que se reuniam nesses locais não chegaram a possuir um grupo numeroso de fiéis. Cada templo tratava de satisfazer as necessidades da comunidade vinculada a ele em relação ao número de membros e ao lugar que estavam localizados dentro da cidade. Quando a comunidade crescia, era necessária a construção de outro templo, independente do anterior, isso explica o motivo pelo qual nas grandes cidades do Império Romano, os mitreus se proliferaram de forma bastante expressiva (BEARD, 2004, p.22). Abaixo é possível observar o exemplo da cidade de Roma:

Figura 11 – Mapa dos Mitreus na cidade de Roma



Fonte: BEARD, 2004, p.43.

No mapa acima os pontos simbolizados por um quadrado são referentes aos santuários mitraicos, e os pontos simbolizados por uma bola representam outros monumentos dedicados ao deus persa. É possível notar que os mitreus estavam extremamente presentes na cidade de Roma, e mesmo se tratando de uma religião secreta e de mistérios nota-se a proliferação do culto por toda a extensão da cidade seja na forma de templos ou de outros monumentos. É curioso notar que os locais onde eram construídos os mitreus eram também pontos populares de concentração populacional: como armazéns, lojas, casas de banhos e até mesmo apartamentos, isso porque, como foi dito anteriormente, as construções dos templos eram subterrâneas, mas mesmo subterrâneas percebe-se o quanto esses espaços faziam parte da vida da cidade e o quanto ele se adequava também as outras necessidades cotidianas dos mitraístas.

Além da área citadina, existiram alguns templos que se concentravam nas áreas rurais do território romano, apesar de não possuir grande expressividade se comparado com os números de santuários presentes nas cidades, os mitreus rurais possuíam o diferencial de terem sido feitos dentro de cavernas de verdade, enquanto que na cidade os templos mitraicos eram subterrâneos e sua arquitetura se assemelhava a uma caverna artificial, os mitreus rurais

se adequavam as condições naturais das cavernas e era modificado apenas o necessário para que o espaço disponível se adequasse as atividades ritualísticas realizadas nas cerimônias secretas, necessitando consequentemente de menos trabalhos de construção e menos reparos (CLAUSS, 2011, p.44).

Sobre a decoração interna dos mitreus, incluindo pisos mosaicos e pinturas nas paredes, nota-se que se trata de um local que era palco de um complexo sistema religioso simbólico, que possuía uma forte ligação com os elementos astrológicos, e para alguns pesquisadores, a própria “caverna”, seja ela artificial ou natural, era uma representação do mapa para o universo. Algumas fontes corroboram para essa hipótese, como os mosaicos encontrados nos mitreus de “Sette Sfere e Sette Porte”²¹ na cidade de Óstia, assim como também as inscrições feitas no mitreu de Santa Prisca expressam cada um dos graus de iniciação mitraica está sob a orientação de um dos sete planetas (BJORNEBYE, 2007, p.17). Além as fontes arqueológicas que aludem a uma complexa ligação do mitraísmo com os elementos cósmicos, o filósofo Porfírio²² relata da seguinte forma na sua obra *Antro das Ninfas*:

Assim, o exterior é superficialmente agradável e no seu interior são de profundezas escuras. Da mesma forma, os persas durante a cerimônia mistério arrancavam das almas inferiores e sua caverna chamada de retorno para onde a iniciação é feito. De acordo Eubolo, Zoroastro, nas montanhas perto de Pérsia, consagrou em honra de Mitra, criador e pai de todas as coisas, uma caverna natural, regado por molas e coberto com flores e folhagens. Que representava a forma do mundo criado por Mitra e o que nele foi encontrado, dispostos em intervalos regulares, os elementos simbolizados de origem cósmica. Depois de Zoroastro, ele permaneceu a realizar as cerimônias de iniciação cavernas feito por mãos humanas (PORFIRIO Apud. CAMPOS, 2006, p.30).

Porfírio reafirma o caráter cósmico dos mistérios de Mitra, no qual os iniciados, dentro da “gruta”, são guiados em uma trajetória extracorpórea em que a alma imerge em um cosmos e posteriormente renasce, isso leva a crer que além dessa experiência se constituir como uma parte dos rituais mitraicos, o próprio local de culto era pensado e equipado para tal fim. Até mesmo a decoração presente no chão de alguns mitreus, que são adornados com representações que indicam um caminho que o mitraísta deve trilhar, possui certa ambiguidade de interpretações como expõe Richard Gordon:

²¹ Os mosaicos de “Sette Sfere e Sette Porte” representam uma série de imagens que remetem diretamente aos sete planetas conhecidos e ao ambiente celeste.

²² Porfírio (232- 304 d.C.) foi discípulo do filósofo neoplatônico Plotino, se encarregou de recopilar sua obra e reeditar sua biografia. Destaca-se também por haver escrito também vários tratados sobre filosofia prática.

Poderia haver algum esquema simbólico mais adequado no chão de um mitreu? Pois o mitreu é caracterizado por sua ambiguidade como um símbolo do cosmos, um mapa ou semelhança do céu e suas mudanças, e como uma construção humana, parte da terra: é tanto o céu como a terra ao mesmo tempo, o Ponto único de seu encontro (...) a construção da terra corresponde à construção de (parte) do cosmos (GORDON, 1998, p.143).

Segundo Gordon a dualidade está justamente no sentido de buscar interpretar a jornada do mitraista como uma escada na qual a alma trilha por sete esferas celestes, porém tanto a terra que é o espaço onde o mitraista vive até sua morte, como também a dimensão celeste são parte de um todo, no caso o cosmos. E é nesse ponto que entra em cena a diversidade interpretativa referente ao estudo das evidências estruturais de cultos tão específicos e secretos:

(...)o locus do significado não reside nem no próprio edifício (um objeto físico) nem na mente do espectador (um sujeito humano), mas sim negociação ou na relação interativa que engloba tanto a construção quanto o espectador no ritual arquitetônico, evento em que edifícios e participantes humanos estão envolvidos. O significado não é uma condição ou qualidade do edifício, da própria coisa; O significado surge de situações. O significado do edifício, então, deve sempre ser um significado para algo específico, em algum momento específico, em algum lugar específico (JONES, 2000, p.41).

A negociação existente entre o sujeito humano e o espaço que ele significa é onde está a possibilidade de análise, já que é nela é identificada e valorada a espacialidade de cada local em um determinado período de tempo. No caso do Mitraísmo pode-se notar a variedade interpretativa que decorre principalmente da escassez de fontes literárias relativas a mitologia de Mitra, e muito do que se supõe sobre a liturgia se encontra também em peças arquitetônicas, que são lugares extremamente ricos e instigantes, no qual o peso do simbolismo astrológico e cósmico se dá de uma forma inegável e consequentemente lançam luz para as discussões acerca dessa religião.

Nesse sentido a arquitetura mitraica revela importantes aspectos do culto de Mitra, todas as cerimônias eram realizadas dentro da “gruta cósmica”, uma imagem do cosmos, a morada da humanidade, que se tornou então o local de encontro com a divindade. Por se tratar de uma religião de mistérios, o contato com o sagrado se dá de forma gradativa, na qual existem exigências e divisões internas para que o fiel obtenha um contato mais profundo com a divindade, ou seja, graus pelos quais o iniciado terá que trilhar afim de que se conheçam mais e mais sobre os sacros segredos dos deuses.

3.4 “SETE GRAUS A SE TRILHAR”: A JORNADA DO MITRAISTA

A iniciação mitraica, ou seja, a participação e incorporação do fiel nos mistérios daquela divindade era feita através de uma estrutura interna dividida em uma escala de sete graus na qual o iniciado ascendia progressivamente. Assim como outros aspectos anteriormente apresentados ao longo desse capítulo, o processo de iniciação também está envolto em uma série de questionamentos sem respostas concretas e várias suposições e teorias formuladas ao longo dos anos.

A mitologia e o simbolismo religioso do processo de iniciação pode ser estudado a partir da análise conjunta de fontes epigráficas, arqueológicas e também literárias, um importante testemunho é Jeronimo:

Não é talvez verdade que Graco, há poucos anos... enquanto era prefeito da cidade, fez abater, destruir e incendiar uma gruta de Mithra e todos aqueles monstruosos simulacros entre os quais o *corax*, o *nymphus*, o *miles*, o *leo*, o *perses*, o *heliodromus*, e o *pater*²³ vem iniciados ?(Epistola CVII, apud. SANZI, 2006, p.76).

O trecho aponta os nomes dos graus e a ordem crescente do caminho daqueles que buscavam se iniciar nos Mistérios de Mitra. É importante salientar também que cada grau de iniciação estava sobre a proteção de um planeta, como mostra uma inscrição presente no mitreu de Sta. Prisca em Roma, que expõe da seguinte maneira:

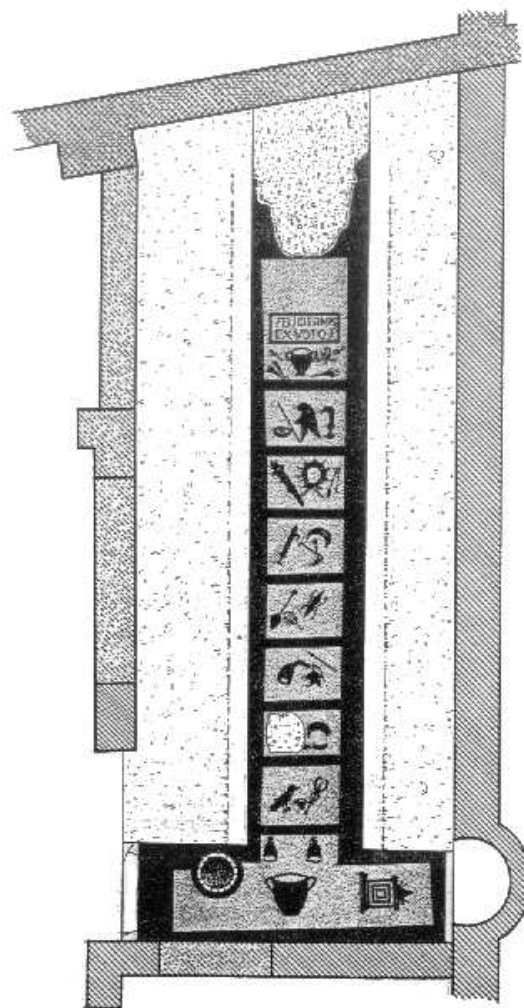
Honra ao grau iniciado de *Pater* do oriente ao
ocidente sob a proteção de Saturno
Honra ao grau iniciado de *Heliodromos* sob a proteção do Sol
Honra ao grau iniciado de *Perses* sob a proteção da Lua
Honra ao grau iniciado de *Leo* sob a proteção Júpiter
Honra ao grau de *Miles* sob a proteção de Marte
Honra ao grau de *Nymphus* sob a proteção de Vênus
Honra ao grau de *Corax* sob a proteção de Mercúrio.
(VERMASEREN, 1986, p.155)

O grau mais alto a se alcançar é do *Pater*, é válido ressaltar que em algumas fontes, também existe a nomenclatura de outro grau acima desse, identificado como *Pater Patrum*. Os graus mitraicos se agrupavam em torno de duas categorias, por um lado os três primeiros graus (*Corax*, *Nymphus*, *Miles*), desempenhavam a função de servidores e colaboradores nas cerimônias que estavam presentes na liturgia mitraica, em especial no Banquete Sagrado,

²³ Os seguintes graus de iniciação eram nomeados de o corvo, o noivo, o soldado, o leão, o persa, o corredor do sol e o pai, o último e mais importante grau da doutrina mitraica.

enquanto que os graus restantes (*Leo*, *Perses*, *Heliodromos* e *Pater*), desempenhavam uma função ativa e participante na liturgia. Junto a esses graus iniciáticos, também comparece nas inscrições outro conjunto de designações, que podem marcar algum tipo de estruturação dentro de alguns graus: *stéréôtes*, *sophistês*, *syndexios*, *petitôr*, *mellolêôn*, *antípater* (CAMPOS, 2006, p. 51). De uma forma geral os sete primeiros graus citados por Jeronimo eram os mais importantes, ou pelo menos os mais recorrentes, como é possível observar em um mosaico encontrado no chão de um Mitreu “Felicíssimo” em Óstia:

Figura12– Mitreu de Felicissimo em Óstia



Fonte: <http://www.ostia-antica.org/regio5/9/9-1.htm>

O mosaico acima é um dos mais importantes testemunhos arquitetônicos mitraicos, pois o mesmo contém um grupo de símbolos que auxiliam na compreensão dos mistérios, já que é possível observar que cada quadrado contém dentro si a representação de três símbolos, dois relativos ao grau iniciático e um relativo ao planeta que “abençoa” esse grau. Esse mosaico e as inscrições do Mitreu de Santa Prisca em Roma foram descobertas cruciais, pois

ajuda a estabelecer a até então desconhecida conexão entre os graus mitraicos e os sete planetas, reafirmando assim as características cosmológicas e cosmogônicas desse culto (CHALUPA, 2008, p.181).

É curioso notar que alguns graus tem uma correlação direta com a imagem da tauroctonia, pois como visto anteriormente, a cena emblemática do sacrifício do touro pelas mãos de Mitra, é impregnada de elementos que também estão presentes tanto no nome, como em algumas representações dos graus de iniciação, por exemplo, da figura dos corvos (*corax*) e do leão (*leo*), nesse sentido é importante levar em consideração que elementos simbólicos relacionados ao próprio mito e a teologia estão diretamente ligados aos aspectos organizacionais do culto (BEARD, 2004, p.84).

O primeiro grau o *Corax* ou o grau do corvo desempenha funções relacionadas diretamente aos serviços das cerimônias litúrgicas realizadas nos mitreus. Sua vinculação e “proteção” vêm do planeta Mercúrio, que é representado pela imagem do caduceu²⁴. Existe apenas uma fonte literária que menciona a figura do corvo no ritual mitraico:

Para que não fiquem horrorizados e com a ideia de virem a ser vergonhosamente desonrados, especificamente por meio dos olhos, são cobertos, pois alguns batem as asas como se fossem pássaros e imitam a voz do corvo, outros ao contrário rugem como se fossem leões, outros ainda com as mãos unidas por intestinos de frango se deitam sobre as fossas cheias de água, enquanto um que se chamaria o libertador, vêm armado com um gládio e corta os intestinos mencionados. (AMBROSIASTER, *Quaest. Vet. et nov. test.*, CXIV, 11 apud SANZI, 2003).

Além desse trecho existem fontes iconográficas que retratam o desenho de corvos agindo como servos do deus Mitra e auxiliando banquetes e celebrações, também o próprio corvo aparece na cena da tauroctonia mitraica como um mensageiro do Sol para avisar a Mitra que ele tem que sacrificar o touro, o que leva alguns pesquisadores ressaltarem a importância desse grau como auxiliares no culto (CLAUSS, 2011, p.133). A figura do corvo está presente em outros contextos e representações, já que além de aparecer entre as fontes iconográficas, os corvos figuram como objetos dentro das cerimônias religiosas, pois foram encontrados ossos de corvos ou dentro dos mitreus ou enterrados próximos a esses templos, o que leva a crer que o sepultamento era proposital e poderia ter um profundo significado simbólico, porém é apenas possível especular sobre as motivações já que não existem fontes que explicitem o sentido desses enterramentos (CHALUPA, 2008, p.183-184).

²⁴ O Caduceu é um símbolo astrológico muito antigo, que remonta há 2600 a.C. É uma marca do deus grego Hermes - Mercúrio para os romanos - o qual é o deus do lucro, das vendas e do comércio.

O segundo grau é o *Nymphus* (*cryphius* - oculto), o noivo, em alguns casos traduzido como esposo, ladeado de Vênus. O nome desse grau é interpretado em referência a um possível matrimônio sagrado entre o deus e o iniciado, o curioso notar que o termo *Nymphus* é uma palavra pouco utilizada no Império Romano, encontrada apenas em contextos mitraicos e que se relaciona a uma pessoa que não existe no mundo real: um noivo do sexo masculino (CHALUPA, 2008, p.184).

Pouco se sabe sobre esse grau, apenas o autor Firmico Materno refere-se a uma saudação ritual usada por mitraistas em algumas ocasiões nas quais o grau *Nymphus* estava presente na cerimônia, que diz “Salve, *nymphus*, salve, *nymphus*, salve nova Luz” (FIRMICO MATERNO, *L'errore dele religione pagane*, XIX, 1). Essa informação fornecida por Firmico Mateno juntamente com um dos símbolos presentes no mosaico no chão de “Felicissimo”, um diadema junto a um véu (um símbolo bastante comum da deusa Vênus), leva a uma série de suposições, dentre elas, que as palavras descritas pelo autor eram pronunciadas em cerimônias de caráter nupcial, talvez no momento em que o iniciado no grau *Nymphus* é apresentado pela primeira vez frente à comunidade mitraica. O outro símbolo presente no mitreu de “Felicissimo” é uma espécie de lâmpada de óleo, esse símbolo aponta para uma possível explicação do porque os iniciados no grau do *Nymphus* eram chamados de “nova luz”, como também sugere um de seus possíveis deveres rituais, que poderia ser a iluminação dos templos mitraicos, porém essa explicação deva apenas permanecer como uma especulação já que não existem outras fontes que corroborem essa teoria (TURCAN, 2001, p.222).

O próximo grau é denominado de *miles*, o grau do soldado, ladeado por Marte, seu nome pode estar relacionado à prática mistérica realizada pelos piratas cilícios ou também pode ser uma referência entre a forte ligação que o deus Mitra tinha com os militares romanos. O autor Tertuliano em sua obra *De Corona Militis* deixou registrado vários parágrafos em que faz referência à algumas cerimônias que eram realizadas no processo de iniciação desse grau:

(...) de fato não devem ser julgados por ele em pessoa, mas por qualquer soldado de Mitra. Aquele, que quando é iniciado na gruta, o verdadeiro acampamento da escuridão, recebe a ordem de remover da cabeça com um gesto de recusa feito com a mão e de colocar pelas costas uma coroa que (antes) foi oferecida sobre uma espada desembainhada quase que como uma imitação do martírio, e depois bem acomodada na cabeça, afirmando que Mitra é a sua coroa (TERTULIANO, *De cor.*, XV, 3-4 Apud SANZI, 2003.)

Ao ser introduzido nessa nova experiência, o iniciado passava por um processo de aprofundamento na comunidade mitraica, em que o *miles* reconhecia sua total disposição para

com o deus Mitra, e em sua honra suportava uma série de provas físicas, incluindo batalhas simuladas como também juramentos de fidelidade a Mitra (CAMPOS, 2008, p.52).

Gregório de Nazianzeno menciona “(...) a legítima punição de Mitra para aqueles que suportam ser iniciados em tais coisas” (GREGORIO NAZIAZENO, *Orationes*, XXXIX .apud. SANZI, 2003). Ao que tudo indica as mesmas eram simuladas, porém existiram situações que foram além, como a iniciação que imperador Comodo participou, nessa ocasião no decorrer dos combates houve um acidente que acabou resultando na morte de alguma pessoa (CAMPOS, 2008, p. 90).

Um aspecto do grau *miles* que tem chamado bastante atenção é testemunhado por Tertuliano sobre uma suposta marca feita nos iniciados a esse grau:

“(...) 2. Mas naturalmente do diabo! É sua a tarefa de modificar completamente a verdade, ele é aquele que imita os ritos próprios dos sacramentos divinos com os rituais místéricos e idólatras. 3. Também ele, de fato, batiza algum, e particularmente os seus crentes e os seus fieis; promete a expiação das culpas logo após a lavagem 4. E, se ainda recordo bem de Mitra, é naquela ocasião que marca na testa os seus soldados. Além disso celebra a oblação do pão, oferece uma imagem da ressurreição, sob o gládio apoia uma coroa. (TERTULIANO, *De Corona Militis*. Apud SANZI, 2003).

A marca mencionada tem se tornado objeto muita controvérsia porque tem sido relacionado a um relevo do Sarcófago “Grande Ludovisi”, cuja cena de batalha entre os soldados Romanos e Germanos. A figura principal que está no centro é muito provavelmente Hostiliano, filho do Imperador Décio.

Figura 13 – Sarcófago “Grande Ludovisi”, datado do III século d.C.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grande_Ludovisi_Altemps_Inv8574.jpg. Acessado em 25.04.15

O X marcado na testa fez com que Heintze formulasse a hipótese de que, Hostiliano por ser mitraísta teria essa marca graças aos processos de iniciação no culto; O que levou muitos autores a versarem sobre a prática da *signatio* nos Mistérios Mitraicos, dentre eles, Franz Cumont que aceitou a informação de Tertuliano de forma literal e abriu o caminho para os pesquisadores que tem especulado sobre a existência de uma possível marca recebida pelos iniciados quando se atingia o terceiro grau mitraico (CHALUPA, 2008, p.185). Outros autores, como Dölger (1911), apontam que talvez a marca não se trata de um X, que é um símbolo solar, mas sim um M, de Mitra, e que, além disso, não se trataria de uma marca qualquer, e sim de uma tatuagem. Todas essas opiniões são revisitadas por P. Beskow que desmonta a teoria proposta por Heintze e nega, com base a ausência de fontes literárias e iconográficas, a possibilidade de que fosse feita abertamente a prática da *signatio* nas celebrações mitraicas. A prática da tatuagem está sim comprovada nos mistérios de Isis, Atis e Baco, assim como também os soldados romanos costumavam ser marcados no braço.

O testemunho de Tertuliano ainda hoje é relevante e não seria impossível pensar que em consonância com os exemplos supracitados, existisse algum tipo de gesto como um símbolo ou uma tatuagem, que identificasse a total disposição dos iniciados no grau do *miles*, já que os mesmos haviam se tornado parte da *Militia Mithrae*. Porém como boa parte das informações relativas à ritualística, essa fica apenas no campo das suposições já que não existem indícios mais sólidos que corroborem de fato para com essa teoria (CLAUSS, 2001.p.186).

O grau seguinte é chamado de *Leo*, ou o grau do leão, com Júpiter, a figura desse animal se faz presente em algumas imagens da tauroctonia mitraica, especialmente nas províncias da Dalmácia, junto a um grupo de imagens de uma serpente e uma cratera e também em vários utensílios encontrados em Mitreus. Em alguns monumentos é possível identificar figuras humanas com cabeças de leão, e essas representações levaram alguns estudiosos a conjecturar que nas cerimônias os iniciados desse grau trajavam máscaras que representassem também a figura de um leão.

Na antiguidade os leões eram vistos como animais que possuíam uma profunda conexão com a ideia de fogo e calor e essa propriedade parece ter se mantido nos mistérios do grau do *Leo*, já que um dos símbolos relacionados a esse grau, como visto no mosaico de “Felicissimo”, é um pá de fogo (CHALUPA, 2008, p.186). É possível observar também que segundo Porfírio que no grau do *Leo*, era utilizado fogo como objeto de purificação:

(...) Portanto, quando os iniciados no grau do *leo* jogam mel sobre as mãos no lugar da água para purificá-las, exorta-os a manter as mãos puras de qualquer coisa que possa ser dolorosa, danosa e impura; porque a partir do momento que o fogo tem o poder de purificar, (o) apresentam como água lustral que se bem acrescenta ao *mista*, particularmente porque recusam a água como inimiga do fogo; e também purificam a língua com mel de toda culpa. (PORPHIRIO, De antro, 15. Apud SANZI, 2003).

Os elementos destacados contribuem para uma melhor compreensão tanto das funções do grau do *Leo* como também do seu próprio significado na comunidade mitraica. Uma importante informação pode ser deduzida do texto de Porfírio a de que os “Leões mitraicos” possuíam uma conexão especial com os valores morais, sendo assim, podendo ser vistos como guardiões da moral de suas comunidades (CLAUSS, 2011, p.186).

Essa interpretação pode ser corroborada também pelo papel que os iniciados no quarto grau desempenhavam durante os rituais mitraicos; eles eram aqueles que queimavam incensos e elementos purificadores. Em uma inscrição encontrada em um mitreu embaixo da igreja de Santa Prisca em Roma é possível ler: “Receba os queimadores de incenso, pai, recebam dos leões, santo, através dos quais oferecemos incenso, através dos quais somos consumidos” (CIMRM, 125). Com base tanto nesses testemunhos e também no abundante número de fontes epigráficas que fazem menção a esse grau, nota-se a importância que esse grau possuía dentro da comunidade mitraica.

O grau seguinte é o *Perses*, ou o grau do Persa, com a lua. A nomenclatura é relevante, pois faz uma referência direta a origem do deus Mitra, porém a função desse grau dentro da cerimônia não é muito clara. Entretanto existem indícios que relacionam esse estágio do ritual

como um momento de renovação e fertilidade vegetal, elemento esse que também está presente no mito mitraico, quando os iniciados se apresentam como guardiões dos frutos e aos grãos, que é à base do pão na celebração do banquete. Em um afresco encontrado em Konjika, aparece uma figura vestida com o traje oriental e um gorro frígio, como se representasse o próprio deus, essa figura tem sido interpretada como a possível representação do grau do *Perses* na cerimônia (CAMPOS, 2008, p.54).

O próximo grau é chamado de *Heliodromus*, relacionado ao sol, é curioso notar que essa palavra na antiguidade era pouco utilizada fora do contexto mitraico e o seu sentido se aproxima de algo como o “caminhante do sol” ou “aquele que vai de encontro ao sol”, o que se adequa perfeitamente ao fato de que esse grau tem como protetor o astro solar. Existe também uma intrigante possibilidade de que os mitraístas poderiam se referir à algo ainda mais específico: um tipo bastante raro de pássaro indiano que se acreditava que seguia a jornada solar sobre o céu, esse pássaro é citado no *Cyranides*, uma antiga enciclopédia de magia e ocultismo (CHALUPA, 2008, p.187).

É importante explicitar que os símbolos encontrados no mitreu de “Felicissimo” se ligam diretamente aos atributos solares, que são eles uma chama, uma coroa radiante e um chicote. A figura do sol se liga de forma intrínseca a jornada de Mitra já que é possível perceber em várias imagens encontradas nos templos que, como dito anteriormente, existe uma emblemática união entre o sol e Mitra logo após que o sacrifício do touro é realizado. Esse momento dentro da jornada do deus é extremamente simbólico, pois é quando o mesmo entra em uma carruagem guiada pelo astro e ascende a um plano celeste, finalizando assim sua caminhada e consequentemente reafirmando sua natureza solar.

Não existem grandes informações relativas sobre o papel desempenhado por esse grau, porém é possível especular que o mesmo possuía uma importante função no culto, pois era o último estágio antes do grau do *Pater*, e dada a importância do astro sagrado e sua forte ligação com o deus Mitra, alguns pesquisadores supõem a possibilidade dos iniciados a esse grau assumirem o papel do Sol em alguns rituais específicos. No mitreu de Santa Prisca existe uma representação desse grau em que o ele está representado vestindo uma roupa vermelha com um cinto amarelo, segurando um globo azul e saudando uma figura que é identificada como o grau do *Pater*, reafirmando a profunda conexão que os dois últimos graus iniciáticos terão dentro da ritualística mitraica (COOPER, 1996, p.134).

O grau mais alto era o *Pater*, o pai, identificado com saturno. Nas evidências epigráficas é possível observar que ele é o mais citado de todos os outros: Cerca de metade das inscrições é relativa aos *patres*, é bastante curioso no fenômeno das inscrições latinas, e

que nesse caso reflete diretamente as relações sociais no mundo antigo, em que as pessoas que ocupavam as posições mais elevadas em qualquer hierarquia são os mais documentados. A menção frequente ao grau do *Pater*, muitas vezes duas ou três vezes no mesmo mitreu, está, no entanto, também relacionada ao fato de que, como chefe de congregação, ele supervisionava a realização das ofertas votivas que eram feitas no templo e conseqüentemente era constantemente citado graças à posição que ocupava dentro do corpo social mitraico (CLAUSS, 2011, p.137-138).

O grau *Pater* desempenhava a representação máxima de Mitra dentro de cada comunidade. No mosaico de “Felicissimo” quatro elementos são retratados para simbolizar a autoridade que esse grau exercia: uma foice de madeira, elemento relacionado à agricultura, também conhecido como foice de Saturno, uma vara pedagógica, um anel que se liga diretamente a uma ideia de autoridade para aquele que exhibe essa forma de simbolismo, e finalmente, um elemento extremamente emblemático, o chapéu frígio, idêntico ao que o deus Mitra utiliza em todas as fontes iconográficas. Além da nomenclatura *Pater*, existe outra designação chamada de *Pater Patrum*, que significa “pai dos pais”, e é interpretada como um reconhecimento de uma atribuição superior ao *Pater*, que leva a especular na existência de algum tipo de relação superior de âmbito urbano ou regional, em que a autoridade moral de um determinado indivíduo estava assentada sobre as comunidades pertencentes à determinada zona geográfica (CAMPOS, 2005, p. 4).

Outro elemento externo que diferenciava o *Pater* dos outros graus é a sua indumentária, já que o mesmo trajava um manto vermelho com amarrações amarelas, essa informação é dada com base em algumas representações imagéticas encontradas em mitreus ao longo do território romano, entretanto não é possível afirmar se esse vestuário fazia parte dos ritos habituais ou se era apenas de uma cerimônia particular. O significado tanto da indumentária como dos elementos presentes em “Felicissimo”, era provavelmente o de caracterizar e enfatizar a figura de autoridade do *Pater*, desenvolvendo assim um modelo a ser respeitado e almejado dentro da comunidade mitraica (CAMPOS, 2005, p.5).

É possível esboçar alguns aspectos gerais dos tipos de indivíduos que estavam aptos a galgar o último grau iniciático mitraico. Já que algumas inscrições apontam que, sendo os mistérios mitraicos presumivelmente de um nível sofisticado, cada *Pater* deveria possuir um nível moderado de habilidade intelectual, sendo assim o detentor do último degrau tinha que ao menos ser capaz de ler e compreender mensagem escatológica do Mitraísmo, como também a filosofia neoplatônica e as referências astrológicas as quais os mistérios estavam fortemente impregnados (COOPER, 1996, p.135).

É extremamente curioso notar que conforme as evidências epigráficas do século 4 d.C., não havia muito interesse por parte das autoridades da aristocracia romana em monopolizar os graus mais altos do mitraísmo, já que é possível perceber que escravos, legionários e outros tipos sociais também figuravam entre as posições mais elevadas da religião mitraica. Essa informação pode contribuir para que seja pensado hipoteticamente que tanto a aspiração em travar um contato mais profundo com a divindade, como uma moderada habilidade intelectual, fosse a motivação para atingir o grau de *Pater*, já que ao que parece não havia barreiras de caráter social e econômico (CAMPOS, 2005, p.5).

Após essa breve discussão acerca das características gerais dos graus iniciáticos, é válido observar que, dado o número de evidências epigráficas e imagéticas, a religião mitraica teve sim um grande número de adesão por parte dos membros da sociedade romana imperial. E essa ampla adesão pode ter sido motivada pela própria natureza misteriosa e iniciática do culto, que se diferenciava em alguns pontos de outras expressões religiosas romanas oficiais, e apontava para os seus seguidores novos caminhos sacros caminhos a serem trilhados, já que:

Para os seguidores de Mithra pode-se falar de uma perspectiva escatológica individual ligada a iniciação “sequencial” a qual esses, *per gradus*, participavam. A carreira iniciática era articulada em sete graus conexos com os corpos celestes (...). O subir os graus individuais deste *cursus honorum* deveria revelar-se como um *ascensus* que aproximava sempre demais os iniciados ao próprio deus, e tal *ascensus* acontecia através dos diversos graus iniciáticos durante os quais se colocava a dura prova a capacidade de resistência à dor e as privações daqueles que eram admitidos nesses ritos (SANZI, 2006, p.48).

Como visto acima as iniciações nos mistérios de Mitra não eram meras formalidades religiosas e sim um momento extremamente simbólico dentro da vida do fiel. Pois à medida que os graus superiores eram galgados, era vista uma mudança pessoal na vida do indivíduo, e essa mudança só podia ser oferecida pela divindade, já que a mesma era detentora dos sacros segredos e também a criadora do cosmos, e ao partilhar os segredos com o neófito o deus proporcionará a ele um novo estado de espírito através de uma profunda experiência com o sagrado (BURKET, 1992, p.20).

De uma forma geral a religião mitraica era composta basicamente por homens, sendo assim não havia participação feminina, em sua maioria soldados, empregados, comerciantes, navegadores e escravos. É curioso notar que, mesmo que muito desses indivíduos pertencentes a grupos sociais distintos não tivesse o pleno domínio da leitura e da escrita isso não se configurou como um grande empecilho para sua adesão ao culto, já que pelo fato dos mitreus serem muito ornamentados com imagens e representações do mito da divindade persa,

essas imagens possuíam um possível caráter pedagógico e davam aos membros da comunidade mitraica uma razão para viver e atuar em um cosmo criado e protegido por Mitra (TURCAN, 2001, p.225).

Após essa breve introdução relativa aos principais elementos que compõem o mitraísmo, é importante que se dirija o olhar também para os principais agentes sociais que auxiliaram o processo de difusão desse culto. É apontado pela historiografia oficial que grande parte dos disseminadores do mitraísmo era mercadores, escravos e principalmente o exército romano, que dada a sua mobilidade social e também a própria configuração do exército, que agregava dentro de si uma multiplicidade de indivíduos de diversas etnias e povoados, irá contribuir positivamente para que ao longo do extenso Império Romano fosse sendo difundidas práticas religiosas e culturais oriundas de outras regiões dominadas. Nesse sentido se torna válido buscar compreender quais os atrativos que esse culto em específico apresentava para que um grupo social tão heterogêneo demonstrasse tanto interesse e devoção a um deus estrangeiro.

4 O EXÉRCITO E O MITRAISMO: ENTRE O DIVINO E O SECRETO

O Mitraísmo como já pode ser observado não se trata de uma temática simples, seja pela escassez de fontes ou pela complexidade religiosa que a mesma está envolta. Entretanto isso não se configura como um empecilho ou uma barreira intransponível para aqueles que se debruçam sobre os estudos relativos a esse deus e seu sistema religioso. Ainda hoje existem perguntas a serem respondidas e aspectos que instigam e aguçam a curiosidade de diversos pesquisadores, sejam eles da área da história, filologia, arqueologia, ciência das religiões, dentre outros, e essa curiosidade em tentar compreender o que foi Mitraísmo é que motiva indivíduos até os dias de hoje em teorizar sobre sociedades tão antigas e distantes, mas que ao mesmo tempo estão tão presentes no mundo atual.

O culto secreto de Mitra abrangia um grande número de fiéis do território romano e dentre eles um grupo específico se destacava pelo interesse em cultivar e disseminar essa forma religiosa, esse grupo era o Exército Romano Imperial. O mesmo se caracterizava pela notável organização interna e hierarquização, como também por agregar dentro de si grupos de distintas etnias, costumes e culturas, que se uniam com o único propósito de conquistar territórios e proteger o que já foi conquistado sob a égide de Roma.

Franz Cumont (2004) afirma que o “principal agente da difusão do Mitraísmo foi, inquestionavelmente, o exército. A religião mitraica é predominante uma religião de soldados e não foi sem razão que o nome *milites* foi dado a um certo grau de iniciantes” (CUMONT, 2004, p. 37). Hoje as teses de Cumont são redimensionadas porque fontes arqueológicas e epigráficas confirmam também um grande número de escravos e mercadores como difusores do culto, ainda sim a obra de Cumont não deixa de exprimir uma afirmativa amplamente aceita até os dias de hoje, a de que o soldado romano cumpriu um importante papel como propagador do culto mitraico.

Porém é interessante notar que esse protagonismo dado ao soldado foi sendo cristalizado ao longo dos anos e muitos pesquisadores, não todos, apenas reproduziram essa teoria sem se questionar o peso e o real sentido dessa afirmativa. Assim a mera reprodução das concepções desse autor é problemática em alguns casos, pois não busca questionar as possíveis motivações desse grupo social ao se engajar de forma tão enérgica em um culto estrangeiro tão distinto dos cultos oficiais praticados no Império Romano.

Dito isto o presente capítulo tem por objetivo inicial questionar em que medida os preceitos e valores difundidos pelo Mitraísmo podem atuar como uma forma influência para uma maior adesão por parte dos membros do exército para com esse culto. Posteriormente

serão analisadas as representações do deus Mitra, que foram produzidas ao longo do Império Romano e que são dotadas de elementos simbólicos que aludem a uma caracterização bélica e guerreira para com a figura desse deus, e por fim será estudado o Exército Romano e quais os mecanismos utilizados por esse grupo que facilitaram a difusão do culto por entre o território romano.

4.1 EXÉRCITO ROMANO E MITRA: UMA BUSCA POR UMA DIMENSÃO EXTRA-MUNDO

É curioso o êxito do culto mitraico teve entre os membros que compunham o Exército Romano Imperial, e tendo como base as diversas fontes epigráficas e arqueológicas, como ex-votos e construções estatuárias, é possível observar a especial atenção dada por esse grupo à divindade oriental. Essa atenção especial provavelmente não se deu de forma aleatória, nesse sentido é válido questionar que possa ter existido algo naquele sistema religioso que encorajava o soldado romano a continuar a se dedicar aos mistérios de Mitra e também a perpetuar seus ensinamentos.

Por se enquadrar na categoria de culto estrangeiro nota-se que o Mitraísmo teve de se encaixar entre os cultos já estabelecidos em Roma, e no caso do ambiente militar, além de prestar homenagens às divindades pátrias como Júpiter, Marte e Minerva, reverenciava as potências divinizadas (Fortuna, Honra e a Disciplina), assim como também dedicava atenção e respeito ao culto imperial. É possível perceber o importante papel que as crenças religiosas tiveram na vida dos soldados, que no caso da sociedade romana se constituía de uma forma religiosa ligada a uma prática ritualística e por muitos pesquisadores consideradas como frias e mecânicas (VEYNE, 2008, p.24), sendo assim diferente do que era apresentado por algumas expressões religiosas vindas de outras regiões sobre o domínio do Império Romano, no qual:

Os deuses romanos tinham atribuições estritamente definidas e os invocavam em consideração a suas respectivas competências. Essa atomização dos poderes divinos legitimava um ritualismo preciso, específico e meticuloso que prevenia o delírio sobrenatural, mas também excluía correlativamente toda perspectiva cósmica, toda resposta, todas as questões de inteligência (...) não esclarecia nada, nem da finalidade do universo nem do destino da alma depois da morte (TURCAN, 2001, p.34).

Nota-se a ideia de dualismo no trecho, dualidade essa entre a dita Religião Romana oficial e os cultos que iam adentrando em Roma, parece que de um lado havia muito mais a preocupação em cumprir uma série de ritos e atividades previamente estabelecidas em

homenagem aos deuses, chamada *ortopraxis* (SCHEID, 1998, p. 22), e de outro lado, dispunha de um aparato religioso distinto, em que o contato com o sagrado se dava de forma mais profunda e também apontava para novos questionamentos relativos ao universo, o lugar do indivíduo no mundo e o papel da divindade como auxiliadora tanto na vida como também na vindoura morte de cada um (BURKET, 1992, p.45).

O tema da morte era comum às narrativas dos deuses orientais, como por exemplo, Isis, que segundo seu mito, teve seu consorte Osíris, morto e esquartejado e após recolher os membros de seu corpo consegue lhe dar novamente a vida. Porém, Mitra não conhece diretamente essa relação com a morte e isso é possível observar desde seu epíteto *Invictus*, que destaca principalmente sua invencibilidade. Mas mesmo o deus não sendo aquele que é vencido ou que havia experimentando a morte de forma direta, é ele que será responsável por caçar arduamente o touro e officiar o seu sacrifício dentro da gruta, e é através desse ato de morte, que segundo a iconografia mitraica, florescerá a vida e a fertilidade no mundo.

Essa intrínseca relação dos deuses orientais com a morte abre uma importante faceta para um possível significado dos mistérios que eram feitos em honra a e essas divindades, pois:

Os mistérios orientais são caracterizados como religiões de salvação devido à própria história da divindade, que em geral estava associada a um drama de morte e ressurreição. E, como a deidade havia superado a morte, o fiel acreditava que o mesmo poderia ocorrer com ele. Desse modo, os mistérios respondiam a necessidades práticas, mesmo em suas promessas de uma vida após a morte (BURKET, 1992, p. 35 Apud. SOARES, 2011, p.53).

As angústias e receios frente às vicissitudes da vida, e principalmente a morte fazem parte dos grandes temores que ainda hoje assolam a raça humana, e no caso do contexto romano nota-se que um dos diferenciais que as divindades orientais ofereciam era uma promessa de esperança após a morte (SANZI, 2006, p.38). É importante frisar que a noção de salvação judaico-cristã não se aplica necessariamente a mesma do contexto dos Cultos Orientais, pois trata-se de um sistema religioso diferente, especialmente no caráter excludente em relação a outras religiões, “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (*Atos*, 4:12), também apresentava uma mensagem na qual a salvação se dá frente ao julgamento de Deus sobre o pecado que está no homem, “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo” (*1Tess.* 5:9). Essa noção cristã de salvação, de uma forma geral, não se aplica ao sentido empregado pelos Cultos de Mistérios.

A abrangência do termo salvação nos Cultos Orientais pode se estender a um sentido que engloba qualquer coisa que os seres humanos almejam, como a preservação das mudanças e das diversas possibilidades da vida terrena, além da busca da proteção contra doenças, guerras e infortúnios, mas acima dessa noção também havia a ideia de salvação da alma, como uma busca por imortalidade através de uma profunda união com a divindade transcendente. Os Cultos de Mistérios compartilhavam a convicção de que a libertação e salvação são os objetivos de toda a existência humana na terra, e os praticantes desses cultos deviam desfrutar, através da replicação cerimonial, das mesmas experiências do deus. A reprodução dos atos da divindade era um meio pelo qual se podia chegar mais próximo dos sacros segredos e também uma salvação da alma (CLAUSS, 2001, p.14-15).

Com relação ao Mitraísmo e ao Exército Romano Imperial é válido ressaltar que um dos primeiros vestígios encontrados em honra ao deus persa em território romano foi justamente feito por um soldado. Tratava-se de um ex-voto depositado em um mitreu no ano de 110 d.C. por um soldado da cavalaria de nome Tacitus, que pertencia a *cohors XXXII voluntariorum civium Romanorum* de Nida²⁵. Nessa região o culto teve muitos adeptos entre os membros do Exército Romano, porque nesse mesmo anos elevou-se um segundo templo é em honra ao deus Mitra (CLAUSS, 2001, p.21).

É importante atentar para a natureza da fonte epigráfica da dedicação a Mitra do exemplo acima, pois os ex-votos possuem uma carga religiosa bastante peculiar, e segundo Walter Burket (1992) são objetos significativos que dão, de forma maior ou menor, um testemunho da história pessoal de cada indivíduo, que reflete as ansiedades, esperanças, preces e atendimentos pedidos, evidenciando um gesto religioso pessoal (BURKET, 1992, p.26).

A natureza dos ex-votos é que é importante para que se pensar no papel da crença que os soldados depositam na divindade mitraica, pois o ato de oferecer ex-votos para as divindades implica em uma iniciação pessoal, e segundo Walter Burket (1992) se configura também como uma busca de salvação frente às adversidade e perigos da vida. No caso do contexto do Exército Romano essa busca por proteção sobrenatural é constante e extremamente necessária. Visto que a prática votiva pode ser considerada como uma estratégia humana fundamental para enfrentar o futuro, já que os ex-votos se configuram como objetos que por mais humildes que fossem se constituíam como prova de uma confiança

²⁵ Nida- Atual cidade de Frankfurt localizada na Alemanha

pessoal num deus particular, que em troca oferece alguma forma de salvação (BURKET, 1992, p.26-27).

As noções de salvação variam entre as divindades orientais, pois mesmo elas possuindo determinados elementos similares entre si, apresentam especificidades e características únicas. No caso do Mitraísmo, que é o foco da pesquisa, essa divindade garante:

Para o homem uma perspectiva de salvação extramundo além do que uma boa saúde nesta vida, e tal garantia funda-se sobre a ideia de uma vivência da alma relativamente a um cosmos concebido como uma escada que a alma é chamada a superar para entrar, por outro lado das setes esferas planetárias, no nível da *aeternitas* particular do céu das estrelas fixas (SANZI, 2006, p.79).

Nota-se no exposto acima que o Mitraísmo apresenta uma forma diferente de escatologia, em que o *deus invicto* apontava ao fiel um caminho a ser trilhado afim de que lhe fosse concedida novas experiências religiosas, na qual alma caminharia para um plano astrológico específico. Essa promessa de uma boa saúde e proteção na vida terrena, além de uma possibilidade de sobrevivência da alma dada por esse deus, pode ter sido um dos fatores que contribuíram de forma positiva para que os membros do Exército Romano se interessassem pelos preceitos e especificidades do culto mitraico.

No caso do soldado romano é importante atentar para o fato de que seu estilo de vida se diferenciava de forma pontual dos civis romanos, pois suas obrigações para com o Império se caracterizavam também como renúncias em várias esferas de suas vidas particulares, desde o isolamento familiar até a impossibilidade de contrato matrimonial, caso o mesmo tivesse se alistado na condição de solteiro no exército (CARRIÉ, 1992, p.100). Além da separação com a sociedade civil romana em grande parte das suas vidas, o que já se configurava como um grande desafio para o soldado, ainda existia o agravante de que o seu ofício requeria extremo empenho, disposição e disciplina. Era um ofício duro e extremamente diversificado que, dependendo da posição no exército, englobava tarefas administrativas, atividades envolvendo correios, cobrança de impostos, trabalhos em obras públicas, a obrigação em exercitar-se rotineiramente e principalmente a atividade de guerrear, que incluía tanto batalhar por territórios de outros povos como também proteger as regiões que já estavam em posse do Império (LE BOHEC, 2004, p.81).

A doação e o empenho por parte dos soldados dentro do exército imperial ainda eram colocados à prova pelo fato de que, além dos constantes perigos que os mesmos enfrentavam cotidianamente em virtude das batalhas e das atividades de salvaguarda de territórios sob o

domínio de Roma, existia nos próprios acampamentos severas medidas que visavam à disciplina das unidades bélicas. De uma forma geral essas medidas envolviam a utilização de violência e a perda de privilégios entre os soldados, como o recebimento dos piores pedaços das refeições, pernoitar nas muralhas sem armamentos e em alguns casos havia a utilização do aprisionamento. Os soldados estavam sujeitos também a castigos físicos, multas e retenções salariais, degredo, transferência de unidades militares e em casos mais extremos era utilizada a pena de morte, tanto individual como coletiva (LE BOHEC, 2004, p.83 e 84).

É importante salientar que a instituição Exército Romano não se caracterizava apenas por aspectos negativos para com seus membros, pois oferecia aos indivíduos que optavam por seguir na profissão militar uma carreira, desde seu ingresso até sua desmobilização, passando por todos os ganhos intermediários, financeiros ou jurídicos (como, por exemplo, a isenção fiscal). Além das próprias promoções galgadas ao longo da carreira, que englobavam trocas de unidades, onde se transitava, por exemplo, de uma *coorte* de auxiliares para uma legião, como também era possível uma ascensão na hierarquia dentro dessas unidades, passando pela função de *duplcarius*²⁶ até chegar o posto de centurião (CARRIÉ, 1992, p. 105). É possível então perceber que o ambiente militar também apresentava atrativos para os jovens que lutavam pelo Império Romano, já que lhes era garantido um meio de vida e uma forma de sustento financeiro.

Apesar das possibilidades de ascensão e os benefícios ofertados pelo Exército Romano Imperial, o cotidiano do soldado não se tratava de uma fácil tarefa e “(...) os diferentes perigos aos quais ele era exposto fazia-os procurar sempre a proteção do Céu, e um número incalculável de inscrições demonstra a vivacidade de sua fé e a variedade de suas crenças” (CUMONT, 2004, p.38). Essa abertura para a devoção às diversas divindades, tanto pátrias quanto estrangeiras, foi primordial para que os soldados pudessem conhecer e optar por cultuar divindades como Mitra, que possuía uma dimensão religiosa única e apontava para uma experiência cósmica e profunda, talvez a possibilidade de uma promessa de sobrevivência da alma possa ter cativado os soldados, que ao longo de suas vidas se deparavam com constantes mortes e inseguranças e necessitavam além de favores esporádicos e pontuais advindos de várias divindades, como Júpiter, Mercúrio e Marte de uma salvaguarda divina absoluta (TURCAN, 2001. p.36). Claro que tendo em vista a opção por cultuar e se iniciar nos mistérios mitraicos não comprometia sua comunhão para com outros deuses.

²⁶ *Duplicarius*- suboficial que servia de tenente ao centurião de cada centúria. Podia ser designado por este ou ser eleito pelos seus companheiros. Estava classificado dentre os soldados principais (*milites principales*) e possuía a categoria de duplicário (*duplicarius*), isento de tarefas pesadas e cobrava dupla paga. Aspirava a ser nomeado centurião, e quando atingia a qualificação suficiente recebia o título de *optio ad spem ordinis*.

O filósofo Celso em sua obra “Discurso verdadeiro contra os cristãos” trata sobre os mistérios de Mitra expõe da seguinte forma:

“Sobre essas coisas referem-se tanto a doutrina dos Persas quanto a iniciação mitraica que é praticada por eles. Nela de fato há uma representação simbólica das duas órbitas celestes, aquela das estrelas fixas e daquela estabelecida pelos planetas, é (uma representação simbólica) da passagem da alma através deles. A imagem alegórica é assim: uma escada com sete portas, sobre esta uma oitava porta. A primeira delas é uma porta de chumbo, a segunda de estanho, a terceira de bronze, a quarta de ferro, a quinta de uma liga metálica, a sexta de prata, a sétima de ouro (...) (ORÍGENES, *Contra C. Cels.* VI, VI, 22 Apud SANZI, 2003).

O trecho acima possibilita questionar a experiência religiosa que Mitra oferecia aos seus praticantes especialmente a sua natureza cosmológica. E mesmo que um pouco de obscuridade há indícios que a estrutura mistérica se faz com a jornada da alma do fiel no interior do cosmos, por meio de uma escada entre esferas celestes, afim de que fosse alcançada ao final da jornada a dimensão máxima, que o autor identificou como uma oitava porta, em que o iniciado só estaria pronto para abrir após percorrer um longo caminho cósmico entre divindades planetárias, ainda Celso explica sobre as portas:

(...) Atribuem a primeira a Cronos porque com o chumbo simbolizam a lentidão do astro; a segunda a Afrodite comparando a ela o brilho e a maleabilidade do estanho, a terceira aquela que tem o limiar de bronze e é sólido, a Zeus; a quarta a Hermes, de fato seja Hermes seja o ferro são capazes de suportar qualquer trabalho, hábeis nos afazeres e resistentes à fadiga; a quinta aquela que é desigual e varia porque é produzida pela liga de metais é Ares; a sexta, prateada, a Selene; a sétima, de ouro a Hélios já que imita as cores (...) (ORÍGENES, *Contra C. Cels.* VI, VI, 22 Apud SANZI, 2003).

A possível relação entre o Mitraísmo e ascensão da alma a um plano cósmico citado tanto por Celso como por Porfírio²⁷, abre uma possibilidade para questionar em que medida a filosofia esotérica influenciou a estrutura mistérica da religião mitraica, já que segundo Sfameni Gasparro (1979) o dinamismo presente entre o grau ao qual o fiel alcançava e a proteção de uma determinada autoridade planetária, representava uma direção ascendente, que procedia então do grau do *corax* ao *pater*. Implicando assim em um sacro progresso que visava uma ascensão do fiel ao alto. Nesse sentido é possível fazer um paralelo entre o progresso na experiência religiosa que era amadurecida na medida em que os graus eram

²⁷ Porfírio em sua obra *Antro das Ninfas* também faz uma referência relativa à ascensão da alma ao plano cósmico, quando descreve da seguinte forma “Os persas iniciam os *mystes* instruindo-os sobre os mistérios divinos acerca da descida das almas e a subida delas desde o momento que deram ao lugar o nome de antro” (PORFÍRIO, *Antr. Nymph.* Apud. SANZI, 2006, p.93).

alcançados com a jornada da alma através dos céus planetários a qual Celso se refere em sua obra (GASPARRO, 1979, p.318 Apud. SANZI, 2006, p.95).

Essa leitura dos setes céus planetários como degraus sucessivos de uma escada que percorreriam na progressão ritual da hierarquia iniciática se configura então como uma ascensão ao qual se realiza verossimilmente também como uma escatologia da alma de todo iniciado. São elementos que revelam no Mitraísmo a noção de um tempo cósmico, articulado em uma elevação de “poderes” que deveriam ser ultrapassados para atingir uma situação melhor garantida. Naturalmente é possível conceber todo o cosmo como uma realidade positiva do momento que é fundado através de um ato divino e originário (SANZI, 2006, p.95), como é o caso da figura fundante do sacrifício do touro oficiado por Mitra, na qual a partir do sangue do animal, funda-se a vida na terra.

É complexo precisar ao certo qual era a noção exata dessa ascensão da alma a uma esfera cósmica superior, visto que os próprios documentos, tanto literários como epigráficos, não deixam evidentes alguns pontos como, por exemplo, pressupondo que grande parte da jornada espiritual se dava enquanto o mitraísta estivesse vivo e pudesse ascender a novos graus, não existe clareza, no entanto, sobre qual era a forma de intervenção divina que o deus apresentava após a morte para com a alma do fiel. Existe a possibilidade de que talvez Mitra garantisse de alguma forma de redenção ou até mesmo de imortalidade, visto que esse é um tema extremamente recorrente dentro da mitologia mitraica.

Alguns autores como Ramsey MacMullen (1981) são muito cautelosos em afirmar uma conexão do Mitraísmo e a imortalidade, pois as fontes relativas a esse tema não são totalmente claras em seu significado, já que mesmo algumas inscrições que utilizam palavras como “renascimento”, elas poderiam estar se referindo às iniciações rituais, o que implicam em uma ideia de um renascimento terreno na qual a pessoa possuía uma vida de determinada maneira e após o contato com a divindade passa por uma mudança e passa a agir de outra forma, como uma espécie de uma “nova vida” (MACMULLEN, 1981, p. 54). No entanto, evidências como essa ilustram que o tema de morte e renascimento estava presente no culto, sendo assim a presença de um conceito de renascimento no interior do culto definitivamente deixa aberta a possibilidade de uma imortalidade como promessa para seus seguidores.

Como visto ao longo desse tópico, dada a natureza de sua profissão o soldado possivelmente desejava uma divina proteção das mais variadas formas e meios, sendo assim aqueles que optavam por seguir os ritos mitraicos no exército talvez encontrassem conforto em um deus que lhes oferecia proteção em suas atividades diárias e talvez de alguma forma, uma proteção espiritual que não se delimitasse apenas durante a vida, mas também após a ela.

Porém esse provavelmente não foi o único atrativo que capturou a atenção do soldado para com esse culto, existem outros indícios que talvez contribuísem para essa proeminência do Mitraísmo entre os militares, como será visto no tópico a seguir.

4.2 REPRESENTAÇÕES DE MITRA E O MUNDO BÉLICO: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

É curioso perceber o quão emblemática a representação de Mitra se tornou ao longo dos anos II a IV d.C, dentro Império Romano, sempre em pose heroica, trajando roupas vermelhas em estilo oriental, um manto esvoaçante da cor escarlate, uma espécie de chapéu tipicamente persa e portando uma adaga ou arcos e flechas, remetendo sempre a um ambiente permeado por perigos e combates. Para a presente pesquisa as representações desse deus são particularmente especiais, pois abrem a possibilidade de análise que permite lançar a hipótese de que talvez a forma como o deus era representado, bem como sua mitologia, possam ter atuado de alguma maneira para que os membros do Exército Romano Imperial se identificassem com a divindade, visto que existe uma similaridade entre características latentes desse deus e o ambiente militar romano.

Dentre os indícios relativos à natureza bélica de Mitra há um fato extremamente instigante e problemático, que se refere especificamente para a origem do deus que, como já dito antes, algumas teorias apontam que o mesmo, possivelmente, era oriundo da região do atual Irã, e nesse contexto único o deus detinha uma ligação profunda para com o ambiente militar, tanto pelo fato de ser identificado como o deus principal que vela pela vitória de seus fieis em batalha, como também por sua disposição em combater aqueles que violavam os juramentos sagrados²⁸. Da mesma forma, os guerreiros iranianos, persas, e posteriormente partos tiveram um vínculo especial com o deus Mitra, que era considerado patrono de suas atividades bélicas (CAMPOS, 2004, p.36).

O culto dedicado a Mitra encontrou um espaço importante entre os militares romanos, e mesmo que hoje não seja possível tomar como totalmente corretas as teorias propostas por Franz Cumont (2004) que conferiam um protagonismo exacerbado a figura do militar romano do culto mitraico (CUMONT, 2004, p.37), ainda sim é possível perceber uma série de indícios significativos que aludem a uma forte relação entre o Mitraísmo e o soldado romano, assim como também é possível observar que mesmo estando em contextos distintos, o deus

²⁸ Na literatura avesta o hino consagrado a Mitra o invoca como um deus dos guerreiros, terrível contra as injúrias. Sua representação era como guerreiro de cabelos brancos, de flechas velozes, possuindo largos braços que alcançavam todos aqueles que violavam um contrato (TURCAN, 2001, p.189).

Mitra romano preserva algumas similaridades pontuais relativas ao seu possível passado iraniano.

Devido à escassez literária e a dispersão das informações relativas à narrativa mítica do deus Mitra em Roma, não é possível pontuar com exatidão quais elementos provenientes de um passado oriental foram preservados nesse culto. Porém de início é plausível afirmar que os romanos eram cientes do local de origem desse culto, já que desde sua primeira menção na literatura latina na obra *Tebaida*²⁹ de Estácio “Veja quem, que sob as rochas e dentro da gruta persa, dobra os chifres do touro” (tradução livre. ESTÁCIO Apud. CAMPOS, 2010, p.178), há uma identificação do mesmo como oriundo da Pérsia, e esse trecho é relevante, pois, assim como em outras obras latinas como “Contra Celso” e “Antro das Ninfas”, há clara percepção de que, quando o romano se referia a essa divindade era imediatamente vinculada sua relação com o contexto Persa. Sendo assim pode-se inferir que mesmo em uma região distinta de sua origem Mitra preserva uma identidade como deus iraniano.

É válido destacar que se entende por identidade como:

Uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (PESAVENTO, 2005, p.90)

Compreender a construção simbólica de uma identidade é extremamente importante para entender como as sociedades criam mecanismos que as diferenciem entre si, ou seja, além de constatar que existem as diferenças identitárias entre povos e culturas é essencial salientar que as formas de representar essa diferença vão muito além do que apenas que o papel de um único indivíduo possui, alcançando também outras esferas como discursos e imagens criadas que contribuem para que a percepção identitária de cada grupo ou sociedade seja construída através do tempo (PESAVENTO, 2005, p.90-92).

No caso de Mitra é possível constatar que, além das fontes latinas mencionar essa divindade como proveniente de um contexto estrangeiro oriental, as fontes imagéticas também reforçam esse aspecto identitário relativo à origem desse deus. Como é o caso, por exemplo, de uma placa romana de bronze do século II d.C., na qual está registrada a cena da tauroctonia oficiada por Mitra:

²⁹ Trata-se de um poema dividido em 12 cantos, como a *Eneida*, seu grande modelo. Narra a disputa entre dois filhos de Édipo (então cego, depois de descobrir que matara o próprio pai e desposara a própria mãe) pelo poder em Tebas.

Figura 14 – Mitra sacrificando o touro



Fonte: THOMPSON, 2007, p.110

A imagem acima apresenta o deus Mitra montado sobre o touro com seu manto esvoaçante e com uma mão empunhando um golpe fatal com sua adaga e com a outra mão segurando atrás cabeça do touro. O cão lambendo o sangue que jorra do pescoço do touro, enquanto que uma cobra se levanta de encontro à lâmina da adaga e um escorpião do lado esquerdo pica os testículos do touro. Há também a presença dos bustos do Sol, com uma coroa radiante, e da Lua, embalada em uma lua crescente, pairando ao fundo.

Essa clássica cena, assim como tantas outras imagens disseminadas ao longo do Império Romano reafirma algumas características únicas do deus Mitra, que mesmo em solo romano faz alusão a uma possível origem oriental, e nesse ponto é importante clarificar que a experiência religiosa mitraica oriental persa e o Mitraísmo romano tratam-se de dois contextos históricos distintos e que uma tentativa de análise de uma herança oriental deve ser tomada com extrema cautela, principalmente tendo em vista que o deus Mitra romano não é o mesmo daquele adorado na Pérsia, cada um possui sistemas religiosos distintos e atribuições únicas que foram gestadas ao longo de séculos de diferenças entre si (CLAUSS, 2001, p.7).

Entretanto, mesmo tratando-se de um culto reservado a Mitra no mundo imperial romano, que é caracterizado por uma fisionomia específica e por uma dimensão esotérica e iniciática única (SANZI, 2006, p.45), é curioso perceber a presença de indícios que aludem a

uma referência identitária oriental, que vão desde a indumentária utilizada pelo deus, que se assemelha a um vestuário tipicamente persa, a presença de termos que remetem a uma ciência por parte dos mitraístas para com um contexto oriental posterior da divindade. Como por exemplo, é o caso de um dos graus de iniciação do sistema místico denominado curiosamente de *perses* ou o grau do Persa que, como visto no capítulo anterior, mesmo que não se disponha de grandes informações relativas a sua função na liturgia mitraica, é possível notar que um dos símbolos relacionados a esse grau encontrado no mitreu de “Felicissimo” em Óstia é o desenho de um punhal persa. Sendo assim mesmo que não se saiba o real significado desse símbolo no contexto dos mistérios mitraicos é possível especular que talvez nesse sistema religioso romano convergissem alguns elementos que fizessem referência a um ambiente oriental posterior.

Outro dado importante sobre a natureza oriental do deus Mitra é que existiam grupos religiosos formados por cidadãos do Império Aquemênida, chamados de *Männerbünde*³⁰, que são identificados como uma associação nas quais seus participantes criavam estreitos laços de irmandade entre si, e curiosamente o aspecto militar desse grupo ocupava um papel de destaque, visto que a composição social desses grupos era formada em sua maioria de indivíduos ligados às atividades bélicas. Algumas características dessa associação religiosa são válidas para esta pesquisa, pois se tratava de grupos exclusivamente masculinos, onde havia subdivisões internas que eram pautadas em função da idade de cada membro, configurando então em organizações hierárquicas. Cada membro só era aceito após passar por uma iniciação, na qual se comprometia com o grupo tanto na vida quanto na morte. Nessas sociedades o culto a morte aparentemente teve um especial protagonismo, o que é justificável visto que, como grande parte dos membros era composta por soldados o contato com a morte era algo bastante familiar a esses indivíduos (WIDENGREN, 1969, p.83).

Quanto aos *Männerbünde* se tratava de grupos religiosos, que além da utilização de práticas iniciáticas em suas cerimônias também seguia um estrito código moral, cujo descumprimento de alguma norma poderia ocasionar severos castigos ou até mesmo cerimônias de expiação. Tratava-se de uma associação religiosa bastante organizada e seletiva e que possuía uma vinculação com o culto ao deus Mitra, visto que, no ambiente iraniano existiam grupos de guerreiros que estabeleceram um tipo particular de culto ctônico no qual

³⁰ Os *Männerbünde* foram extremamente proeminentes nas regiões onde existia a presença iraniana, já que estiveram presentes tanto na região da Armênia como da Ásia Menor. Nos reinos helenísticos também se constata a presença de grupos militares com essas características, apesar de que nesse caso houve adaptações ao contexto social dos helenos, que incluíam a adoção da terminologia grega em seus cultos, além de outras mudanças organizacionais, o que permitiu que a propagação destes grupos se desse por entre as populações anatólicas (CAMPOS, 2004, p.5).

Mitra possuía especial protagonismo, esse culto se assemelhava bastante aos aspectos organizacionais e ritualísticos. Esses grupos foram criticados por Zoroastro por se utilizar da prática de sacrifício de animais e pelo consumo de substâncias alucinógenas, e esse dado é válido, pois aponta para um aspecto significativo do culto, em que o sacrifício ritual ocorria também o consumo de substâncias alucinógenas que permitia aos participantes transcenderem as limitações terrenas e encarar com valentia os perigos das guerras e combates que apareciam a sua frente (CAMPOS, 2004, p.5).

Os dados colocados acima são ao mesmo tempo instigantes e problemáticos, instigantes, pois é inegável que existiam semelhanças nos aspectos organizacionais e religiosos empreendidas em honra ao deus Mitra no contexto iraniano para com as configurações do culto mitraico em solo romano. Porém ao mesmo tempo se torna problemático, visto que, esses dados abrem uma possibilidade analítica para que sejam formuladas associações e conexões diretas entre contextos distintos que talvez não se sustentem, já que se tratam de experiências singulares entre cada um desses povos.

Em todo caso é válido ressaltar que pode se pensar na possibilidade de que essas sociedades masculinas iranianas tenham deixado algum tipo de influência na constituição do Culto dos Mistérios de Mitra. Entretanto é difícil estabelecer uma relação direta entre esse grupo e os grupos militares romanos, não obstante, pode-se reconhecer a coincidência de uma série de elementos entre eles, já que tanto no Oriente como no Ocidente é possível identificar agrupações exclusivamente reservadas aos homens, nas quais a iniciação e a criação de vínculos de irmandade entre seus membros ocupam um papel central (CAMPOS, 2004, p.7). Esses aspectos contribuem para que se especule que, ainda que de forma embrionária e inconclusiva, sobre uma possível permanência de alguns aspectos organizacionais orientais presentes nas cerimônias romanas feitas em homenagem a Mitra.

O deus Mitra é introduzido no ambiente religioso ocidental acrescido de novas atribuições das tidas em um contexto iraniano, como por exemplo, nas questões relativas aos mistérios religiosos, os graus de iniciação e também uma ligação extremamente pungente entre os elementos astrológicos e a jornada religiosa do mitraista. Todavia, é concebível apontar um bom número de atribuições presentes no culto romano a Mitra, que foram gestadas em um longo processo sincrético e amalgamador proveniente das regiões da Mesopotâmia, Armênia, Ásia Menor, dentre outros (GORDON, 1971, p.244).

E dentre essas atribuições pode ser citada a permanência da função de Mitra como uma divindade solar, e nesse ponto é importante destacar que essa relação é extremamente delicada, visto que enquanto em um contexto oriental a imagem de Mitra é diretamente ligada

ao astro solar, no mudo romano a relação entre Mitra e o sol se dá de forma mais ambígua, pois “Mitra e o Sol são um deus em duas diferentes manifestações e dois deuses unidos em um só” (CLAUSS, 2001, p.146), ou seja, em algumas ocasiões, o deus é assimilado abertamente com o sol, entretanto em outros casos aparece como companheiro deste. Por uma parte, tem-se uma abundância de fontes documentais de natureza epigráfica em que se encontram variações em torno da dedicação ao *Sol Invictus Mithras*, sendo assim a ideia que se dá é de um deus detentor da luz, enquanto que por outro lado, nas fontes imagéticas, Mitra e o Sol são considerados divindades distintas entre si; Como na figura 14 acima, na qual além da representação do deus sacrificando o touro, o sol aparece do lado esquerdo, denotando assim uma diferença de personalidade entre ambos.

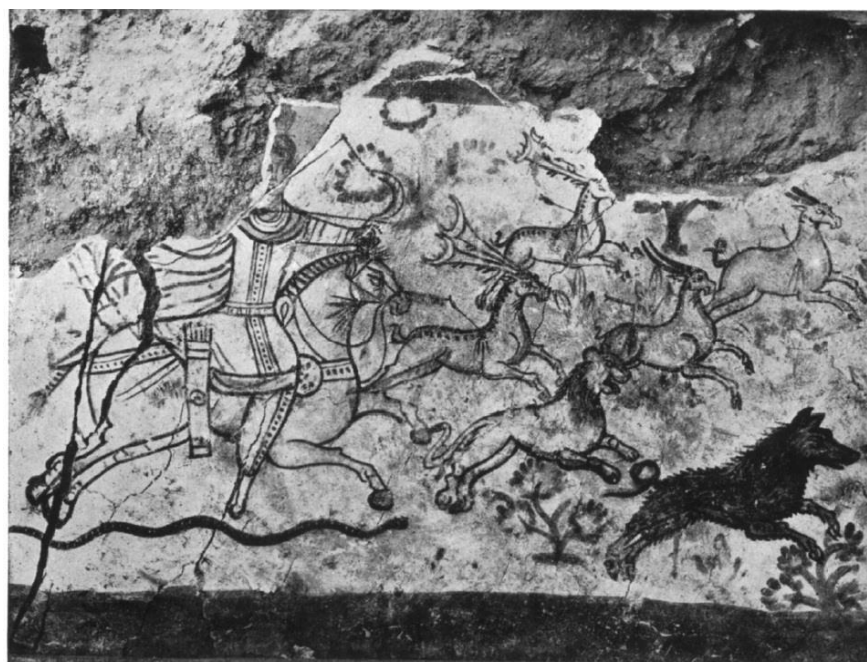
Essa questão relativa à identidade solar de Mitra pode ser interpretada como uma das muitas relações paradoxais que existem entre várias divindades na antiguidade. As pessoas no mundo antigo não se sentiam ligadas a credos fixos e confissões que tinham que ser consistentes em todos os mínimos detalhes. Por essa razão não é viável tentar definir a relação entre Sol e Mitra e suas variações tendo como pressuposto concepções epistemológicas contemporâneas sobre as lógicas religiosas antigas e como elas deveriam ser definidas, ainda mais que nesse caso a identificação entre a divindade solar e Mitra carece de um maior número documental literário que explicita as relações que eram travadas entre eles (CLAUSS, 2001, p. 146).

Outra atribuição marcante do deus Mitra é relativa ao seu caráter militante que, como dito mesmo no contexto iraniano era uma divindade sempre pronta para batalha, que auxiliava aqueles que lutavam pelo bem e lhes garantia a vitória em suas jornadas (CUMONT, 2004, p.14-15). Nota-se principalmente, através de fontes imagéticas que o deus Mitra em solo romano é representado, desde seu nascimento, sempre portando armas, como punhais e espadas, assim como também é costumeiramente retratado em pose heroica ao officiar o sacrifício do touro com a utilização de uma adaga. É válido ressaltar que, como visto no capítulo anterior, a história de Mitra romano é permeada de perigos e desafios constantes, e nesse ponto é válido questionar que talvez a mitologia mitraica romana possa ter sofrido algum tipo influência da mitologia mitraica iraniana, visto que ambas apresentam indícios de uma possível ligação entre Mitra e as atividades militares.

Os dados são curiosos já que, mesmo que não é possível dispor de um aparato literário mais amplo, que explicita com maior clareza e coesão a possível natureza militar desse deus, nota-se que em diversas ocasiões as representações imagéticas de Mitra buscam ressaltar principalmente sua força e coragem frente às adversidades que vão surgindo à frente, além de

evidenciar um profundo conhecimento por parte de Mitra para com atividades tipicamente militares, como o trato com espadas e adagas e também a utilização de arcos e flechas, como é o caso do afresco abaixo encontrado em Dura Europos³¹:

Figura 15 – Afresco retratando Mitra como um caçador no Mitreu de Dura-Europos



THE HUNTING SCENE FROM THE SIDE WALL OF THE MITHRÆUM

Fonte: <http://www.tertullian.org/>. Acessado em: 23.04.2016.

A imagem acima foi encontrada em um Mitreu na região de Dura-Europos e trata-se de um fragmento da parede do templo, e está parcialmente preservada. Nessa imagem Mitra é representado trajando uma roupa tipicamente persa, e aparece montado sobre um cavalo, que possui um peito largo e uma forma imponente. A galope o deus atira flechas à direita em direção à figura de veados, que são retratados como se tivessem fugindo do deus. Toda a ação se passa em um ambiente campestre, pois é possível observar a presença de plantas e flores, assim como também é constata-se tanto a presença de um cachorro negro no canto direito inferior da imagem, como também uma figura rastejante, possivelmente uma cobra, ao lado do cavalo guiado por Mitra. Essas duas últimas representações são bastantes presentes nas artes mitraicas em geral, e principalmente na cena clássica da tauroctonia.

³¹ Dura Europos ou Dura-Europos (Dura, termo babilônico que faz referência a fortaleza, e Europos, local de nascimento de Seleuco Nicator, a quem é atribuída sua fundação) foi uma antiga cidade de origem grego-macedônica fundada no ano de 300 a.C. sobre restos de uma localidade semita. Está situada na atual Síria, a meio caminho entre Alepo e Bagdá, nas margens do Eufrates, num ponto estratégico de várias importantes rotas comerciais da Antiguidade, no local onde se ergue a atual Salhiye.

A recorrência de imagens que apresentam um deus Mitra equestre, portando arco e flecha é significativa para a presente pesquisa, pois ao pensar no importante papel que as formas imagéticas encontram na liturgia mitraica, que segundo Jaime Alvar (2008) aparentemente possuía um forte papel pedagógico e detentor de um componente instrucional (ALVAR, 2008, p. 76), abre-se a possibilidade de questionar se as narrativas míticas disseminadas sobre a história do deus Mitra também conteriam elementos que o caracterizasse como uma espécie de “arqueiro divino”. Ainda mais se for levado em conta o local onde foi feita a imagem, no caso o Mitreu, local sagrado dos mistérios e também das obrigações litúrgicas, onde era adornado por uma série de outros afrescos que contavam didaticamente diversas passagens da jornada de Mitra para os seus fieis. E nesse ponto é importante notar a presença novamente das habilidades arqueiras de Mitra em outro momento de sua história, que é justamente quando ele tem o poder para tirar água de rochas estéreis com o auxílio de suas flechas, como pode ser visto abaixo:

Figura 16–Afresco encontrado no Mitreu de Besigheim, Alemanha.



Fonte: <http://www.tertullian.org/rpearse/mithras/display.php?page=cimrm1301>. Acessado em: 23.04.2016.

A imagem acima narra três momentos da história de Mitra, no primeiro quadro é possível observar o deus aparentemente agachado, é visível também presença de alguns objetos redondos, provavelmente frutos de uma árvore, cujas folhas são vistas no fundo. No quadro seguinte o deus Mitra está parado com sua típica roupa oriental portando um arco, ele então tira uma flecha da sua aljava que carrega nas costas. Diante dele é possível perceber também uma pessoa ajoelhada que, com as mãos estendidas, tenta pegar a água que flui da rocha. Por fim, Mitra parado tira uma flecha de seu arco na direção de uma rocha, na qual outra pessoa ajoelhe-se com as mãos estendidas para pegar a água que corre de dentro dela.

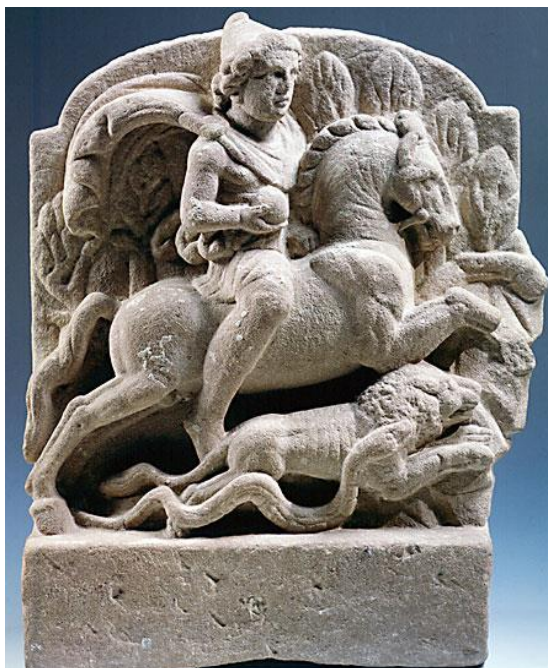
As habilidades arqueiras do deus Mitra são novamente retratadas no afresco acima, com a diferença de que nesse caso ao invés de narrar uma simples caçada empreendida pela divindade, trata-se da utilização do arco e flecha para um importante momento na jornada do

deus, a qual diversos autores atribuem como o “milagre da água” (CLAUSS, 2001, p.71). Em que Mitra ao acertar uma rocha com sua flecha, a mesma começa a jorrar água, dando a ideia de como se ocorresse um momento miraculoso oficiado por Mitra e auxiliado pelas suas habilidades como arqueiro, e nesse ponto é válido lembrar que assim como em solo romano há uma difusão de imagens que evidenciem as qualidades arqueiras de Mitra no contexto iraniano uma das atribuições do deus é justamente de uma divindade guerreira que lutava pelo bem, detentor de grande coragem e que com suas flechas velozes atingiam seus inimigos (TURCAN, 2001, p.189).

Mesmo que não seja possível determinar ao certo qual a relevância das atividades arqueiras da mitologia mitraica romana é extremamente pertinente pensar que talvez algumas das atribuições divinas de Mitra em seu contexto iraniano, como a de ser um exímio arqueiro, possa ter influenciado de alguma forma na possível caracterização do deus como uma espécie “arqueiro divino” e talvez essa faceta possa ter atuado de alguma forma para que os membros do Exército Romano Imperial tivessem uma maior identificação para com a divindade, visto que, os grupos de soldados pertencentes às classes dos *equites* (cavalaria) e dos *sagittarii* (arqueiros a cavalo) também aparecem de forma expressiva dentre os fieis que dedicavam homenagens, como ex-votos e estátuas a esse deus (SOUTHERN, 2006, p. 133). Esse dado abre a hipótese de que talvez a figura de um deus detentor de uma habilidade tão significativa para esses grupos militares, possa ter agido positivamente como uma forma de identificação pessoal. Visto que assim como esses indivíduos que necessitavam ser habilidosos cavaleiros e arqueiros durante as batalhas, reverenciar uma divindade que, além de garantir proteção em suas vidas e uma possibilidade de salvação, também possuísse atributos bélicos tão específicos é algo a se questionar sobre a importância da representação do deus Mitra para com o contexto militar romano.

Outro aspecto importante ainda sobre as imagens disseminadas relativas as representações do deus Mitra que pode ser observado na figura abaixo que retrata a caçada a um grupo de veados, o deus aparece de forma imponente montado sobre um cavalo, curiosamente há um grande número tanto de afrescos como de pinturas e estátuas que retratam o deus nessa posição, como é o caso de uma estátua encontrada em um Mitreu de Neuenheim na Alemanha:

Figura 17 – Mitra cavalgando um cavalo galopante



Fonte: http://www.mithraeum.eu/monumenta/mitra_montado_a_caballo. Acessado em: 23.08.2016

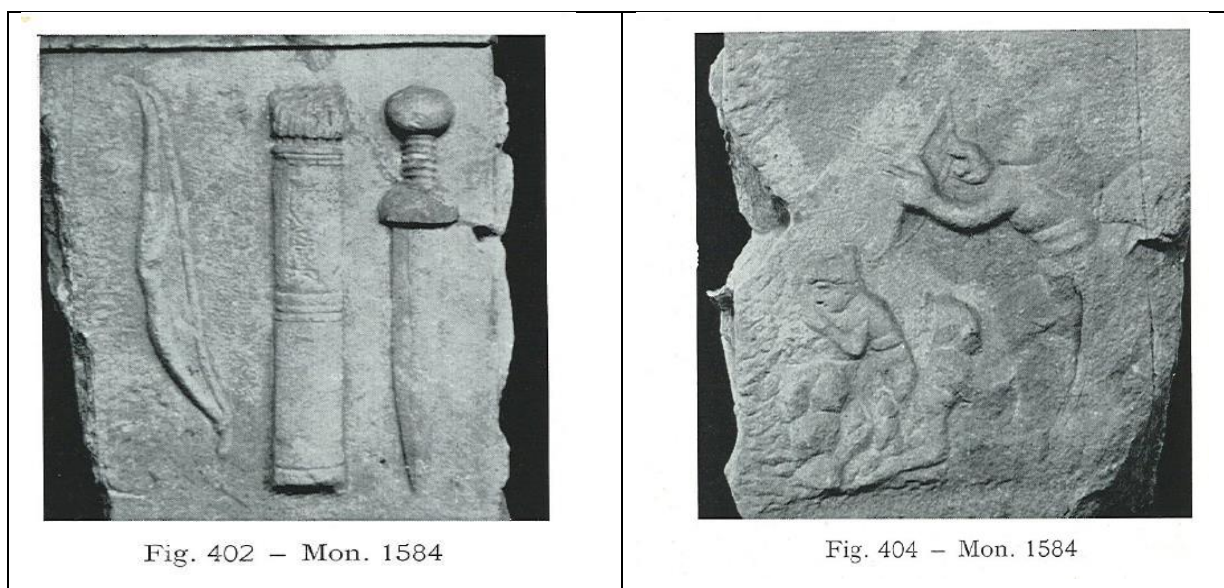
Mitra montado em um cavalo galopante, nessa cena o deus está vestido com uma túnica curta e em um manto voador e o mesmo utiliza um chapéu tipicamente frígio. Na sua mão é possível perceber que ele segura um globo, e ao seu lado ele é acompanhado por pela figura de uma serpente e de um leão. O fundo da imagem é formado por ciprestes e outras árvores, dando a ideia de uma cena que se passa em um espaço aberto. É pertinente observar que a posição de Mitra na imagem acima o coloca como um poderoso cavaleiro triunfante, e enfatiza sua virilidade e seu caráter conquistador. Nesse sentido é necessário analisar as outras figuras que também compõem a cena, no caso a cobra e o leão, ambos os animais são recorrentes em diversas representações mitraicas ao longo do território romano, e simbolicamente representam criaturas ctônicas, e tanto a cobra como o leão podem representar na mitologia mitraica símbolos de poder (BROWN, 2007, p.107).

É possível perceber que a imagem acima é constituída de diversos elementos que dão a ideia principalmente da força e do poder que emana da presença de Mitra, desde os animais que o rodeiam até sua expressão séria e determinada conferindo então uma percepção de conquista e superioridade por parte do deus. Esse dado é importante, pois nota-se a disseminação de várias imagens semelhantes a essa ao longo do Império Romano (POVANZO, 2009, p.29), sendo assim é possível pensar que, embora não se saiba ao certo detalhes da personalidade e do significado completo de todo o aparato imagético registrado sobre a mitologia mitraica, é amplamente possível inferir que a construção identitária do deus

Mitra romano aponta para uma divindade profundamente ligada a uma ideia de força, conquista e até mesmo de vitória.

Como um de seus epítetos mais recorrentes já sugere, Mitra é *Invictus*, o que evidencia sua característica de um deus que não conhece a derrota e que dá vitória aos seus fiéis (SANZI, 2006, p.47). Esse aspecto é extremamente relevante para a pesquisa, pois reafirma o caráter de vitória que o deus pode proporcionar a aqueles que lhe honram, como é possível observar na imagem abaixo do altar erigido por Augustus Flavius Maius Sabinus, *praefectus*³² da III legião:

Figura 18– Altar em homenagem a Mitra encontrado em Ptuj.



Fonte: <http://www.tertullian.org/>. Acessado em: 24.08.15.

As imagens acima encontram-se em um altar em mármore branco monumento erigido em honra a Mitra nele é possível observar na primeira figura o desenho de um arco, aljava com flechas e uma espada. Na segunda figura Mitra portando arco e flecha tira água de uma rocha, a sua frente existe a presença de uma pessoa que se ajoelha com as mãos estendidas enquanto que outra pessoa abraça os joelhos de Mitra. Sabe-se que o altar foi erigido por um membro do Exército Romano, pois existe a seguinte inscrição gravada: “À Mitra invencível Deus Sol, de nosso Senhor para a salvação do piedoso Agosto Flavius Maio Sabinus *praefectus* da III legião, homem invencível, mérito excepcional, Voto feito de bom grado” (tradução livre. CIMRM. 1548).

³² O *praefectus castrorum* ("prefeito do campo"), seu era manter e atualizar o equipamento, organizar a Legião e certificar-se de que os soldados estavam devidamente treinados. Foi no Exército Romano do Império, o terceiro comandante mais antigo da legião romana após o legado (*legatus*) e o tribuno militar sênior (*tribunus laticlavus*).

A princípio é pertinente notar que a natureza de alguns dos objetos esculpidos no altar acima curiosamente remete a um ambiente bélico, e nesse ponto é possível fazer um paralelo entre as atribuições divinas e os utensílios utilizados por Mitra e as atividades dos soldados romanos, já que ambos se utilizam de um aparato armamentista similar, portando sempre objetos como adagas, arcos e flecha. E no caso desse altar, além dos objetos gravados existe também a presença da cena do “milagre da água”, que é outro momento que é recorrentemente retratado em altares e nos templos dedicados a Mitra e que reforça seu caráter miraculoso (CLAUSS, 20014, p.58).

Um dado que chama a atenção para essa fonte arqueológica é que além dela dispor de um conjunto imagético bastante simbólico e que reforça a natureza guerreira desse deus, existe também a presença de uma inscrição extremamente significativa, que além de reafirmar o caráter invencível de Mitra, um de seus epítetos mais recorrentes, também indica que aqueles que o adoram se tornam invencíveis, visto que o indivíduo que lhe dedicou o altar, no caso Agosto *Flavius Maio Sabinus praefectus da III legião*, ao final da inscrição indica que também se tornou um homem invencível. Esse dado é importante, pois, essa noção de invencibilidade pode ser relativizada, tanto no sentido de que o indivíduo pode se reconhecer invencível pelo fato do deus lhe conceder vitória em uma batalha ou por ter poupado sua vida, como também por outras razões como veremos abaixo.

Em alguns casos a questão da invencibilidade pode ser relativa a promoção para um cargo superior, ou mesmo que se não consiga atingir cargos privilegiados pode ser relativo a apenas por exercer sua função honradamente e sem incidentes, como é o caso de Aurelius Marcellus, que “cumpriu como um veterano o voto que havia feito quando era soldado” e dedicou um altar ao Invencível Mitra, que lhe ajudou quando ainda era soldado a tornar a si mesmo “invencível”, que é completar com êxito o período de serviço, e ser capaz de desfrutar sua recompensa como veterano e cidadão respeitável (CLAUSS, 2004, p.143).

É importante frisar que a observância religiosa e a busca por proteção e vitória no Exército Romano não se voltava apenas para uma divindade em específico, e principalmente pela configuração da Religião Romana era extremamente comum à utilização de associação entre deuses, como também em uma mesma prece dirigir a atenção para um grupo variado de divindades, no intuito de reforçar a eficácia de suas orações, na qual estendia-se o pedido, por exemplo, “a Júpiter, o melhor e maior, a Juno, a Minerva, a Marte, a Vitória, a Hércules, a Fortuna, a Mercúrio, a Felicidade, a Saúde, aos Destinos, as divindades do campo, a Apolo, a Diana, ao Gênio que guarda o corpo do Imperador” (CIL, 2.181). Sendo assim a fórmula segura era dirigir-se a todos os deuses e deusas, pois dessa forma tinha-se a certeza que não se

estava esquecendo-se de nenhuma área da vida. Assim como também os epítetos empregados mostram também esse respeito religioso, visto que eles eram considerados deuses bons (*boni*) e hospitaleiros (*hospites*) e garantiam a saúde (*salutares*), são compassivos (*iuvantes*), que defendem (*fautores*) e preservam do mal (*conseruatores*) (LE BOHEC, 2004, p.333),

Entretanto o soldado romano, dada a natureza de seu ofício, que era de uma exposição recorrente a uma série de perigos, mesmo dispondo da proteção de um vasto número de divindades, muitas vezes buscava a proteção individual de um deus, como no caso de Mitra, que sua natureza bélica e invencível e seu sistema religioso único lhe apresentava algo que as outras deuses não lhe ofereciam, o que não quer dizer que houvesse uma rejeição ou exclusão de uma divindade em detrimento de outra, visto que para o homem romano os deuses eram seres superiores e merecedores de respeito e de homenagens, sendo assim, amavam os homens virtuosos e fariam triunfar a boa causa, e dariam com certeza a vitória ao fiel que reconhecia o poder da divindade (VEYNE, 2009, p.190 Apud. SOARES, 2011, p.145).

Enquanto existe um número considerável de fontes históricas, tanto imagéticas quanto epigráficas que apontam para uma possível construção representativa de Mitra como uma divindade bélica e guerreira, não existe quase nenhuma menção a esse aspecto desse deus em fontes literárias, entretanto é válido salientar, que, como dito anteriormente, de uma forma geral não existe um grupo vasto de obras literárias que apresentem de forma mais clara uma narrativa mítica linear sobre essa divindade bem como sobre a configuração litúrgica desse culto. Entretanto uma passagem presente na obra *De Corona* ou *De Corona Militis*, de autoria Tertuliano faz uma menção curiosa relativa ao termo utilizado para identificar os seguidores de Mitra:

4. E rapidamente, desde então, não é mais coroado. Se em seguida fosse colocado á prova sobre o juramento, ele tem isso como sinal de reconhecimento; rapidamente é considerado soldado de Mitra um pacto que tem jogado por terra a coroa, um pacto que tem dito que aquela está no seu deus. Reconheçamos as astúcias encontradas no diabo, o qual, reivindicando algumas coisas divinas, graças à fé dos seus seguidores procura perturbá-los e julgá-los. (TERTULIANO, *De cor.*, XV, 4. Apud SANZI, 2003).

Tertuliano que escreveu o seu tratado para fazer sua apologia sobre a incompatibilidade do serviço militar com a religião cristã, registra a sua valoração negativa quanto ao serviço militar em acréscimo trata das práticas mitraicas. E essa obra especificamente trata de uma série de exortações relativas aos soldados romanos, e no caso desse trecho refere-se a um soldado cristão que se recusou a participar de uma cerimônia pagã, e foi posteriormente acusado de se fingir ser mitraista (SHEAN, 2010, p.192). É válido

observar a forma que Tertuliano utiliza para identificar os mitraístas, ele os chama de “soldados” de Mitra, essa nomenclatura é dúbia, visto que não fica claro se a utilização desse nome seria relativa ao grau de iniciação ao quais os mesmos pertenciam³³, já que o mesmo demonstra certo conhecimento relativo ao processo de iniciação mitraica, indicando elementos como utilização de espada e coroas no ritual, ou se seria uma forma de identificar os soldados que optaram por seguir ao cristianismo e os que se utilizavam das práticas religiosas mitraicas.

Contudo do que já foi exposto ao longo desse tópico, há indícios que apontam para uma possível relação entre a representação do deus Mitra e a sua personificação como uma divindade de forte natureza guerreira e militar. E nesse ponto é importante verificar as relações existentes entre os indivíduos e a forma como os mesmos enxergam e apreendem a sua realidade, visto que, é importante ter em vista que as representações mostram como em variados lugares e momentos históricos uma realidade social vai sendo construída, pensada e lida através de classificações e recortes que criam significados variados graças ao qual o mundo em que se vive adquire sentido. Sendo assim as representações são estruturadas e estruturantes no sentido que, ao mesmo tempo em que é determinada pela sociedade a qual pertencem, irão definir também a percepção sobre a realidade social, podendo ser pensadas como matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social (CHARTIER, 1989, p.21).

E no caso das representações de Mitra feitas ao longo do Império Romano, foi possível constatar que houve uma construção representativa feita em torno da natureza invencível (*Invictus*) desse deus, em que há uma percepção por parte dos seus fieis de reconhecê-lo como uma divindade pronta para as adversidades, muitas vezes montado em um cavalo, portando sempre armamentos tipicamente militares, produzindo milagres, como a transformação das rochas em água, e que com sua força e persistência consegue vencer seu maior desafio, que é a captura do touro. Nesse ponto é válido pensar então que existe uma possibilidade de que a representação bélica e as atribuições guerreiras desse deus possam ter agido como uma forma de atrativo para que os membros do exército se identificassem com a divindade e propagassem seu culto ao longo do Império Romano, como será visto no tópico a seguir.

4.3. O EXÉRCITO COMO DISSEMINADOR DO CULTO MITRAICO NO IMPÉRIO ROMANO

³³ Como exposto no capítulo dois, um dos graus de iniciação do culto mitraico era nomeado de *miles* ou o grau de soldado.

Como pôde ser observado anteriormente, o deus Mitra possui um caráter militante, sempre pronto para a batalha, solícito para assistir seus fieis em seus combates e provações e sempre preparado para trazer-lhes a vitória. Não é de se admirar, portanto, que os soldados de várias categorias das legiões romanas, inclusive orientais, demonstrassem interesse pelo deus Mitra. A observância desse culto poderia garantir assistência e proteção a todos os que entregaram suas vidas em defender Roma e suas fronteiras, e a garantia de ajuda divina no campo de batalha, nas disciplinas militares e até mesmo a promessa de uma salvação e uma possível dimensão pós-vida foram fatores muito importantes na propagação do culto de Mitra e seu reconhecimento oficial.

A evidência material do século II d.C. indica que nos locais onde os romanos hasteavam os seus estandartes havia evidências de cultos mitraicos. Como é o caso de M. Valerius Maximianus, que nasceu em Poetovio³⁴ na província da Dalmácia, onde havia três grandes mitreus e, na época em que foi comandante da Décima Terceira Legião (*Legio XIII Gemina*), consagrou um altar em um mitreu em Apulum³⁵ e posteriormente, como comandante da Terceira Legião (*Legio III Augusta*) entre os anos 183 e 185, consagrou altares em Lambaesis³⁶ em Numídia³⁷ (CUMONT, 2004, p.38). Esse exemplo é importante para verificar em como se deu o processo de disseminação do culto para o deus Mitra por meio do exército, e principalmente para que seja destacada a importância dos membros de classes mais altas do exército, como comandantes e centuriões, os quais terão a sua posição de destaque e de superioridade frente às classes mais baixas do exército.

O Mitraísmo é uma religião que têm a sua face de mistérios, Graham Watson (1969) sugere que esse caráter misterioso fez com que o culto ganhasse popularidade por entre os membros das classes superiores do exército: “sua natureza exclusiva teve um grande apelo para classe oficial” (WATSON, 1969, p.345), nesse sentido é possível pensar que a conexão do culto mitraico com a classe de oficiais do exército teve um importante papel para que esse culto fosse propagado por entre as legiões. Como é o caso, por exemplo, de placas votivas com dedicações, encontradas em um mitreu perto de fortes na Grã-Bretanha feitas por um *praefectus* e um centurião, essas placas ilustram a dedicação da classe oficial ao culto mitraico, e dizem o seguinte: “Ao invencível Deus do Sol Mitra, Senhor eterno, Publicius

³⁴ Poetovio: atual Ptuj, cidade e município urbano da Eslovênia.

³⁵ Apulum era um província romana na região da Dácia entre os séculos II e IV d.C, hoje localizada em Alba-Iulia na Romênia.

³⁶ Lambésis é uma antiga cidade romana em ruínas na Argélia.

³⁷ Numídia é o antigo nome de uma região do norte da África localizada no território onde hoje estão a Argélia e, em menor proporção, a Tunísia ocidental.

Proculus, centurião, em nome dele e de seu filho Proculus, cumpriu merecidamente o seu voto, no consulado dos nossos senhores Gallus e Volusianus” (CIL 7.646) Além dessa, foi encontrado outra placa que dizia o seguinte: “Para o Deus invencível Mitra, Marcus Simplicius Simplex, prefeito, de boa vontade e merecidamente cumpriu seu voto” (RIB-1546) Ambas as dedicatórias datam do século III d.C. e refletem uma profunda dedicação para com esse deus.

O papel das promoções no exército era extremamente importante, já que em ocasiões como essas, os oficiais normalmente eram transferidos para outras regiões do Império Romano. Essas práticas eram comuns e o tempo de permanência de oficiais, como centuriões, nos novos postos poderia durar apenas alguns anos, sendo assim, não se configurava como um período tão longo. O que ocasionou uma rotatividade de oficiais por entre as províncias imperiais. As transferências de membros do exército para outros postos podem ter sido importantes para a disseminação do Mitraísmo, pois permitiu uma rotatividade de indivíduos que ocupavam cargos privilegiados e que possuíam divindades específicas que eram cultuadas por eles, como é o caso, por exemplo, do cargo de centurião que sua posição lhe garantia considerável influência moral sobre os recrutados, os quais esses oficiais tinham obrigação de instruir (CUMONT, 2004, p.41-42). E mesmo que não se conheça o grau de influência desses oficiais sobre a vida religiosa das tropas é curioso os casos como o de um centurião chamado, Marcus Valerius Maximianus, que foi transferido para muitas unidades auxiliares nas províncias e em cada unidade que Maximianus estava ordenou que fosse produzida uma dedicação mitraica (DANIELS, 1975, p.235).

As placas de dedicação não só ajudam a ilustrar os locais e os períodos em que os cultos mitraicos foram estabelecidos, mas também revelam muito sobre as práticas religiosas dos militares, já que os soldados romanos registravam mais informações sobre si do que os civis romanos (DANIELS, 1975, p.268) Algumas das informações que podem ser recolhidas desses objetos incluem o cargo que cada soldado ocupava no período em que foi feita a dedicação ao deus, se os mesmos eram de uma unidade legionária ou auxiliar, e em alguns casos é possível conhecer até a natureza do pedido ou do agradecimento para com a divindade, sendo assim ao examinar as áreas onde as legiões romanas estavam estacionadas em todo o território romano, pode-se rastrear onde as crenças mitraicas se espalharam.

Para refletir sobre a relação existente entre as transferências de tropas e a disseminação do Mitraísmo, é válido examinar, como exemplo, o movimento de legiões na parte oriental do Império Romano e uma área extremamente importante para pensar a respeito disso é a fronteira do Danúbio, conforme abaixo no mapa:

Figura 19 – Mapa do Império Romano no século II d.C.



Fonte: <https://angelinawittmann.blogspot.com.br/2016/07/limes-lorch-roteiro-alemanha-2016.html>. Acessado em: 12.06. 17

O rio Danúbio encontra-se na área em verde, próximo ao nome “Germania”, nessa região muitas inscrições mitraicas foram encontradas e a mesma foi guarnecida por um grande número de tropas que estavam anteriormente estacionados na zona leste. As maiores concentrações de inscrições ocorreram nas províncias do norte e do centro (MACMULLEN, 1978, p.6). Esta informação alinha-se com a presença de tropas nas fronteiras dessas regiões. Há, por exemplo, evidência de uma dedicação em um altar de Mitra por um centurião da XV Legião Apollinaris na Panônia³⁸ (DANIELS, 1975, p.250).

Os movimentos realizados pela legião citada no parágrafo anterior foram bem documentados e são úteis no rastreamento de onde as práticas mitraicas foram introduzidas e adotadas pela legião. Acredita-se que as inscrições feitas por essa legião pertençam ao período entre 62 e 71, que é após a transferência da XV Legião Apollinaris que estava no Leste (Armênia e Judeia) para a região Panônia. É válido salientar que a Armênia por sua vez era uma conhecida localidade onde o culto mitraico teve grande expressividade. Também é importante ressaltar que várias tropas perdidas nesta região foram substituídas por homens das Províncias Orientais da Capadócia e da Galácia, outros locais conhecidos pela forte presença do culto mitraico (DANIELS, 1975, p.251). Nesse sentido é válido pensar que o interesse pelo culto pode ter ocorrido entre as tropas após a interação com outras unidades e outros povos, e

³⁸ Panônia é o nome de uma antiga província do Império Romano delimitada no norte e no leste pelo Danúbio, a oeste faz fronteira com a Nórca e o norte da Itália, e para o sul, com a Dalmácia e o norte da Mésia.

o exemplo acima é importante para a pesquisa, pois reafirma a importância que as tropas militares tiveram no processo de difusão do culto ao deus Mitra, já que se nota que esse intenso traslado desses grupos para diversas regiões de domínio romano proporcionou uma maior difusão de costumes, conhecimento, cultura e expressões religiosas.

É importante pensar então no papel inicial que o exército terá como disseminador do culto mitraico e nota-se que tanto no Eufrates e na África assim como na Bretanha, na Alemanha e na Panônia e Mésia³⁹, os acampamentos e destacamentos militares possuíam “células mitraicas”. Em Dura-Europos e na Dácia, havia a presença de recrutas de origem oriental, como comagenses, arqueiros sírios, e palmirenhos faziam adorações a Mitra e outras divindades como Júpiter Doliqueno⁴⁰ e a outros deuses sírios. Significativamente, Mitra também é adorado por entre os soldados romanos na região de Lambésis. E nesse amalgama de regiões com costumes tão distintos é que o deus Mitra encontrou fiéis em todas as hierarquias do exército como os soldados rasos, escrivães das legiões, *praefectus* das cavalaria, legionários e governadores que se tornaram além de meros adoradores, potenciais canais para que esse culto fosse conhecido por entre as diversas regiões do Império Romano (TURCAN, 2001, p.227).

Um aspecto interessante relativo ao processo de iniciação ao culto mitraico é que para participar de um *taurobolium*⁴¹ era uma tarefa elaborada e dispendiosa, sendo assim não havia muitos soldados que eram capazes de pagar pela cerimônia de forma independente. Portanto, para que o houvesse uma maior disseminação do culto era necessário que as cerimônias se tornassem mais fáceis e acessíveis e menos onerosas, sendo então uma opção que poderia estar disponível para as tropas. E essa disponibilidade e popularidade aparentemente foram alcançadas visto que, diversos objetos mitraicos também foram encontrados nos fortes das tropas auxiliares, que eram unidades mais humildes (DANIELS, 1975, p. 69). Sendo assim o culto cresceu em um método célula por célula”, no qual foram realizadas reuniões, que incluíam a ceia, o canto e participação dos ritos religiosos, sem que fosse necessário que houvesse sempre a prática do *taurobolium* (MACMULLEN, 1978, p. 53-54), e talvez isso

³⁹ Mésia ou Moésia era o nome de uma antiga região dos Balcãs ao longo da margem sul do Danúbio e que foi posteriormente incorporada como uma província romana. Ela incluía os territórios dos estados modernos da Sérvia (Mésia Superior), a região norte da República da Macedônia à volta de Skupi e Kumanovo, norte da Bulgária, Dobruja romena, o sul da Moldávia e Budjak (Mésia Inferior).

⁴⁰ Jupiter Dolichenus (Latin *Juppiter Dolichenus*) ou simplesmente Dolichenus era um deus romano criado a partir do sincretismo do romano Júpiter *optimus máximo* e adoração de Baal na antiga cidade greco-romana de dolique ou Doliche (em idioma turco: Duluk), a poucos quilômetros ao norte de Gaziantep moderna, em Comagene Ásia Menor. Ele veio a se identificar com o deus persa Ahura Mazda e na Grécia Antiga foi dado o nome de Zeus Oromasdes.

⁴¹ No Império Romano, entre o segundo e quarto século d.C, o *taurobolium* referia-se a práticas religiosas que envolvem o sacrifício de um touro, geralmente ligadas ao culto da deusa mãe e Mitra.

fosse o necessário para a admissão ao culto e essa adaptação à realidade do exército, permitiu um maior alcance por entre as diversas camadas do exército.

Um dado instigante acerca da disseminação do Mitraísmo em solo romano é que apenas após o final do segundo século d.C. é que existirá um maior fluxo dessa expressão religiosa por entre o Império Romano. Um exemplo interessante desse dado pôde ser visto nas regiões Sul do Império, especialmente nas províncias africanas. Nessa região em particular, foram encontradas inscrições mitraicas na província africana de Numidia e as mesmas continham dedicações ao bem estar do imperador Cômodo (PARKER, 1958, p.119). Essas inscrições foram as primeiras evidências mitraicas que foram encontradas nessa região no final do século II d.C., esse dado, portanto, pode ser marcado como o momento provável de introdução do mitraísmo nessa área. E apesar de ter havido uma legião anterior na África, a *III Augusta* desde o reinado de Augusto, não há evidências anteriores desse culto, sendo assim, o fato das inscrições datarem do final do segundo século, que como já foi dito, acredita-se ser o período intensivo de propagação do Mitraísmo no Império, pode indicar o quão rápido o culto de Mitra foi adotado uma vez que foi inicialmente introduzido, já que devido à transferência de membros da elite militar, em um curto período de tempo, pode-se explicar a transferência também costumes religiosos exóticos entre as fronteiras em um curto período de tempo. Além disso, um dado curioso é que grande parte dos soldados que foram adicionados ao *III Augusta* eram provenientes de regiões orientais (PARKER, 1958, p.120).

O mitraísmo complementou os cultos oficiais dos militares, e junto a culto ao imperador e as obrigações religiosas, proporcionava uma sensação crescente de fraternidade e conforto em batalha e na vida militar de forma geral, entretanto é importante perceber que mesmo que existam evidências de adoração a Mitra posteriores ao período Imperial, há uma escassez de fontes relativas a este culto nos dois primeiros séculos d.C. É apenas até a metade do segundo século seguinte, durante o reinado de Cômodo, que é possível perceber um aumento na dedicação de monumentos e placas de adoração a Mitra, enquanto que anterior a esse período existe pouquíssimas evidências, sendo assim esses dados permitem que seja estimado que a disseminação dos cultos mitraicos no Império se deu principalmente após o governo de Cômodo (MACMULLEN, 1978, p.119).

Uma das principais questões relativas ao Mitraísmo no Império é saber motivo pelo qual o mesmo não era tão expressivo nos dois primeiros séculos d.C. A falta de inscrições neste período é curiosa, e leva ao questionamento que busca saber que condições no final do segundo e terceiro séculos permitiram que este culto florescesse e fosse disseminado. Essa indagação não possui uma fácil resposta, entretanto um possível fator pode ter sido a

constante transferência das tropas romanas em todo o Império, como por exemplo, três legiões foram enviadas do oeste a leste durante as guerras romanas- partas de Marcus Aurélio e Lucio Vero em 161-166, e talvez nessa dispersão por entre as regiões orientais possa ter sido o período em que houve um especial interesse pelas expressões religiosas de mistérios, como o Mitraísmo, visto que mais tarde, após o fim dessa guerra muitos soldados retornaram para a região oeste do Império e talvez trazendo possivelmente consigo a devoção a novas divindades estrangeiras(LE GLAY, 2005, p. 305)

É curioso notar que enquanto numerosos adoradores de Mitra eram civis, como pode ser visto através de dedicatórias ao longo das cidades sobre dominação romana, sabe-se, que como foi discutido ao longo desse tópico que o Mitraísmo estava presente de forma expressiva entre as tropas romanas. Isso pode ser determinado de várias maneiras, como a proximidade entre campos de mitreus; A descoberta de materiais mitraicos, como altares e placas votivas em localidade militares, que foram ofertadas por legiões ou soldados individuais. E nesse ponto é pertinente notar que, por exemplo, na região que atualmente se encontra a Alemanha, há uma separação completa entre os mitreus para militares dos civis, em que os templos mitraicos associados ao exército foram encontrados nas localidades das fortalezas militares permanentes e em zonas defensivas, e esse fato pode explicar a natureza exclusiva das ofertas dos militares nos mitreus, entretanto havia dedicações dos militares em templos civis em outras localidades alemãs (DANIELS, 1975, p.64).

Muitos Cultos Orientais ganharam apoio público e consequentemente financeiro do estado, no caso do Mitraísmo, no entanto, o mesmo foi financiado de uma forma geral apenas por seus membros, já que, diferente de outros Cultos Orientais, o mesmo permaneceu sempre como um culto “privado”, sem nenhuma cerimônia oficiada de forma pública. Essa exclusividade, que deve ter sido um atributo positivo e um diferencial para os seus membros, provavelmente impediu o culto de se tornar universalmente aceito; Isso porque o Mitraísmo era um culto secreto no qual seus iniciados tinham um maior comprometimento em guardar os segredos dos rituais realizados, e assim como no Exército Romano a lealdade era algo extremamente importante, essa também será uma característica que os seus seguidores tinham que possuir para com o culto (GNOLI, 1987, p.9).

O sentimento de lealdade ou, pelo menos, de familiaridade e respeito para com os deuses que foram adotados pelos soldados durante o tempo de serviço militar foi extremamente importante para que, mesmo após o término das obrigações junto ao estado, houvesse uma continuidade na disseminação de cultos, como os dedicados a Mitra, por parte dos antigos membros do exército (GNOLI, 1987, p. 25). É durante esta fase da vida do ex-

soldado que novas pessoas, que não tinham normalmente acesso aos membros militares e seus costumes religiosos, seriam introduzidas aos cultos que os soldados continuaram praticando mesmo após o fim de sua carreira. Se um soldado se estabeleceu em uma cidade ou região mais perto de onde ele estava no último posto, ou foi enviado para uma colônia recém-criada, ele e seus colegas veteranos trariam seus cultos adquiridos junto com eles. Portanto, um soldado poderia ser creditado como propagandista da religião em todo o Império duas vezes durante sua vida (CUMONT, 2004, p.60-61) Por exemplo, primeiro um centurião poderia ter sido iniciado ao culto mitraico antes de sua promoção, e levou o culto consigo depois de sua transferência, posteriormente, em sua aposentadoria, esse mesmo soldado, depois de seu quarto de ano de serviço no Exército Romano, poderia trazer suas crenças e cultos juntos com ele para o seu lar e consequentemente para a localidade onde estava residindo.

Como visto ao longo desse tópico o soldado romano cumpriu um papel essencial para a difusão do culto mitraico, e as próprias condições do Exército Romano lhe permitiram atuar de forma pontual para que o Mitraísmo atingisse as mais variadas instancias do ambiente militar, seja pelo intenso contato étnico que havia entre os membros do exército ou pela mobilidade social que esse grupo possuía e até mesmo pelo sistema hierárquico existente. Também foi possível notar a importância desse grupo para que o culto mitraico chegasse a outros indivíduos que não eram diretamente ligados ao exército, dito isto, reconhecer o protagonismo que esse grupo possuiu é essencial para que seja pensada na experiência humana e sua ligação com o mundo religioso, bem como para refletir em como cada indivíduo atua como um potencial difusor de ideias, conhecimentos e crenças em sua realidade social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi almejado contribuir para as pesquisas relativas ao campo da história antiga, tanto no Brasil como no Ceará, e mesmo que não se trate de uma tarefa simples pesquisar história antiga em um local tão improvável, espera-se que de alguma forma essa dissertação tenha impulsionado a novos pesquisadores que almejam seguir nesse campo de estudo. Acredita-se também que essa pesquisa tenha trago algo de construtivo para os estudos mitraicos, visto que é um tema tão pouco estudado no Brasil e que carece de pesquisadores que se debrucem sobre os vários questionamentos que perpassam por essa temática.

A escolha de uma tematica tão específica e permeada por lacunas, como é o caso do mitraísmo, fez com que fosse utilizado um leque de fontes que tanto auxiliassem na compreensão desse fenômeno religioso como também no questionamento principal da pesquisa que é de tentar compreender quais os atrativos apresentados por esse culto que fizeram com que o exército romano se engajasse de forma expressiva no processo de difusão desse culto por entre o Império Romano.

Inicialmente foi imprescindível conhecer quem eram esses indivíduos que tão fervorosamente depositaram sua fé em uma divindade estrangeira tão distinta dos outros deuses cultuados por eles. Sendo assim fez-se necessário no primeiro capítulo da dissertação conhecer as configurações do ambiente militar, e foi possível perceber que tratava-se de uma instituição extremamente organizada e hierarquizada, que possuía um alto nível de comprometimento para com seus superiores e estava sempre a serviço do Império Romano, tanto para conquistar territórios em campanhas como também para salvaguardar as regiões já dominadas. E é nesse ambiente tão único que será gestada uma troca cultural intensa entre os diversos povos sobre o poderio de Roma, isso porque o exército era composto por uma miríade de povos e etnias que transitavam por entre o Império, pois após o recrutamento provincial na época de Augusto os cidadãos das províncias romanas poderiam se alistar e se tornar membros do exército.

E dentre essas intensas trocas culturais travadas entre os soldados romanos nota-se que uma diversidade de cultos e práticas foram sendo compartilhadas e disseminadas, e dentre essas trocas percebe-se a introdução de um grupo bastante único de expressões religiosas convergindo para Roma, no caso, tratam-se dos chamados “cultos orientais” que se intensificaram a partir do século II d.C, e apontavam para novas formas de contato com o sagrado, e dentre as divindades presentes nesse culto encontra-se um deus, oriundo da Pérsia que se tornou extremamente popular entre os membros do exército romano, o deus Mitra, que

possuía um sistema religioso único, no qual seus cultos eram oficiados em templos subterrâneos e apresentava um sistema iniciático extremamente ritualístico e de caráter astrológico e cosmológico.

Por se tratar de um culto de mistérios não se torna possível compreender em sua totalidade como se concebia a ritualística das cerimônias e nem mesmo é capaz de conhecer de forma clara a mitologia desse deus, esse fato é curioso, visto que, enquanto outras divindades orientais como Isis, que dispõe de obras literárias como *O Asno de Ouro* de Apuleio e *Isis e Osiris* de Plutarco que narram o seu mito, não existem quase nenhuma informação acerca do mito de Mitra, apenas algumas passagens inconclusivas acerca da história desse deus. Entretanto existem algumas passagens importantes sobre a jornada de Mitra que são gravadas em pedras, pinturas e afrescos e que auxiliam na busca por compreender quem era essa divindade, quais seus atributos e como se constituía o seu mito.

E é dentro desse contexto permeado por incertezas e lacunas que foi questionada a proeminente presença do exército romano para com esse culto. Foi então levantado o questionamento de que talvez existisse algo nos preceitos mitraicos que tivesse chamado a atenção do soldado romano de forma especial, nesse sentido foi sugerido ao longo da pesquisa de que talvez a configuração desse culto que apontava para uma possível sobrevivência da alma em um cosmos ou em uma realidade pós-vida tivesse agido de forma positiva para que o soldado buscasse se consagrar a esse divindade, visto que a realidade a qual esse indivíduo vivia era bastante sacrificada, permeada por perigos e batalhas, longe do convívio civil e muitas vezes expostos a uma série de castigos, e talvez uma divindade que apontasse para uma espécie de salvação ou de redenção fosse tida por ele de grande valia.

Outra hipótese levantada durante a dissertação é que a representação desse deus possa ter influenciado em sua popularidade por entre os militares, pois é curioso notar que a forma que Mitra é representado alude diretamente a um contexto militar, no qual o deus aparece em portando armamentos bélico, como espadas, adagas, arcos e flecha, muita vezes montado a cavalo e sempre em pose heroica. Assim como também como seu próprio epíteto indica ele é um deus *Invictus*, que não conhece a morte e nem a perda, e curiosamente em seu possível contexto posterior iraniano, uma das atribuições do deus Mitra era que ele era concebido como o deus dos guerreiros, que com suas flechas alcançava todos aqueles que violavam um contrato. E mesmo que na atual pesquisa fosse estudado o contexto romano é curioso notar que um possível contexto posterior haja a recorrência das atribuições guerreiras desse deus.

Sendo assim, foi trabalhado em cima da hipótese de que talvez a natureza bélica do deus Mitra possa ter influenciado na adesão dos soldados para com esse culto, visto que uma

divindade que além de apontar para uma possível dimensão pós vida ainda detinha tantas características em comum com esse grupo provavelmente era merecedora de um empenho tão profundo como aquele dedicado pelos militares romanos.

Por fim foi pensado também na figura do soldado como um disseminador do culto mitraico e quais os meios específicos favoreceram esse processo por parte desse grupo, nesse sentido foi levado em conta à própria configuração do exército romano, que privilegiava o constante transito de militares por entre o Império Romano, facilitando assim a mobilidade social desse grupo que poderia, além de conhecer novos cultos durante essas mudanças de postos também continuar a adoração a determinado deus nos postos seguintes ao qual era designado. Além disso, dependendo do grau de importância do oficial do exército, como é o caso do legionário, cuja posição lhe garantia influencia moral sobre os recrutados, talvez houvesse também uma influencia religiosa sobre as tropas sob seu comando.

Nota-se com tudo que foi exposto que mesmo tratando-se de uma temática bastante complexa e com fontes tão diversas e espaçadas foi possível construir uma importante discussão acerca das experiências religiosas presentes no Império Romano.

REFERÊNCIAS

- ALFODY, G. **A História Social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.
- ALVAR, J. MAZA, C. M. Cultos orientales y cultos mistericos. In: ALVAR, J. **Cristianismo primitivo y religiones mistericas**. Madrid: Cátedra, 1995, p. 479-498.
- ALVAR, J. **Romanising oriental Gods: myth, salvation, and ethics in the cults of Cybele, Isis, and Mithras**. Boston: Brill, 2008.
- BEARD, M; NORTH, J; PRICE, S. **Religions of Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BECK, R. The Religion of Mithras Cult in the Roman Empire: Mysteries of the Unconquered Sun. New York: Oxford University Press. 2006.
- BJORNEBYE, J. **“Hic locus est felix, sanctus, piusque benignus”**: The cult of Mithras in fourth century Rome. 2007 . 189. Dissertation (degree of philosophiae doctor) - Faculty of Arts of Bergen, Norway, 2007.
- BROWN, S. **Methodology in the Interpretation of Roman Mithraic Imagery**. New York: Columbia University Press, 2007.
- BURKERT, W. **Antigos Cultos de Mistério**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1992.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Práticas culturais no império romano: entre a unidade e a diversidade. In: SILVA, G.V.; MENDES, N. M. (Orgs.). **Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Vitória: EDUFES/ Mauad, 2006.
- CAMPBELL, B. **The Roman Army, 31BC-AD337: A Sourcebook**. London: Routledge, 1994.
- CAMPOS, I. **El culto del dios Mithra en la Persia Antigua**. Las Palmas de G.C.: ULPGC, 2006.
- CARRIÉ, J. O Soldado. In: GIARDINA. **O Homem Romano**. Lisboa: Presença, 1992.
- CARTER, J.B. **The Religious life of Ancient Rome: A study in the Development of Religious Consciousness from the Foudantion of the City until the Death of Gregory the Great**. New York: Cooper Square Publishers, 1972.
- CHALUPA, A. Seven Mithraic Grades: An initiatory of Priestly Hierarchy? **Revue pro Religionistiku**, London, v.13, n.4, p.40-57, set./dez. 2008.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. **A beira da falésia: a história e as incertezas e inquietudes**. Tradução: Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM. Roma: Città Nuova, 1985.

CORPUS INSCRIPTIONUM ET MONUMENTORUM RELIGIONES MITHRAE. Leiden. Brill, 1960.

CLAUSS. M. **The Roman cult of Mithras: The God and his mysteries.** New York: Routledge. 2011

COOPER. J. **Mithras: Mysteries and Initiation rediscovered.** York Beach: Samuel Weiser Press. 1996.

CUMONT, F. **The Mysteries of Mithra.** New York: Dover Publications, Inc., 2004.

DANIELS, C.M. The role of the Roman Army in the spread and practice of Mithraism. In: _____. **Mithraic Studies: Proceedings of the First International Congress of Mithraic Studies.** Manchester: Manchester University Press, 1975.

DAVIES, R.W. **Service in the Roman Army.** New York: Columbia University Press, 1989.

FERGUSON, J. **The Religions of the Empire.** New York: MacMillan Publishing Company, 1987.

FLAVIO JOSEFO. **Seleções de Flavio Josefo.** São Paulo: Américas, 1974.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

GNOLI G. Mithraism In: _____. **The Encyclopedia of Religion.** New York: MacMillan Publishing Company, 1987.

GORDON. R. **Mithraism in Roman Society: social factors in the explanation of Religious change on the Roman Empire.** London: Routledge, 2001.

_____. **The End of Mithraism in the Northwestern Provinces.** London: JRA Publishers. 1998.

GRIMAL, P. **O Império Romano.** Lisboa: Ed. 70, 2011.

GUARINELLO, N. L. **Imperialismo Greco-romano.** São Paulo: Ática, 1994.

_____. **História Antiga.** São Paulo: Contexto, 2013.

HELGLUND, J. **Christians and the Military: The Early Experience.** Philadelphia: Fortress Press, 1985.

HENIG, M. **The Veneration of Heroes in the Roman Army: The Evidence of Engraved Gemstones.** Massachusetts: Blackwell Publishing, 1970.

JONES, L. **The Hermeneutics of Sacred Architecture: Experiences, Interpretation, Comprasion.** Massachusetts: Harvad University Center for the study of World Religions, 2000.

LE BOHEC, Y. **El Ejército Romano.** Barcelona: Ariel. 2003

_____. **The Imperial Roman Army.** London: B.T. Batsford Ltd. 1994

LE GLAY. M. **A History of Rome.** Massachusetts: Blackwell Publishing, 2005.

MACMULLEN, R. **Paganism in the Roman Empire.** New Haven: Yale University Press. 1981.

MATERNO, F. **L'errore dele religioni pagane: Introduzione, traduzione e note a cura di Ennio Sanzi.** Roma: Città Nuova, 2006.

MENDES, N. M.; SILVA, G. V. da (Org.). **Repensando o Império Romano; perspectiva socioeconômica, política e cultural.** Vitória: EDUFES, 2006.

NETO, Belchior M. **Bandidos e elites cidadinas na África romana: um estudo sobre a formação de estigmas com base nas Metamorphoses de Apuleio de Madaura (século II).** 2011. 196f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2011.

NORTH, J.A. **Roman Religion.** London: Oxford University Press. 2000.

PARKER. H.M.D. **The Roman Legions.** Cambridge: W.Heffer and Sons Ltd. 1958.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POMEROY, S. **Diosas, rameras, esposas y esclavas.** Madrid: Akal, 1987.

ROSA, C. B. A religião na Urbs. In: MENDES, N. M. ; SILVA, G. V. (Orgs.). **Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SANZI, E. **Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano: modelos e perspectivas metodológicas.** Fortaleza: UECE, 2006.

_____. **Culti Orientali nell'Impero Romano: Un'Antologia di fonti.** Cosenza: Edizioni Lionello Giordano, 2003.

SCHEID, J. **La religion dès romains.** Paris: Armand Colin, 1998.

SHEAN. F. **Pagan Rome and the Early Christians.** Bloomington: Indiana University Press.2010

SILVA, G. V. Política, Ideologia e Arte poética em Roma: Horácio e a criação do Principado. **Revista Politéia**, Vitória da Conquista, v.1, n.1, p. 30-51, 2005.

SIQUEIRA, S.M.A. Reflexões sobre a religio romana para introduzir o tema “Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano”. In: SANZI, E. **Cultos Orientais e magia no mundo helenístico-romano**: modelos e perspectivas metodológicas. Fortaleza: UECE, 2006.

SOARES, H.P. **Os cultos de Ísis e Atargátis no Alto Império Romano**: conflito religioso e formação de identidades nas Metamorphoses e De Dea Syria. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2011.

TURCAN, R. **Los cultos orientales en el mundo romano**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.

ULANSEY, D. **The Origins of the Mithraic Mysteries**: Cosmology and Salvation in the Ancient World. New York: Oxford University Press, 1991.

VEYNE, P. **O Império Greco-romano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WATSON G.R. **The Roman Soldier**. Ithica, NY: Cornell University Press, 1969.

WEBSTER, G. **The Roman Imperial Army of the First Second Centuries**. London: A&C Black Publishers Ltd. 1985.